UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

SIMONE RIZZATTO ALBERTINI GARCIA

GRAFIAS DE CODA NASAL EM TEXTOS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

São José do Rio Preto

2018

SIMONE RIZZATTO ALBERTINI GARCIA

GRAFIAS DE CODA NASAL EM TEXTOS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Profª. Drª. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto

2018

Albertini, Simone Rizzatto.
Grafias de coda nasal em textos do primeiro ano do ensino fundamental I / Simone Rizzatto Albertini Garcia. -- São José do Rio Preto, 2018
118 f. : il., tabs.

Orientador: Luciani Ester Tenani
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Língua portuguesa – Ortografia e silabação. 3. Ensino fundamental. 4. Nasalidade - Fonética. I. Garcia, Simone Rizzatto Albertini. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 469.0-1

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

SIMONE RIZZATTO ALBERTINI GARCIA

Grafias de coda nasal em textos do primeiro ano do Ensino Fundamental I

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Drª. Luciani Ester Tenani
Unesp – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Prof. Dr. José Sueli Magalhães
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza
USP - Universidade de São Paulo

São José do Rio Preto
06 de abril de 2018

Aos meus pais:

Marcus e Luci Léia, e

ao meu esposo Santiago Naliato Garcia.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por iluminar a minha vida, o meu caminho...

À Luciani Ester Tenani, pela dedicação e paciência dispensada a este trabalho, pelas longas conversas de orientações e por tornar esse projeto de pesquisa possível. A trajetória não foi simples e só se tornou possível com a sua ajuda como pessoa e profissional.

À Profª. Drª. Fabiana Komesu, pelas sugestões e contribuições durante a formação acadêmica nas disciplinas ministradas e no grupo da linha de pesquisa "Oralidade e Letramento" da pós-graduação.

Ao Prof. Dr. José Sueli Magalhães e ao Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza, pelas contribuições no exame de qualificação.

Aos colegas de Mestrado, em especial à Carina e à Tainan, pelo companheirismo, sugestões e incentivo.

Aos meus pais, Marcus e Luci Léia, por sempre me incentivar e ajudar nos momentos em que mais precisei.

Ao meu esposo, Santiago Naliato Garcia, pela paciência, incentivo e companheirismo.

À escola COOPEC, por tornar possível a coleta dos dados utilizados na pesquisa e pelo incentivo, da direção e coordenação, para a realização da pesquisa.

À Bolsa CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio financeiro, o que tornou possível a minha dedicação ao longo desta pesquisa.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho e de minha formação.

“Muitos homens odeiam a verdade,

por amor daquilo, que tomaram por verdadeiro.”

Santo Agostinho

Resumo

Nesta dissertação, o objetivo é identificar regularidades que possam ser típicos do processo de aquisição de escrita da grafia de consoantes nasais em posição de coda silábica do português brasileiro. A sílaba é considerada quanto a características fonéticas e fonológicas. Sob o aspecto fonético, a posição de coda silábica corresponde a um momento de redução de energia, o que pode tornar os segmentos que preenchem essa posição da sílaba menos audíveis. Sob o aspecto fonológico, a coda é um constituinte não-imediato da sílaba que apresenta várias restrições quanto ao seu preenchimento. A nasalidade apresenta uma complexidade decorrente de aspectos fonéticos aliados a uma discussão na literatura a respeito de sua representação fonológica. Soma-se, ainda, o fato de a nasal em coda no português brasileiro apresentar, sob o aspecto gráfico, três possibilidades de registro ortográfico (<m>, <n> e <~>). O córpus é constituído de grafias de palavras produzidas em ambiente escolar por alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola privada do noroeste paulista. As grafias de coda foram identificadas a partir de dezessete propostas de escrita, incluindo listas, músicas, parlendas, trava-língua, receita culinária, propostas de listas a partir de imagens. A metodologia consiste de análise quantitativa e qualitativa das grafias de coda. Os dados foram organizados de acordo com (i) registro de sílabas CVC/VC/CCVC com codas consonantais <S, L, R, N>, (ii) não registro de sílaba com coda nasal, (iii) registro não-convencional de rima com coda nasal, (iv) registro convencional de coda nasal. Esses registros foram analisados segundo os seguintes critérios linguísticos: vogal no núcleo silábico; posição da sílaba dentro da palavra; tonicidade da sílaba; número de sílabas da palavra e registro ortográfico. Foi observada a tendência de a grafia do segmento em coda nasal ser o último a ser registrado em comparação com os outros segmentos consonantais nessa mesma posição silábica, quando consideradas produções escritas ao longo do primeiro ano do Ensino Fundamental. Ao final do primeiro ano letivo, os sujeitos analisados flutuavam entre grafar e não grafar convencionalmente a coda nasal (como “aveca”, “avenca”), evidenciando a aquisição da sílaba com coda nasal, embora ainda não tendo dominado a convenção ortográfica do registro da nasalidade distintiva (“quen”). As grafias não-convencionais encontradas nos dados levantados podem ser explicadas a partir do trânsito do sujeito escrevente por práticas orais e letradas, uma vez que, em sua produção escrita, os sujeitos ancoram-se em características fonético-fonológicas dos enunciados falados e, também, em características ortográficas dos enunciados escritos.

Palavras-chave: Coda Nasal. Sílaba. Ortografia. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The goal of the present dissertation is to identify patterns that may be typical of the acquisition process of writing the spelling of nasal consonants in syllable coda position of Brazilian Portuguese. The syllable takes into consideration both phonetic and phonological features. Under the phonetic aspect, the syllable coda position corresponds to a moment of energy reduction, which can make the segments that fill this position of the syllable less audible. Under the phonological aspect, the coda is a non-immediate constituent of the syllable that has many restrictions on your filling. The nasality presents a complexity due to phonetic aspects combined with a discussion in the literature about its phonological representation. This also happens due to the fact that the coda in Brazilian Portuguese nasal presents, under the graphic aspect, three possibilities of Registry Checker (<m>, <n> and <~>). The córpus consists of spellings of words produced in schools for students of the first year of elementary school in a private school in the Northwest of São Paulo. The spellings of coda were identified from seventeen written proposals, including lists, songs, nursery rhymes, tongue twister**s**, cooking recipe**s**, lists proposals from images. The methodology consists of quantitative and qualitative analysis of the spellings of coda. The data was organized according to (i) record of syllables CVC/VC/ CCVC with consonant codas < S, L, R, N >, (ii) no record of syllables with nasal coda, (iii) non-conventional record rhymes with nasal coda, (iv) conventional record nasal coda. These records were analyzed according to the following criteria: linguistic vowel in the syllable nucleus; syllable position within the word; the tone syllable; number of syllables of the word and spelling record. It was observed the likelihood of the spelling of the segment in nasal coda to be the last to be recorded in comparison with the other consonantal segments on the same syllabic position, when considered written productions throughout the first year of elementary school. At the end of the first academic year, the subjects examined floated between carve and carve not conventionally the nasal coda (as "aveca", "avenca"), evidencing the acquisition of syllables with nasal coda, although not yet having mastered the orthographic Convention of record of distinctive nasality ("quen"). The unconventional spellings found in the data collected can be explained from the subject's transit clerk for oral and literate practices, since in your written work, the subject anchor-quality features-phonetic utterances spoken of phonological and orthographic features of written statements.

Keywords: Nasal Coda. Syllable. Spelling. Portuguese Language. Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Produção escrita excluída da análise 38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal 57

Tabela 2. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal 57

Tabela 3. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda) 58

Tabela 4. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda) 58

Tabela 5. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda) 59

Tabela 6. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda) 59

Tabela 7. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda) 60

Tabela 8. Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal 64

Tabela 9. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal 65

Tabela 10. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda) 65

Tabela 11. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda) 66

Tabela 12. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda) 67

Tabela 13. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda) 67

Tabela 14. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda) 68

Tabela 15. Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal 70

Tabela 16. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal 71

Tabela 17. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda) 72

Tabela 18. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda) 72

Tabela 19. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda) 73

Tabela 20. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda) 73

Tabela 21. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda) 74

Tabela 22. Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal 76

Tabela 23. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal 77

Tabela 24. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda) 78

Tabela 25. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda) 78

Tabela 26. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda) 79

Tabela 27. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda) 80

Tabela 28. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda) 80

Tabela 29. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda) 83

Tabela 30. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda) 84

Tabela 31. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda) 84

Tabela 32. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda) 85

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1. Esquema do esforço muscular e da curva da força silábica (CAGLIARI, 2009, p. 111) 20

Diagrama 2. Estrutura interna da sílaba (COLLISCHONN, 2001, p. 91) 21

Diagrama 3. Estrutura interna da sílaba (COLLISCHONN, 2001, p. 92) 21

Diagrama 4. Modelo silábico do inglês (COLLISCHONN, 2001, p. 98) 22

Diagrama 5. Princípios de composição de sílaba básica (BISOL, 1999, p. 703) 24

Diagrama 6. Grupos permitidos na posição de ataque (BISOL, 1999, p. 718) 25

Diagrama 7. Condição Positiva do Ataque Complexo (BISOL, 1999, p. 718) 26

Diagrama 8. Exemplos de preenchimento da posição de coda (BISOL, 1999, p. 719) 26

Diagrama 9. A sequência de sonoridade (COLLISCHONN, 2001, p.101) 27

Diagrama 10. Representação, nos termos da Fonologia Autossegmental, de uma sequência de nasal e oclusiva da palavra "canto" (BATTISTI; VIEIRA, 2005, p.165) 30

Diagrama 11. Processo de nasalização (MORAES; WETZELS, 1992, p.156) 31

Diagrama 12. Possibilidades de pronúncias das nasais (CAGLIARI, 2009, p. 95) 31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Conjunto de palavras selecionadas com codas fricativa, lateral e vibrante 42

Quadro 2. Conjunto de palavras selecionadas com coda nasal 43

Quadro 3. Tipos de registros e exemplos de grafias com coda 46

Quadro 4. Critérios para classificação dos dados 44

Quadro 5. Possibilidades de ocorrência de sílabas com coda nasal 45

Quadro 6. Tipos de registros de coda consonantal ao longo do 1º ano do E.F 48

SUMÁRIO

Resumo ... 08
1. Introdução ... 13
2. Fundamentação teórica ... 18
2.1. Perspectivas fonética e fonológica da sílaba ... 18
2.1.1. A sílaba sob uma perspectiva fonética ... 18
2.1.2. A sílaba sob uma perspectiva fonológica ... 19
2.2. A complexidade da nasalidade contrastiva em português ... 26
2.2.1. A complexidade fonético-fonológica da nasalidade ... 26
2.2.2. A complexidade ortográfica para representar a nasalidade em coda ... 30
2.3. Uma perspectiva de escrita ... 32
2.3.1. A heterogeneidade da escrita ... 33
3. Procedimentos Metodológicos ... 36
3.2. Caracterização da metodologia de coleta dos dados ... 37
3.3. Descrição e definição do córpus de investigação ... 41
4. Análise e Discussão dos Resultados ... 48
4.1. Descrição geral das grafias de coda nasal ... 48
4.1.1. Registro de CV para CV/N/ - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda) ... 50
4.1.2. Registro de CV para CV/N/ - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda) ... 52
4.1.3. Registro de CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda) ... 53
4.1.4. Registro de CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda) ... 54
4.1.5. Registro de CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda ... 55
4.2. Análise de critérios linguísticos ... 56
4.2.1. Vogal no núcleo silábico ... 57
4.2.2. Posição da sílaba dentro da palavra ... 65
4.2.3. Tonicidade da sílaba ... 73
4.2.4. Número de sílabas da palavra ... 82
4.2.5. Registro Ortográfico ... 87
5. Considerações Finais ... 95
Referências Bibliográficas ... 101
ANEXO 1 – Exemplos de produções analisadas ... 104

1. Introdução

Esta dissertação tem como objetivo desenvolver um estudo de grafias de sílabas com coda nasal produzidas por crianças em processo de alfabetização, matriculadas no primeiro ano do Ensino Fundamental I, em uma escola particular, na cidade de São José do Rio Preto (SP).

Na literatura, há um estudo sobre grafias não-convencionais de coda silábica feito com base no mesmo arcabouço teórico sobre a sílaba que adotamos, a partir de textos escritos por crianças em fase inicial do processo de alfabetização, residentes em Pelotas (RS), (cf. MIRANDA, 2009); (ADAMOLI, 2013); portanto, pertencentes a variedade linguística distinta da falada por crianças que são sujeitos de nossa pesquisa. Não há estudos sobre o tema com dados produzidos por crianças da região do noroeste paulista, como o que ora desenvolvemos. Há estudos sobre o tema realizados na mesma região com base em textos produzidos por jovens e adultos (cf. CAMPOS, 2011). Este trabalho permitirá estudos futuros e possível comparação de resultados obtidos a partir de trabalhos de diferentes regiões do país, como interior paulista e interior gaúcho, por um lado, e resultados entre crianças e adultos, por outro.

Alguns trabalhos, como os de Ferreiro (2001) e Ferreiro e Teberosky (1991) partem da hipótese, com base na teoria de desenvolvimento de Piaget, de que existe uma trajetória cognitiva pré-determinada para a aquisição da escrita alfabética. Nessa perspectiva, a criança é vista como um sujeito que tem um papel ativo em compreender o mundo que o cerca, seria um sujeito que aprende devido às suas próprias ações sobre os objetos do mundo. Nos trabalhos dessas autoras, a escrita é tida como um objeto cultural a ser adquirido pelo sujeito, esse sujeito é idealizado e universal e busca compreender esse objeto social complexo. Portanto, o processo de aquisição da escrita é entendido como um processo ordenado e sucessivo de etapas cognitivamente determinadas em direção à escrita convencional.

Quando nos deparamos com trabalhos cujas escritas não são produzidas em situação experimental como das autoras citadas, mas trabalhos com escrita produzidos de forma espontânea, como os de Capristano (2007a); Abaurre (1988; 2001), percebemos que não é possível reconhecer na escrita desses trabalhos etapas ordenadas e sucessivas de um processo. Nas produções escritas infantis que resultam de atividades não-controladas experimentalmente,

ou ainda, escritas produzidas de forma espontânea[1] é possível observar diferentes soluções gráficas para a coda nasal, como em "a**o**ak" e "a**po**tado" para "a**pon**tador", por parte dos sujeitos em função das propostas solicitadas. Observa-se, assim, soluções gráficas conflitantes, em relação às convenções, para representação da sílaba com coda nasal, seja quando consideradas grafias produzidas por um mesmo sujeito em uma mesma proposta "**ben**gala" (para "**ben**gala") e "**chi**tili" (para "**chan**tili"), seja quando consideradas grafias produzidas por diferentes sujeitos para uma mesma palavra "**a**gica" e "**can**gica" (para "**can**jica").

Em resumo, identificamos que, nas propostas de escritas não-controladas, ocorre oscilação entre escrita convencional, de acordo com a norma ortográfica, como "a**pon**tador", "**can**jica", e não-convencional, como "**bo**derinha", "me**len**sia", e deixam à mostra possibilidades de representação da coda silábica que os sistemas ortográfico e linguístico oferecem, sendo o sistema linguístico determinante em relação aos registros não-convencionais de coda silábica.

Tendo em consideração esse papel da língua no processo de aquisição da escrita, é possível uma abordagem, que é adotada nesta pesquisa, distinta daquela proposta por Ferreiro e Teberosky (2001). A abordagem a que nos filiamos é explicitada nos trabalhos como os de Abaurre (1988; 1990; 1992; 1996; 2000; 2001), dentre outros. A hipótese dessa pesquisadora é a de que os dados da escrita inicial são singulares e são importantes indícios do processo geral que vai continuamente constituindo e modificando a complexa relação sujeito/linguagem. O processo de aquisição da escrita é interpretado, nesses trabalhos, como um processo não-cumulativo, nem linear, sujeito a idas e vindas, a reelaborações e reestruturações, sendo fundamental o papel do Outro nesse processo, pois esse Outro é o interlocutor responsável pela intermediação da relação sujeito/linguagem. A criança é interpretada como sujeito na linguagem, entendida em sua dimensão real e na sua história individual de relação com a linguagem, sendo a linguagem uma interação humana, de interlocução, e não apenas uma capacidade cognitiva. Para Capristano (2007a) e Abaurre (1988; 2001), a instabilidade e a

[1] Os dados de escrita utilizados nessa pesquisa não foram coletados para essa finalidade, mas em momentos da própria rotina nas salas dos primeiros anos da escola COOPEC, por meio de um projeto de extensão realizado na escola sob orientação da Prof.ª Dr.ª Luciani Ester Tenani. Assim, esses dados foram coletados de acordo com o planejamento da escola e com o objetivo de favorecer o desenvolvimento dos alunos no processo de aquisição da escrita. Ao todo coletamos trinta e cinco atividades e utilizamos na pesquisa apenas dezessete, tal escolha se justifica pelo fato das dezessete atividades terem sido realizadas sem o auxílio da professora no processo de execução, assim sendo as nomeamos como espontâneas.

flutuação que caracterizam a escrita inicial são indícios de que a criança enquanto sujeito da linguagem estaria construindo um conhecimento sobre a escrita, sendo essa construção um processo complexo de contínua e não-linear mudança na relação sujeito/linguagem.

Para Capristano (2007a), as hipóteses que as crianças formulam sobre a escrita não podem ser identificadas como hipóteses de um sujeito apenas. Para a autora, essas hipóteses não seriam exclusivamente criadas pelas crianças, mas incidem sobre possibilidades abertas pelo próprio sistema da língua. A ação dos sujeitos seria organizada pela línguagem tal como ela comparece na práticas sócio-histórico-culturais desempenhadas pelos sujeitos nos diferentes tipos de atividades orais.

Ainda sobre a escrita espontânea, não-controlada, Abaurre (1988) mostrará que é um espaço de solução de problemas. Segundo a autora o ato de escrever:

> (...) força a criança a objetivar e "contemplar" a linguagem, agindo sobre ela e experimentando uma série de possíveis critérios para resolver problemas de natureza diversa: a escolha das letras ou sequências corretas de letras, a segmentação adequada das palavras, o uso de estruturas linguísticas adequadas à escrita, e assim por diante. (ABAURRE, 1988, p 418).

Para Abaurre (1988), quando as crianças começam seu contato com a escrita, em idade escolar, elas ainda estão em processo de elaboração de um sistema linguístico oral e, desta forma, os episódios de escrita, junto com outras instâncias de interação linguística, contribuirão para a construção de seu sistema linguístico.

No processo de aquisição da fala, Mezzomo (2004) observa, quanto ao preenchimento da rima ramificada, a seguinte ordem de ocorrência de posições silábicas: coda nasal, coda fricativa e por último a rótica. Já no processo de aquisição da língua escrita, o aparecimento da coda nasal é tardio em relação às demais codas. De acordo com Abaurre (1988), é contra-intuitivo para as crianças representar a nasalidade distintiva como uma sequência de duas letras (vogal oral seguida de segmento nasal), como nos manuais de ortografia, pois a maioria dos textos mostram que as crianças optam por não marcar na escrita a nasalidade distintiva.

Segundo a autora, essa escolha pode indicar que, nessa fase inicial, as crianças trabalham com a hipótese de que a língua portuguesa teria uma série de vogais nasais fonologicamente distintas, que se oporiam às vogais orais, fator que justificaria a nasalidade surgir primeiramente na linguagem oral em relação às demais codas, pois surgiriam, na verdade,

como vogais nasais e não como vogais orais seguidas de codas nasais. E justificaria também o aparecimento tardio, em relação às demais codas consonantais, da coda nasal na escrita. Estaria em atuação o fato de que, quando as crianças grafam as demais codas consonantais, elas estariam grafando também a nasalidade, mas por meio de vogais nasais, representadas pela vogal, como "**be**gala", para "**ben**gala". Para a autora, o contato das crianças com a escrita causaria uma reestruturação das representações fonológicas. Nos casos em que ocorrem conflitos entre representação feita a partir da fala e representação ortográfica, as grafias contraditórias ou conflituosas revelariam esse processo. No caso da nasalidade, ocorreria o conflito entre vogais nasais e vogais orais seguidas de segmento nasal.

Assumimos, nessa dissertação, que os dados de escrita são evidências de que a sílaba é uma unidade fonológica não-linear, cujos segmentos se organizam hierarquicamente e estão sujeitos a processos distintos a depender da posição que ocupam na sílaba. A grafia de coda nasal oferece maior dificuldade aos escreventes quer pela complexidade silábica, quer pela complexidade fonético-fonológica da nasalidade.

Soma-se a complexidade fonético-fonológica, o fato de haver três possibilidades do registro ortográfico <m, n, ~>, o que configura uma complexidade ortográfica extra em relação à representação gráfica das demais codas consonantais do português brasileiro <R, S, L>. Uma investigação a ser feita diz respeito à ordem de aquisição das codas consonantais, podendo, por hipótese, ser uma ordem variável a depender da variedade linguística da região do escrevente, mas a aquisição da coda nasal seria tardia em todas as variedades linguísticas, dadas a complexidade fonético-fonológica e as possibilidades ortográficas de sua representação.

Esta dissertação, como já anunciado, tem o objetivo mais geral de descrever como crianças no primeiro ano do Ensino Fundamental I lidam com a complexidade da grafia de sílabas com coda nasal e será norteada pelos seguintes objetivos específicos:

(i) observar, dentre os segmentos consonantais em coda, o momento em que surge o registro do segmento nasal para verificar possíveis regularidades e classificar esse registro como convencional ou não-convencional.

No caso de registros não-convencionais, pretende-se:

(i) identificar se a marca gráfica que representa a nasalidade distintiva se dá na coda, na vogal ou em toda a rima silábica;

(ii) analisar diferentes possibilidades de registros gráficos da nasalidade em português brasileiro que se mostrariam relevantes para a grafia de sílabas com coda nasal na fase inicial de aquisição da escrita.

Acreditamos que nossa proposta poderá contribuir com reflexões teóricas acerca da aquisição da escrita, particularmente, sobre características da sílaba enquanto unidade linguística relevante para analisar produções escritas em contexto formal de alfabetização. Também poderá contribuir, de modo mais amplo, com reflexões relacionadas à prática pedagógica de professores alfabetizadores no que tange às suas práticas frente a dificuldades que os alunos enfrentam para compreender o sistema de escrita, especificamente, a grafia de sílabas com codas nasais. De modo específico, nossa hipótese é de que as grafias de coda nasal exigem reflexão sobre a sílaba por parte da criança, visto que essa é uma unidade fonológica em função da qual se organizam os segmentos e, em certa medida, direciona o trabalho de alfabetização em contexto escolar. Por meio desta pesquisa, demonstra-se a importância que o segmento na posição de coda nasal ocupa na estrutura silábica durante o processo de aquisição de escrita.

Para alcançarmos os objetivos descritos, inicia-se o próximo capítulo com a apresentação da fundamentação teórica no que diz respeito às perspectivas fonética e fonológica da sílaba, para, em seguida, abordar a complexidade da nasalidade contrastiva em português e a complexidade ortográfica para representação da nasalidade e, por fim, a perspectiva de escrita adotada nesta pesquisa.

No capítulo 3, apresentaremos os procedimentos metodológicos, que incluem a caracterização da escola e dos alunos, a metodologia de coleta dos dados e a descrição e definição do córpus de investigação.

O capítulo 4 destina-se à análise e discussão dos resultados. Apresentaremos uma descrição geral das grafias de coda nasal e, em seguida, uma análise de critérios linguísticos que influenciam ou não o processo de construção silábica, por sujeitos escreventes em processo inicial de aquisição da escrita.

Para finalizar, têm-se as considerações finais, seguidas pelas referências bibliográficas e pelos anexos.

2. Fundamentação teórica

O presente capítulo trata da fundamentação teórica que embasa a pesquisa realizada. Primeiramente, na subseção 2.1., tem-se a perspectiva teórica no que diz respeito à sílaba, a qual foi descrita sob duas perspectivas. Em 2.1.1., tem-se a perspectiva fonética, pelo qual se podem observar suas características físicas (tanto motoras quanto acústico-auditiva). Em 2.1.2., tem-se a perspectiva fonológica, segundo a qual se pode observar características simbólicas e estruturais da sílaba. A subseção 2.2., trata da complexidade da nasalidade contrastiva em português, descrita a partir da sua complexidade fonético-fonológica em 2.2.1., e, a partir de sua complexidade ortográfica, em 2.2.2. Na subseção seguinte (2.3.), constam algumas perspectivas de escrita e, por fim, em 2.3.1 consta a perspectiva de escrita adotada nesta pesquisa.

2.1. Perspectivas fonética e fonológica da sílaba

2.1.1. A sílaba sob uma perspectiva fonética

A sílaba pode ser vista sob o ponto de vista fonético, pelo qual se observa suas características físicas, e fonológico, pelo qual observamos suas características simbólicas e estruturais.

De um ponto de vista fonético, Cagliari (2009) afirma, segundo uma teoria proposta por Stetson (1951), que a sílaba pode ser vista como o resultado de movimentos musculares realizados sob pequenos jatos de ar que saem dos pulmões e, portanto, seria o primeiro parâmetro articulatório a ser ativado na produção de um enunciado.

De acordo com o autor a sílaba forma um processo aerodinâmico de corrente de ar que sai dos pulmões e, ao passar pelas cavidades e canais do aparelho fonador, é responsável pela modulação acústica dos sons da fala.

O esforço muscular que gera a sílaba é considerado um movimento de força que se intensifica e se reduz em cada sílaba, assim, é possível reconhecer três partes nesse movimento, a intensificação da força muscular, o limite máximo de força atingido e, por fim, uma redução progressiva da força muscular. Sendo assim, é possível observar três partes da sílaba, duas

periféricas e uma parte central, a qual corresponde ao elemento de maior sonoridade da sílaba. Conforme mostra o Diagrama 1.

Diagrama 1. Esquema do esforço muscular e da curva da força silábica (CAGLIARI, 2009, p. 111)

Ainda, de acordo com o autor, toda sílaba possui certa intensidade acústica que pode variar em diferentes circunstâncias. As sílabas que são produzidas com jato de ar mais forte, apresentam intensidade acústica mais forte e são chamadas de tônicas e as sílabas que não são tônicas são chamadas de átonas. A tonicidade pode ser reforçada por outros parâmetros como a presença de um tom melódico mais agudo, uma duração mais longa e também por fatores estruturais de formação de palavras.

Segundo Cagliari (2009), as sílabas são o suporte da fala e são preenchidas por segmentos fonéticos, cada língua tem um modo de preencher as sílabas em função das necessidades estruturais.

A posição de coda silábica, objeto deste estudo, corresponde ao que Cagliari (2009) denomina de um momento de redução progressiva da força muscular tornando os segmentos que ocupam essa posição menos audíveis e perceptíveis.

2.1.2. A sílaba sob uma perspectiva fonológica

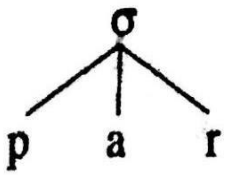
Há aproximadamente quarenta anos a noção de sílaba foi incorporada à fonologia gerativa, apesar de ela não ser nova em fonologia. Segundo Collischonn (2005), Chomsky e Halle (1968) desenvolveram uma teoria fonológica em que a sílaba não foi reconhecida como

um constituinte estruturado. Esses autores consideraram apenas o traço silábico para diferenciar os segmentos consonantais dos vocálicos, desse modo, as palavras foram vistas como uma sequência de segmentos consonantais e vocálicos.

Com o surgimento da fonologia não-linear, a partir de trabalhos como Hooper (1976) e Kahn (1976), a sílaba foi sendo aceita como unidade fonológica. Do ponto de vista representacional, há basicamente duas teorias a respeito da estrutura interna da sílaba: a teoria autossegmental e a teoria métrica.

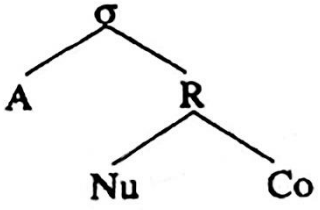
De acordo com Collischonn (2001), a primeira teoria, formulada por Kahn (1976), e defendida por Nespor e Vogel (1986), é inspirada na notação autossegmental, que pressupõe camadas independentes, umas das quais representa as sílabas às quais os segmentos estão ligados diretamente, conforme mostra o diagrama 2.

Diagrama 2. Estrutura interna da sílaba (COLLISCHONN, 2001, p. 91)



Já na outra teoria, com base em propostas feitas por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969), Selkirk (1982) defende que as sílabas apresentam estruturas internas, com posições definidas hierarquicamente, conforme mostrado no diagrama 3.

Diagrama 3. Estrutura interna da sílaba (COLLISCHONN, 2001, p. 92)



Para essa teoria, defendida por Selkirk (1982), uma sílaba é composta por um ataque (A) e uma rima (R); a rima consiste em um núcleo (Nu) e uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto o núcleo, pode ser vazia.

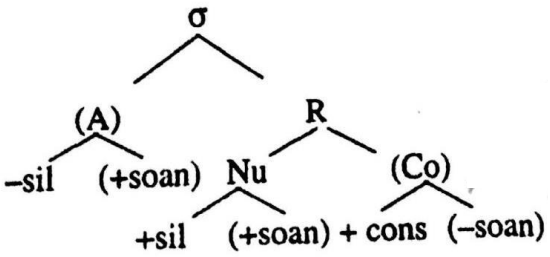
Enquanto na primeira teoria, defendida por Nespor e Vogel (1986), a relação entre os três elementos é igual, não tendo a sílaba uma estrutura interna; a segunda teoria, de Selkirk (1982), prevê uma relação muito mais estreita entre a vogal do núcleo e a consoante da coda, do que entre esta vogal e a consoante do ataque, o que mostra uma estrutura hierárquica entre os elementos. Pode-se notar que não há consenso entre os autores no arcabouço da teoria gerativa quanto à estrutura interna da sílaba. No Brasil, entretanto, os trabalhos adotam, em sua maioria, o arcabouço proposto por Selkirk (1982).

De acordo com Selkirk (1982), as línguas são regidas por regras fonotáticas (combinações de sons) que permitem ou não determinadas sequências de sons em uma sílaba. E é por meio das restrições fonotáticas que se formam os modelos silábicos que são uma afirmação geral a respeito da estrutura possível de sílabas numa determinada língua.

O argumento defendido por Selkirk (1982) para propor o modelo hierárquico de organização da sílaba, é o de restrições fonotáticas que seria um reflexo da relação de constituintes imediatos. Segundo a autora a sílaba possui uma estrutura de IC - Princípio de Constituinte Imediato – quanto mais próximo da relação estrutural dos segmentos mais sujeito às restrições fonotáticas das duas posições silábicas.

No modelo silábico de Selkirk (1982), os nós terminais indicam que tipo de segmento pode ser associado a cada posição. O modelo pode ser expresso da seguinte forma:

Diagrama 4. Modelo silábico do inglês (COLLISCHONN, 2001, p. 98)



Os parênteses são usados para indicar elementos opcionais da sílaba, portanto, o nó (A) que compreende os segmentos de ataque e o nó (Co) que compreende os segmentos de coda são opcionais, já o nó – Nu – compreende o segmento de núcleo e é obrigatório. Cada nó é preenchido por um conjunto de segmentos que são definidos por traços.

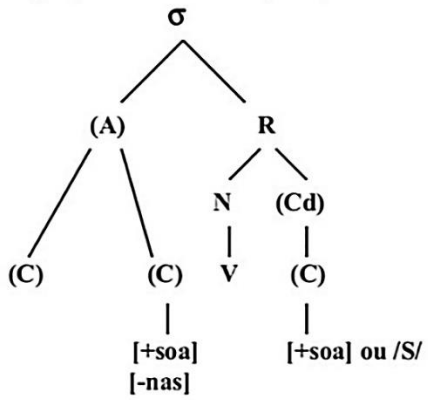
Os traços dos segmentos que compõem os nós terminais correspondem a: silábico [sil], segmentos que funcionam como núcleo da sílaba; consonantal [cons], sons consonantais são produzidos com uma constrição ao longo da linha central do trato vocal; e soante [soan], som produzido com uma configuração do trato vocal que permite o vozeamento espontâneo, ou seja, é produzido com um fluxo de ar contínuo e não turbulento; as sontes em sua maioria são sonoras nas línguas do mundo. O nó ataque (A) não é preenchido por segmentos silábicos (indicado por "-sil"), mas por segmentos "+soan", ou seja, por segmentos soantes. O nó núcleo -Nu- se caracteriza por ser preenchido por segmentos definidos como "+sil" e também abriga segmentos "+soan" opcionalmente. O nó coda (Co) é preenchido por segmento "+cons" e opcionalmente por segmentos "-soan". As línguas do mundo variam quanto às restrições fonotáticas que dizem respeito a que segmentos podem ocupar cada um desses nós silábicos.

No entanto, Selkirk (1982) mostra que o modelo silábico, por meio das restrições fonotáticas, prevê também a existência de sílabas que não são permitidas nas línguas. Necessita-se, além do modelo, de outras restrições adicionais que permitam gerar somente as sílabas existentes. Essas restrições adicionais são chamadas de filtros, que alternativamente pode-se pensá-las para solucionar um modelo excessivamente permissivo.

No Português, segundo Collischonn (2001), não há acordo entre os autores quanto ao número máximo de elementos que uma sílaba possa conter, tal discordância decorre de diferentes análises fonológicas feitas pelos autores.

Para Bisol (1999), o modelo silábico do português é constituído por CCVC(C), em que C parentético é formado por regra particular e o núcleo é o único constituinte obrigatório que, nesta língua, só pode ser preenchido por vogal. Há, então, sílabas formadas apenas por uma vogal. A seguir, apresentamos a proposta de Bisol para a composição de sílaba em português.

Diagrama 5. Princípios de composição de sílaba básica (BISOL, 1999, p. 703)



De acordo com a autora:

> "i. A sílaba do português tem estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima, dos quais apenas a rima é obrigatória.
> ii. A rima também tem estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é sempre uma vogal, e a coda é uma soante ou /S/.
> iii. O ataque compreende ao máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não-nasal." (BISOL, 1999, p. 104)

Para dar conta da estrutura CCVCC, Bisol (1999), propõe a regra de adjunção de /S/; segundo essa regra, um /S/ pode ser acrescentado a uma rima bem formada, assim a segunda posição na coda pode ser ocupada somente por /S/ que sempre sucede a uma rima plenamente preenchida (VC). Essa regra existe em função de um pequeno conjunto de palavras como monstro, claustro, perspectiva, dentre outras.

Essa análise de Bisol (1999) não é suficiente para gerar sílabas bem formadas, pois gera mais do que a língua suporta. São necessárias restrições adicionais. Segundo a autora "São as condições de Língua Particular, de natureza fonotática, que fazem a escolha mais restrita e que argumentam em favor de a sílaba possuir dois constituintes. Existe uma relação fonotática estreita entre os elementos que compõem o ataque assim como existe entre os que compõem a rima". De acordo com a autora, é daí que vem a condição de ataque e de coda para a boa formação da sílaba.

Os elementos dos constituintes silábicos têm de ser selecionados adequadamente para que sejam produzidos ataques ou codas complexas bem formados. No português, para o ataque,

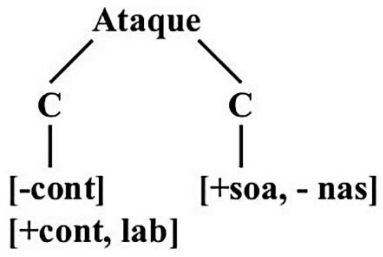
são permitidas sequências que se compõem de obstruintes não-contínuas ou contínua labial, combinadas com líquida, vibrante simples ou lateral, excluídos os grupos /dl/ e /vl/. Seguem os grupos permitidos em português brasileiro nos exemplos de Bisol (1999).

Diagrama 6. Grupos permitidos na posição de ataque (BISOL, 1999, p. 718)

pr	prato	pl	plátano	fl	flanco
br	braço	bl	bloco	fr	franco
tr	trato	tl	Atlas	vl	–
dr	drama	dl	–	vr	livro
kr	cravo	kl	clamor		
gr	grama	gl	glosa		

Na primeira posição silábica das sequências permitidas, têm uma consoante [-contínua] ou [+continua, labial] e, na segunda posição, uma soante não-nasal, o que mostra dois graus de distanciamento de sonoridade entre os segmentos que compõem o ataque, e um grau entre os que compõem a rima. De acordo com a autora, esse aclive e declive atenuado permite definir a sílaba como um ciclo de sonoridade. A seguir, apresentamos a condição positiva do ataque complexo proposta por Bisol (1999)[2].

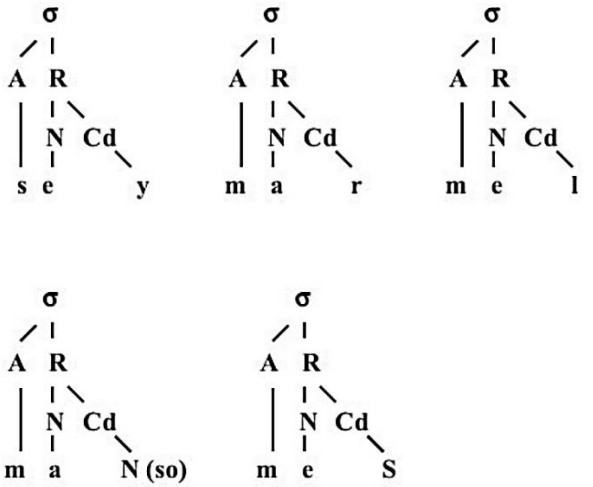
Diagrama 7. Condição Positiva do Ataque Complexo (BISOL, 1999, p. 718)



[2] Tal condição exclui os grupos sr, sl, zr, zl, ʃr, ʃl, ʒr, ʒl, xr, xr, ou seja, qualquer sequência que não satisfaça os requisitos do modelo.

Já a coda é preenchida por qualquer soante e também por /S/, como nos exemplos, portanto, a única obstruinte [-soante] que se apresenta nessa posição é /S/. A seguir, apresentamos exemplos de preenchimento da posição de coda, conforme Bisol (1999).

Diagrama 8. Exemplos de preenchimento da posição de coda (BISOL, 1999, p. 719)



Como pudemos notar, o modelo silábico evidencia a boa formação de uma sílaba, assim sendo, além das restrições fonotáticas é preciso também considerar a escala de sonoridade, pois se pode correlacionar a sonoridade de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Sendo assim, o elemento mais sonoro sempre ocupará o núcleo da sílaba, sendo que os elementos menos sonoros ocuparão as margens, ataque e coda. E, quando houver sequências de elementos dentro do ataque ou da coda, estes apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo.

Diagrama 9. A sequência de sonoridade (COLLISCHONN, 2001, p. 101)

Vogal	>	Líquida	>	Nasal	>	Obstruinte
3		2		1		0

Deste modo, a condição para uma boa formação de sílaba é a de que o elemento mais sonoro constitui o núcleo e é precedido por elementos de grau de sonoridade crescente e seguido por elementos de grau de sonoridade decrescente.

Neste trabalho, optamos pelo modelo não-linear defendido por Selkirk (1982), pois, além dos segmentos estarem sujeitos a processos distintos a depender da posição que ocupam na sílaba, adotamos a posição, como será visto à frente, de que, no processo de produção escrita, algumas posições da sílaba oferecem maior complexidade ao escrevente. Portanto, os dados de escrita serão interpretados como evidência de que a sílaba é uma unidade fonológica cujos elementos se organizam hierarquicamente.

O foco desta pesquisa é a posição de coda silábica, de acordo com o modelo de Selkirk (1982). Nesse modelo, pode se afirmar que a coda não é um constituinte imediato da sílaba, mas uma ramificação de um constituinte. Essa posição da sílaba não é preenchida em todas as línguas do mundo e, nas línguas em que existe essa posição, existem fortes restrições quanto a seu preenchimento, como exemplificado para o português.

2.2. A complexidade da nasalidade contrastiva em português

2.2.1. A complexidade fonético-fonológica da nasalidade

De acordo com Camara Jr. (1970), há dois tipos de nasalidade vocálica. Uma do tipo fonética e, portanto, não funciona para distinguir formas, ou seja, não tem mudança de sentido, como em “[ã]no”; nesse caso, ocorre uma leve nasalização de uma vogal em contato com uma consoante nasal da sílaba seguinte. E outro tipo de nasalidade, de natureza fonológica, como se observa em “junta” / “juta”; nesse caso, há oposição entre a vogal nasalada e a vogal oral; a nasalidade é contrastiva, pois a presença ou a ausência de nasalação gera mudança de significado.

Na literatura do português brasileiro, no que diz respeito à nasalidade contrastiva, não há consenso no que tange a seu estatuto fonológico. A discussão teórica a respeito do tema refere-se principalmente a dois argumentos. O primeiro é que o sistema linguístico apresentaria vogais nasais, o segundo é que a nasalidade resultaria de vogal oral seguida de elemento nasal. De acordo com Moraes e Wetzels (1992), este último ainda apresenta diferentes interpretações, uma vez que os segmentos vocálicos nasalizados seriam vistos como: (i) uma vogal oral seguida de consoante nasal; (ii) uma vogal oral seguida de um arquifonema nasal; (iii) um fenômeno supra-segmental que poderia afetar os fonemas silábicos, assim como o acento. Neste estudo,

considera-se que a representação fonológica de uma vogal nasal envolve vogal oral seguida de elemento nasal.

Para Câmara Jr. (1970), vogal nasal é o conjunto de vogal seguida de arquifonema nasal na mesma sílaba, para o autor a nasalidade pura da vogal não existe (fonologicamente) porque por meio dela não se cria contraste distintivo com a vogal travada por consoante nasal. Explica-se, então, a nasalização da vogal "como uma conseqüência obrigatória em português do travamento da sílaba por uma consoante nasal pós vocálica" (1970, p.31).

O autor argumenta a favor da existência da consoante nasal de travamento após a vogal a partir dos seguintes fatos: (i) em sequências de vogais orais ocorre a realização de crase ou degeminação, como em casa azul "[kazazul]", o que não ocorre quando houver sequência de vogal nasal seguida de vogal oral, como em "lã azul" "*[lãzul]"; (ii) não ocorre /r/ fraco após vogal nasal, o contraste entre /r/ fraco e /r/ forte só ocorre entre vogais orais (cf. "era":"erra"), o que não ocorre, por exemplo, em "tenro", e portanto, explica haver a presença de um elemento com características de consoante após a vogal e o /r/ forte; (iii) não há hiatos nasalizados, como "bom+a" resultada em hiato "boa" e não "*bõa", o que aponta para a presença de um elemento interveniente.

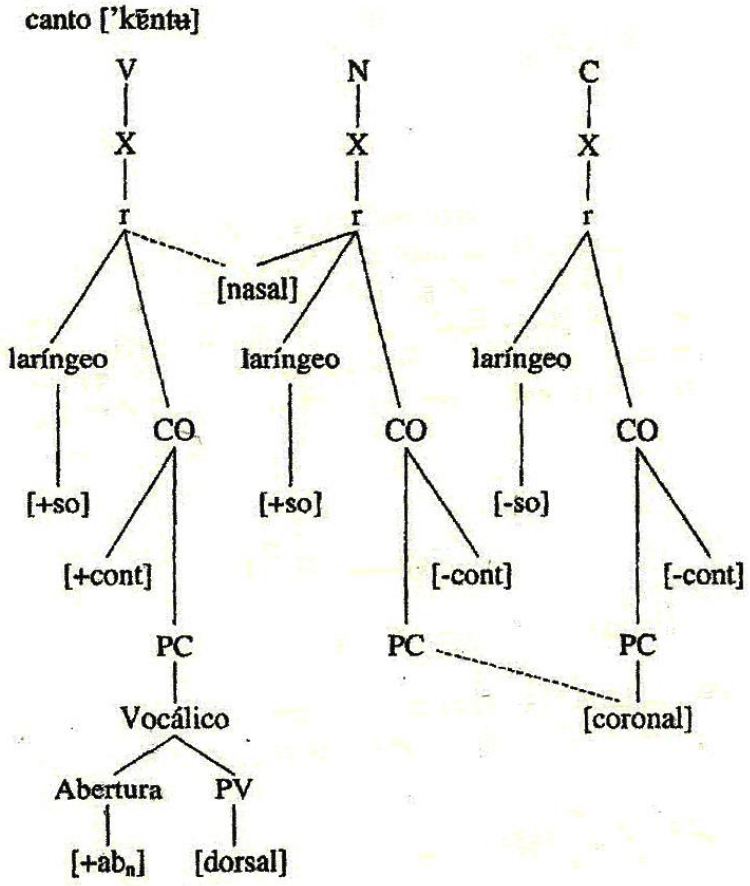
Para o autor, a vogal nasal deve ser representada fonologicamente como "vogal fechada por consoante nasal" (Câmara Jr., 1970, p. 30). Já a consoante é indiferenciada quanto ao ponto de articulação na boca, pois, segundo o contexto seguinte à nasal, pode ser labial, como em "ca[Np]o", dental, como em "ka[Nt]o", palatal, como em "ve[ʃα]qui" (vem aqui) e velar, como em "ka[Nγ]a". O autor chama de arquifonema nasal ao definir o traço de nasalidade como o único comum entre os fonemas nasais em posição de fim de sílaba, então, /N/ é a representação fonológica do arquifonema nasal. Já a posição de ataque da sílaba é especificada e corresponde a consoantes prevocálicas bem diferenciadas: bilabial, alveolar e palatal, respectivamente exemplificadas por Camara Jr (1970) por: "a[m]o", "a[n]o", "a[ʃ]o" (cordeiro).

De acordo com Battisti e Vieira (2005), Wetzels (1997) já no arcabouço da fonologia não-linear, assim como Câmara Jr. (1970), também considera a nasalidade das vogais como uma sequência de dois segmentos. De acordo com esses autores, só ocorrem diferentes manifestações de superfície de nasalidade antes de consoantes orais, pelo fato de as consoantes nasais serem segmentos incompletos em posição de coda silábica. Valendo-se da abordagem da Fonologia Autossegmental, para Wetzels (1997), as vogais nasais seriam geradas através de

derivação fonológica a partir de uma sequência VN subjacente, em que /N/ não está plenamente especificado.

Com base na Fonologia Autossegmental, faltaria a esses segmentos o nó de ponto de articulação (PC). Seguindo essa interpretação, a nasal subespecificada espraia-se para a vogal precedente, criando a vogal nasal; por outro lado, recebe o traço da consoante seguinte, o que lhe permite vir à superfície como um segmento. No diagrama abaixo, segue a representação da vogal nasal nos termos da Fonologia Autossegmental, apresentado por Battisti e Vieira (2005).

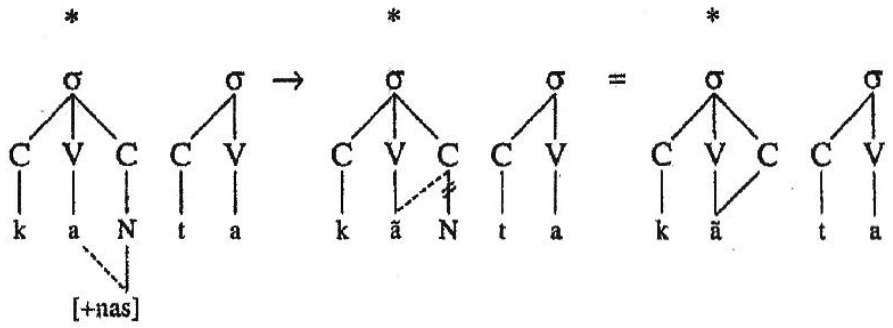
Diagrama 10. Representação, nos termos da Fonologia Autossegmental, de uma sequência de nasal e oclusiva da palavra "canto" (BATTISTI; VIEIRA, 2005, p.165)



Moraes e Wetzels (1992), em estudo sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados, na linha da Fonologia Experimental, constataram que: (i) em contexto tônico e pretônico a vogal nasal é mais longa que a oral; (ii) a vogal nasalizada é ligeiramente mais breve que a oral, descartando as explicações articulatória e co-articulatória para a maior duração das nasais, o que reforça a hipótese de serem dois processos distintos.

Os autores, a partir dos resultados fonéticos, consideram a vogal nasal (contrastiva) como uma sequência de dois segmentos na base (V e N). O processo de nasalização ocorreria da seguinte forma: o elemento nasal nasaliza a vogal precedente e, em seguida, a consoante nasal cai, o que gera um alongamento compensatório da vogal precedente já nasalizada, a qual passa a ocupar duas posições temporais (VC), o processo pode ser representado conforme se observa no diagrama a seguir.

Diagrama 11. Processo de nasalização (MORAES; WETZELS, 1992, p.156)



Com a ausência de especificação para o nó de ponto de articulação (PC), originam-se diferentes manifestações de superfície da nasalidade em interior de vocábulo. Assumindo essa mesma abordagem quanto a não especificação da nasalidade, Cagliari (2009) detalha as possibilidades de manifestação fonética da nasalidade em fim de sílaba dentro de palavra. Para esse autor, no final de sílaba dentro de palavras, a nasal pode não ocorrer e quando ocorre, ela pode ter seu lugar de articulação condicionado, quer pela vogal precedente, quer pela consoante seguinte, tornando-se homorgânica a uma delas. Seguem os exemplos transcritos do autor.

Diagrama 12. Possibilidades de pronúncias das nasais (CAGLIARI, 2009, p. 95)

Ocorrência sem nasal	Ocorrência com nasal condicionada pela vogal precedente	Ocorrência com nasal homorgânica a oclusiva seguinte	Forma ortográfica
[tõbɷ]	[tõŋbɷ]	[tõmbɷ]	*tombo*
[pẽtɪ]	[pẽɲtɪ]	[pẽntɪ]	*pente*
[kɐ̃ta]	[kɐ̃ŋta]	[kɐ̃nta]	*canta*
[fĩka]	[fĩŋka]	[fĩŋka]	*finca*
[ĩfelis]	[ĩɲfelis]		*infeliz*
[õsa]	[oŋsa]		*onça*
[ẽʃɪ]	[ẽɲʃɪ]		*enche*

Como podemos observar, a complexidade da nasalidade contrastiva em português se dá tanto em seu aspecto fonológico, quanto em seu aspecto fonético. A seguir, veremos também sua complexidade em relação ao seu aspecto ortográfico.

2.2.2. A complexidade ortográfica para representar a nasalidade em coda

De acordo com Cagliari (2008), a representação gráfica da nasalidade foi se fixando em determinados padrões ao longo da história da língua portuguesa. O autor apresenta, a partir de textos escritos, dados históricos que contribuem para a reflexão sobre o fenômeno da nasalidade em língua portuguesa e permitem a formulação de hipóteses acerca da representação atual da nasalidade.

Segundo o autor, no final do século XVI, aparecem os trabalhos de Duarte Nunes de Leão e no que se refere à representação da nasalidade, a proposta era de que se deveria escrever de acordo com a pronúncia, portanto, o <m> em posição de coda silábica aparecia apenas diante de <p> e <b>, sendo que diante de outras consoantes era obrigatório o uso de <n>; aparecia também em início da sílaba ou em palavras especiais, como as latinas “hymnus”, “damnas”, dentre outras. A nasal em coda podia, assim, ter pronúncia homorgânica com relação à consoante seguinte, como em “to[mb]o”. O diacrítico, por representar a nasalidade, era visto como forma de abreviatura e, também, indicava ditongos “mõytos”.

Cagliari (2008) observa que a ortografia da língua portuguesa fixou-se no Renascimento, com base na pronúncia e também no modelo ortográfico do Latim. Quanto à nasalidade, a língua passou a ter vogais e ditongos decrescentes nasalizados, procurou evitar a consoante nasal em posição de coda e o sândi com consoante nasal e introduziu a consoante nasal palatal.

Ainda, de acordo com o autor, as vogais e os ditongos nasais vieram da nasalidade da consoante que ocorria após a vogal. Sendo assim, ao final do século XVI, a nasalidade passou a apresentar os contextos de ocorrência identificados hoje em nossa pronúncia. O diacrítico deixou de ser sinal de abreviatura e ficou caracterizado apenas como marca de nasalidade, a partir do século XVIII.

Especificamente no que diz respeito à posição de coda silábica, podemos observar que no português brasileiro a representação gráfica da nasalidade foi sendo estabelecida de acordo com a pronúncia, com base na fonética da língua, o que leva a diferentes maneiras de marcar tais registros. Para marcar a nasalidade em posição de coda silábica, é preciso dois elementos gráficos, um que representa o segmento vocálico e outro que representa o traço nasal, sejam as consoantes “m, n” ou o diacrítico <~>.

De maneira geral há quatro maneiras de representar a nasalidade, são elas: as letras <m> e <n> em posição de início (“mata, nata”) e de final de sílaba (“bambu, banco”); o diacrítico na última sílaba da palavra (“manhã”); o dígrafo <nh> (“minha”) em início de sílaba em meio de palavra (exceto em palavras estangeiras como “nhoque”). Além disso, há casos em que ocorre a nasalização da vogal por contiguidade da consoante nasal na sílaba seguinte (“cama, cana, banha”). Essa nasalização da vogal, resultado de um processo de assimilação, não é representada ortograficamente. Esse contexto em que se observa nasalização em português brasileiro não será objeto de análise nesta dissertação.

No que diz respeito à posição de coda silábica, objeto desta pesquisa, constata-se que a nasalidade é representada pelos grafemas <m, n> e pelo diacrítico <~>. Nesses três casos, há a nasalização da vogal da sílaba em que a coda é nasal, sem ocorrer necessariamente a articulação de uma consoante nasal. Essa característica difere das nasais em posição de ataque silábico, pois, nessa posição, cada uma das consoantes representa um segmento consonantal distinto que leva à distinção de palavras como já observado anteriormente.

O uso de cada uma dessas possibilidades de registro da nasalização da vogal em fim de sílaba depende de regras contextuais. É o caso do emprego de <m> em fim de sílaba ante /p/ e

/b/ (“campo, bomba”) e em fim de sílaba que coincide com fim de palavra (“bom, tem”). O emprego de <n> também ocorre em fim de sílaba nos contextos complementares aos da letra <m>, isto é, <n> é empregado em fim de sílaba quando diante das demais consoantes do português brasileiro. Em algumas poucas palavras, <n> é empregada em fim de palavra, como em “hífen”. Por fim, < ~ > apenas é empregado em sílabas em fim de palavra (“lã, maçã”). Nesta dissertação, não trataremos de grafias de palavras grafadas com < ~ >, porque não ocorreram palavras com essa grafia no material investigado, sobre o qual trataremos no próximo capítulo.

2.3. Uma perspectiva de escrita

Ao assumir, nesta investigação, o processo de aquisição da escrita como tendo natureza complexa, constituído de mudanças constantes na relação do sujeito com a linguagem, mudanças essas sempre intermediadas pelo Outro da linguagem e que leva a criança a construir conhecimentos que a habilitam a se tornar escrevente/leitor de sua língua materna, não se pode ignorar as práticas sociais mais amplas em que a leitura e a escrita são necessárias.

De acordo com Tfouni (2002), é necessário tratar a escrita como um processo que é o meio e o produto da experiência de cada um no mundo e, assim sendo, não a despir de suas dimensões críticas e normativas e também não reduzi-la à aprendizagem de habilidades que acabam por enfatizar, em nível mais restrito, o domínio de regras gramaticais e ortográficas apenas.

Para a autora, a concepção que geralmente se faz a respeito da alfabetização (que denominamos por aquisição da escrita) corresponde a um modelo linear e positivo de desenvolvimento, segundo o qual a criança aprende a usar e decodificar símbolos gráficos que representam os sons da fala. Mas Tfouni (2002) afirma que o processo de alfabetização passa por outras variáveis e considera que esse não é um processo linear, pois envolve níveis de complexidade crescente e diversos e, desse modo, contempla e constrói diferentes objetos.

De acordo com a autora, o processo de representação pelo qual o indivíduo aprende a dominar as normas ortográficas é complexo e vai desde representar uma microdimensão da escrita alfabética, relativa à compreensão da não correspondência biunívoca entre fonema e grafema, por exemplo, até um nível mais complexo como representar um interlocutor ausente na escrita de uma carta.

De acordo com Capristano (2007a), esse processo de representação que a escrita instaura se modifica ao longo do tempo em função da mudança que opera na relação do sujeito com a linguagem, sendo essa relação de natureza complexa, envolvendo o Outro como instância representativa da linguagem escrita. Essa complexidade do funcionamento da escrita e as mudanças pelas quais a criança passa enquanto sujeito escrevente em processo de aquisição da escrita afetam também a dimensão de representação grafema-fonema, dimensão que interessa a esta dissertação.

A autora explica que, com relação ao sujeito, o que é de fato importante é a posição assumida quando escreve. Essa posição é essencialmente histórica e a que são submetidos os sujeitos da linguagem; posição regulada pela linguagem que é constituída pela atuação do outro. O outro é entendido, nessa perspectiva, como instância de representação do funcionamento tido como convencional da escrita e visto a partir das representações que o sujeito faz sobre ele. E, com relação à complexidade do funcionamento da escrita, Capristano (2007a) considera a escrita como modo de enunciação – ao lado do modo de enunciação falado – e, portanto, uma enunciação que se constitui ao mesmo tempo como prática social e fato linguístico, concepção que se distingue de uma visão de escrita como modalidade linguística ou, ainda, como um código de natureza visual ou como mera forma de representação da fala.

No que diz respeito a abordagem da relação entre fala e escrita na presente investigação, cabe explicitar que não consideramos que haja relação de interferência da enunciação falada na enunciação escrita, nem interferência de prática sociais orais em práticas sociais letradas, perspectiva já amplamente criticada por pesquisadores como Marcuschi (2001) e Corrêa (2004). Nesta dissertação assumimos que a escrita seja um modo de enunciação constituído da enunciação falada, ambos manifestações de uma única e mesma língua, perspectiva defendida por Corrêa (2004). As premissas dessa abordagem, bem como os avanços teórico-metodológicos que essa perspectiva nos proporciona, serão apresentadas na próxima subseção.

2.3.1. A heterogeneidade da escrita

Consideramos nesse trabalho o caráter heterogêneo de constituição de escrita, de acordo com a proposta feita por Corrêa (2004). Defendemos, junto com Berti, Chacon e Pagliuso (2010) e Capristano (2007a) dentre outros, que, na análise de dados de escrita, é

preciso considerar os elementos de diferentes natureza que constituem a escrita, mais especificamente, consideraremos o entrecruzamento entre práticas de oralidade e práticas de letramento que constituem a escrita enquanto modo de enunciação e que são relevantes para investigar como é o processo pelo qual o escrevente é levado a construir hipóteses da representação escrita da fala. Entenderemos as grafias não-convencionais da coda nasal como marcas da heterogeneidade da escrita.

O conceito de heterogeneidade da escrita, proposto por Corrêa (2004), decorre de uma abordagem que vê uma heterogeneidade constitutiva da escrita, interior a ela, e não como uma característica pontual e acessória. De acordo com essa concepção, não se trata de uma heterogeneidade de fatos ou características da linguagem que estão na escrita, uma interferência do oral no escrito, mas de uma íntima relação entre fatos linguísticos (falado/escrito) e práticas sociais (orais/letradas). Dessa forma, a escrita constitui-se pelo encontro entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, ou seja, a escrita se constitui de características de naturezas distintas (fônico e visual, por exemplo) que se relacionam entre si de modo entrelaçado. Ainda para Corrêa (2001, 2004), a escrita deve ser entendida como processo e não como produto. Ao considerá-la em seu processo de produção, como é o caso do processo de alfabetização, além da relação entre oralidade e letramento, busca-se considerar a relação entre sujeito e linguagem, incluindo as representações que o escrevente constrói sobre a sua escrita, sobre o interlocutor e sobre si mesmo nesse processo. Portanto, estão em cena não apenas a complexidade de representação fonema-grafema, que envolve características da fala e da escrita, mas o fato de essa complexidade ser afetada pela reflexão que o escrevente faz ao estar imerso em práticas orais e letradas (em ambiente escolar e não-escolar).

Para Corrêa (2001, 2004), existem três modos de reconhecimento da heterogeneidade da escrita, são eles: (1) aspectos da representação gráfica; (2) pela heterogeneidade da língua; (3) pela circulação dialógica do escrevente no momento da produção do texto escrito. Em (1), a heterogeneidade é reconhecida pela oscilação que o escrevente revela entre a representação dos sons que produz em sua variedade linguística falada e a convenção ortográfica (que neutraliza as variações da fala) ensinada pela escola. Em (2), reconhece-se a heterogeneidade pelo fato de a escrita ser também considerada um modo de enunciação, assim como a fala. Por fim, em (3), é possível reconhecer a heterogeneidade da escrita a partir da circulação do sujeito no processo de produção de seu texto: o eixo da representação que o escrevente faz sobre o que imagina ser a gênese da escrita; o eixo da representação que o escrevente faz sobre o que

imagina ser o código escrito institucionalizado; e o eixo da dialogia com o já falado/escrito. Nesta dissertação, interessa considerar a heterogeneidade que se manifesta quando envolvidos aspectos da representação gráfica como luz a iluminar nosso objeto de investigação, a saber, as grafias de coda nasal em textos de alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I.

Dessa perspectiva teórica, o produto escrito aparece como resultado do trânsito do escrevente por diferentes práticas de linguagem, tanto orais quanto letradas. Dessa forma, as marcas de escrita que se relacionam às grafias não-convencionais da coda nasal seriam, nessa perspectiva teórica da relação entre fala e escrita, indícios desse cruzamento entre práticas sociais orais/faladas e práticas sociais letradas/escritas.

3. Procedimentos Metodológicos

O presente capítulo objetiva apresentar os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Para tanto, inicialmente, em 3.1., tem-se a caracterização da escola e dos alunos que produziram o material analisado. A metodologia de coleta dos dados é apresentada na subseção 3.2. E, por fim, na subseção seguinte, 3.3., trata-se da descrição e definição do córpus de investigação.

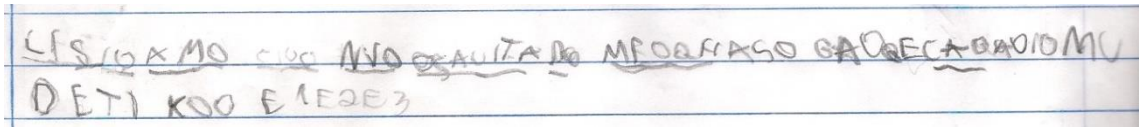
3.1. Caracterização da escola e dos alunos

O córpus desta pesquisa faz parte de um banco de dados coletado em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental I (EF I), sendo constituído por registros escritos produzidos por crianças em processo de alfabetização, que frequentavam a escola COOPEC – Cooperativa Regional de Educação e Cultura Albert Sabin no período vespertino, na cidade de São José do Rio Preto, no ano de 2014.

A unidade escolar "COOPEC – Cooperativa Regional de Educação e Cultura Albert Sabin", vinculada ao sistema privado de ensino, tem funcionamento no período diurno, em que oferece os cursos de Educação Infantil (mini-maternal ao pré-II), Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 3º ano). Em termos socioeconômicos, o bairro no qual a escola se localiza é considerado como de classe média-alta. O quadro docente da unidade escolar é formado por profissionais graduados nas diversas áreas do conhecimento. A docente responsável pela turma cujos textos são objeto de análise é a que ora apresenta esta pesquisa

O material é composto por produções escritas de dezoito alunos (nove do sexo masculino e nove do sexo feminino) com faixa etária de seis anos. A partir da análise desse material identificamos que as produções de quatro alunos não poderiam ser utilizadas como córpus para esta pesquisa. A exclusão das produções escritas desses alunos se deve ao fato de não ser possível identificar e classificar palavras com coda nasal. Assim, neste trabalho, apresentaremos análise feita a partir da produção escrita de catorze alunos. Exemplo de uma produção excluída é dado abaixo.

Figura 1: Produção escrita excluída da análise[3]



O plano de ensino para o primeiro ano do EF I baseava-se, à época da coleta das produções escritas, no trabalho coletivo visando a atender, entender e agir a partir da individualidade de cada aluno, estando pautado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) (PCN's) e em desenvolvimento de projetos pedagógicos interdisciplinares que se utilizavam de situações reais e vivências pedagógicas que favoreceriam a aquisição do conhecimento ensinado.

Seguindo a proposta pedagógica da escola, o aluno do primeiro ano do EF I também deveria trabalhar com o chamado "Caderno de Construções/Atividades" que eram elaboradas a partir de livros paradidáticos para trabalhar o processo de alfabetização. Havia também o apoio de livros didáticos para aprofundar o conhecimento nas demais disciplinas. Além disso, professores especialistas de Inglês, Arte, Música e Educação Física atuavam, em horários semanais específicos, em conjunto com o professor responsável pela sala de aula.

As características descritas permitem traçar o perfil geral da Unidade Escolar na qual os dados foram coletados, bem como o perfil dos participantes da presente pesquisa.

Passa-se, na próxima seção, à caracterização da metodologia de coleta dos dados.

3.2. Caracterização da metodologia de coleta dos dados

Os dados considerados neste estudo foram extraídos de coletas realizadas durante todo o ano letivo de 2014. Foram desenvolvidas as seguintes atividades escritas: uma lista de materiais escolares, uma lista de frutas, duas listas de doces, uma lista de flores, uma lista de itens da festa junina, quatro produções escritas de memória de músicas, duas produções escritas de memória de trava-língua, duas produções escritas de palavras a partir de imagens, uma

[3] Escrita de memória da música "Lencinho na mão – Lencinho na mão caiu no chão moça bonita do meu coração galo que canta corococó chupa cana com um dente só é um é dois é três".

produção escrita de memória de parlenda e duas listas de ingredientes, sendo uma lista de ingredientes de “bolo formigueiro” e a outra lista de ingredientes que uma bruxa deveria colocar em seu caldeirão para o preparo de uma poção.

A opção inicial por propostas de escrita de listas se deve ao fato de grande parte dos alunos iniciarem o primeiro ano do EF I não produzindo e não lendo textos. A partir do segundo semestre do ano letivo, passou-se a inserir produções escritas de músicas, trava-língua, parlendas. Além dessas produções escritas, foram planejadas atividades de leitura e escrita, para a disciplina Língua Portuguesa, que incluía a utilização de três livros paradidáticos, a saber: “O carteiro chegou” (2007), “Meio-dia macaco assobia” (2012) e “Era uma vez uma bruxa” (2002). Passamos a descrever esses três livros, pois parte da produção escrita das crianças são motivadas a partir de atividades produzidas a partir da leitura desses livros em sala de aula.

No livro “O carteiro chegou” (2007), o carteiro entrega as cartas para vários personagens dos contos de fadas, possibilitando ampliar a leitura de tais contos. Os contos a que é feita referência no livro são: “Cachinhos Dourados”; “João e Maria”; Chapeuzinho Vermelho”; “Os Três Porquinhos”; “João e o Pé de Feijão” e “Cinderela”. Cada conto é apresentado por meio de texto constituído de versos rimados e, a cada conto, um gênero textual é apresentado em envelopes (no corpo do livro). Dentre eles encontram-se: cartão postal, livrinho de conto de fadas, convites, cartão de aniversário, folheto de propaganda. Essa organização do livro possibilita o trabalho com diversos gêneros textuais.

Já o livro “Meio-dia macaco assobia” (2012) é composto por parlendas, canções e trava-língua de cunho infantil, que são ritmadas e de fácil memorização. Por causa dessas características são bastante utilizadas no processo de leitura e escrita de memória. E o livro “Era uma vez uma bruxa” (2002) conta a história de uma bruxa que se cansou de viver na floresta e saiu em busca de novas aventuras. O texto é enigmático e a grafia é em caixa alta e baixa, além da cursiva, o que favorece o conhecimento dos alunos das diferentes possibilidades de grafias de um mesmo grafema no processo de alfabetização.

De todo o material escrito produzido pelas crianças, são selecionadas para este estudo somente aquelas produções realizadas sem a intervenção da professora no processo de escrita dos alunos. Essas produções na dinâmica escolar tinham o objetivo de permitir à professora observar e registrar como os alunos produziam sua escrita sem seu apoio. Pretendia-se, por um lado, proporcionar o desenvolvimento das crianças com autonomia e, por outro lado, observar

as hipóteses dos alunos no processo de aquisição da escrita. As atividades não foram planejadas para a realização desta pesquisa e as produções escritas tão pouco contém todos os contextos de codas nasais que poderiam ser investigados. Esta pesquisa é feita a partir de material não controlado, portanto. A seguir, passa-se à descrição de cada proposta de produção escrita selecionada para esta pesquisa a fim de explicitar suas características.

Para a realização da proposta de lista de materiais (desenvolvida no 1º mês de aula), trabalhou-se, primeiramente, a importância do cuidado de pertences de cada aluno para uma boa convivência no espaço escolar. Após as discussões, os alunos escreveram uma lista de materiais escolares. Para a realização da lista de frutas (desenvolvida no 2º mês do ano letivo), foi proposto inicialmente que os alunos pulassem corda com a música "Suco Gelado" e, em seguida, foi solicitado que escrevessem os nomes de algumas frutas.

Para a realização da lista de doces (realizada na primeira quinzena do 3º mês letivo), foi trabalhada a história "Chapeuzinho Vermelho", uma das personagens do livro "O carteiro chegou" (1997); em seguida, os alunos escreveram uma lista de doces que levariam para a vovozinha, motivados pelo conto de fadas em que a mãe de Chapeuzinho Vermelho pede para que a menina leve doces para a sua avó que está doente.

No conteúdo da disciplina de História, os alunos estudaram o tema "Identidade, com o objetivo de conhecer a origem, a história do próprio nome e sobrenome, uma atividade complementar foi o trabalho com a canção "Gente tem sobrenome", do compositor Toquinho. Em seguida, cada aluno escreveu uma lista de flores (desenvolvida na segunda quinzena do 3º mês letivo). Outra lista de doces foi realizada após a leitura do conto "João e Maria", cuja casa da bruxa feita de doces faz parte do livro "O carteiro chegou" (1997). Solicitou-se que os alunos escrevessem uma lista de doces (atividade realizada no 4º mês letivo) que compunham a casa da bruxa. Em data próxima ao evento "Festa Junina" da escola, foi solicitado que os alunos escrevessem uma lista (realizada no 5º mês letivo) de itens que teriam na Festa Junina.

Para a realização das escritas de memória, as letras de músicas, parlenda e trava-língua foram trabalhadas por mais de uma semana através de brincadeiras e competições entre as crianças, proporcionando a memorização. Posteriormente a essas atividades, foi solicitada a produção escrita dos textos memorizados (atividades realizadas nos 6º, 7º e 8º mês letivo).

Para a realização das listas a partir de imagens, os alunos receberam folhas impressas com desenhos e, na primeira lista (realizada no 7º mês), os desenhos eram relacionados à música

“Meia-noite no castelo”, as imagens eram de bruxa, pão, manteiga e faca sendo, então, solicitado que os alunos registrassem os nomes dessas imagens e registrassem também uma rima para cada nome da imagem. Na segunda lista (produzida no 7º mês letivo), os desenhos também eram sobre a temática “bruxa” com figuras de bruxa, caveira, aranha, teia, chapéu, caldeirão, vassoura e múmia.

Por fim, para realização das listas de ingredientes, a professora ditava oralmente as palavras e os alunos escreviam em forma de lista. Na primeira lista (realizada no 7º mês letivo), os alunos registraram os ingredientes de um bolo formigueiro que iriam fazer e, na segunda lista realizada (no 8º mês letivo), os alunos registraram os ingredientes que gostariam de colocar no caldeirão da bruxa para o preparo de uma poção.

Dessa forma, o material de investigação constitui-se de palavras produzidas a partir de dezessete propostas de escrita em ambiente escolar, das quais participaram dezoito sujeitos em processo de alfabetização e utilizaremos, para essa pesquisa, apenas as produções de catorze sujeitos.

Houve pouca variação da participação dos sujeitos na realização de cada proposta: onze alunos participaram de todas as propostas (11 sujeitos x 17 propostas = 187 produções), cinco alunos não participaram apenas de uma proposta (5 sujeitos x 16 propostas = 80 produções), um aluno não participou de duas propostas (1 sujeito x 15 propostas = 15 produções) e um aluno não participou de três propostas (1 sujeito x 14 propostas = 14 produções). No total, são 297 produções coletadas a partir das 17 propostas desenvolvidas no primeiro ano do EF I, totalizando 18 participantes do início ao final do ano letivo, dos quais selecionamos 14 cujas produções foram possíveis de serem analisadas. Considerando os 14 participantes da pesquisa, o material é constituído de 232 produções. Essa participação dos alunos nas atividades subsidia a investigação das hipóteses dos alunos sobre (sua) escrita ao longo do primeiro ano do EF I.

Na seção a seguir, tem-se a descrição e definição do córpus que constitui a presente pesquisa.

3.3. Descrição e definição do córpus de investigação

A partir das dezessete propostas descritas na subseção 3.2., selecionaram-se 90 palavras com coda, que pertence a diferentes classes gramaticais, havendo substantivos, verbos, pronome, advérbio, preposições, numeral e artigo. Em cada palavra, há apenas uma sílaba com coda , exceto nas palavras "fantasma, escondido (3x), apontador, fermento, entrar, sentar", que têm duas sílabas com coda cada uma e a palavra "escondido" se repete três vezes. Desse modo, há no córpus 90 palavras e 98 sílabas com coda, sendo 55 possibilidades de coda nasal e 43 possibilidades de registros de sílabas com as demais codas consonantais, preenchidas por lateral, fricativa ou vibrante, passíveis de análise. Desse total, algumas palavras ocorrem uma única vez, outras duas, três e outras sete vezes, como se constata nos Quadros 1 e 2. Excluídas as repetições da mesma palavra ortográfica, totalizam-se 67 palavras distintas e 72 sílabas com codas consonantais.

Quadro 1. Conjunto de palavras selecionadas com codas fricativa, lateral e vibrante

Coda Fricativa	**Coda lateral**	**Coda Vibrante**	
ca**s**telo, colhere**s** (2x), cu**s**piu, de**s**maio, de**s**pedaçada, doi**s**, e**s**condido (3x), e**s**tá, fanta**s**ma, lápi**s**, le**s**ma, mai**s** (2x), ovo**s**, pô**s**, trê**s**	ca**l**deirão, girasso**l**, so**l**dado	açúca**r**, apontado**r**, cade**r**no, ca**r**ne, fe**r**mento, laga**r**tixa, ma**r**garida, ma**r**garina, ma**r**melo, po**r**calhão, so**r**vete (2x), te**r**no	**Infinitivo**[4]
			Casa**r**, chora**r**, entra**r**, lava**r**, namora**r,** sen**t**a**r,** seca**r**, visita**r**

[4] Separamos os verbos no infinitvo por não haver a pronúncia da coda vibrante nesses verbos.

Quadro 2. Conjunto de palavras selecionadas com coda nasal

Coda Nasal	
Grafema <n>	**Grafema <m>**
apo**n**tador, ave**n**ca, ba**n**deirinha, bate**n**do, be**n**gala, bra**n**ca, bra**n**co, ca**n**jica (3x), ca**n**ta, casame**n**to, cha**n**tili, de**n**te (2x), de**n**tro (2x), doe**n**te, e**n**trar, esco**n**dido (3x), fa**n**tasma, faze**n**do, ferme**n**to, lava**n**do, le**n**cinho, ma**n**dei (2x), ma**n**teiga (2x), mela**n**cia, passa**n**do, prete**n**de, refrigera**n**te, se**n**tar, ve**n**to	co**m** (7x), home**m**, li**m**pa, po**m**binha, que**m**, u**m** (7x)

No que diz respeito à caracterização desse conjunto de palavras selecionadas do material investigado, observam-se diferentes características linguísticas e ortográficas das sílabas investigadas. Há sílaba com núcleo da rima preenchido por todas as vogais, a saber: <A> "c**a**njica", <E> "d**e**nte", <I> "l**i**mpa", <O> "p**o**mba", <U> "**u**m". Essas sílabas com coda nasal ocorreram em início, meio ou final de palavra, como respectivamente exemplificam "**en**tra", "fer**men**to", "ho**mem**". Podem ser átonas, como em "a**pon**tador", ou tônicas, como em "a**ven**ca". As palavras com sílabas com coda nasal podem ser monossilábicas, dissilábicas, trissilábicas ou polissilábicas, como respectivamente exemplificam: "com", "vento", "canjica", "refrigerante". Quanto ao aspecto ortográfico, podem ter a coda nasal grafada com grafema <M>, como "homem" ou <N>, como "canta". Não há palavras em que o diacrítico <~> seja empregado. No quadro a seguir, sistematizam-se os critérios de classificação dos dados e a quantidade de ocorrências pelos tipos considerados no conjunto de 55 sílabas com coda nasal.

Quadro 3. Critérios para classificação dos dados

Critérios de classificação	**Tipos**	**Nº de registros**
Vogal no núcleo silábico	<A>	17
	<E>	18
	<I>	1
	<O>	12
	<U>	7
Posição da sílaba dentro da palavra	Início de palavra	39
	Meio de palavra	15
	Fim de palavra	1
Tonicidade da sílaba com coda nasal	Tônica	34
	Átona	21
Número de sílabas da palavra	Monossílabo	15
	Dissílabo	14
	Trissílabo	18
	Polissílabo	8
Registro ortográfico	<M>	18
	<N>	37

O critério “Tonicidade da sílaba com coda nasal” foi considerado em função de nossa hipótese de que a sílaba tônica favorece mais registros da coda nasal do que a sílaba átona, porque a tonicidade levaria a uma maior percepção da nasalidade da sílaba e, por conseguinte, ao registro da nasalidade. Para o critério “Número de sílabas da palavra”, a hipótese é de que quanto maior a palavra, ou seja, quanto maior o número de sílabas, maior será a dificuldade em grafá-las e, por consequência, haveria maior dificuldade em grafar sílaba com coda nasal em palavras maiores.

O critério “Vogal no núcleo silábico”, deve-se a hipótese de que haveria maior dificuldade em grafar a vogal <A> no núcleo silábico, por ser a vogal [a] alçada quando nasalizada , o que levaria a uma qualidade fonética que criaria maior dificuldade para o sujeito grafar <AM> ou <AN> do que as demais vogais seguidas de coda nasal. Para o critério “Posição da sílaba dentro da palavra”, a hipótese a ser confirmada ou refutada é a de que a posição da sílaba com coda nasal em início de palavra por apresentar informações linguísticas, por estar em fronteira de palavra, e informação visual, por estar em início de palavra, favorece identificá-la e representá-la.

Por fim, quanto ao critério “Registro ortográfico”, a hipótese é de que haver três possibilidades de registro da nasalidade <M, N, ~> na convenção ortográfica do português levaria o sujeito a ter maior dificuldade em dominar as regras ortográficas e em grafar a coda

nasal com <M> devido à sua restrição para representar o segmento nasal em relação ao registro ortográfico <N>.

Passando a considerar o total de sujeitos que produziram cada uma das 17 propostas e o conjunto de palavras ora descritas, identificamos um total de 1.687 possibilidades de ocorrências de sílabas com coda, sendo 727 possibilidades de ocorrências de sílabas com codas consonantais <S, L, R> e 960 possibilidades de ocorrências de sílabas com coda nasal. Para as codas nasais, objeto de investigação, se visualiza o número de dados por proposta no quadro a seguir.

Quadro 4. Possibilidades de ocorrência de sílabas com coda nasal

Propostas	Possibilidades de coda/palavra	Sujeitos com produção escrita	Possibilidades de ocorrência de coda
Lista de materiais escolares	1	17	17
Lista de frutas	1	16	16
Lista de doces	1	18	18
Lista de flores	1	16	16
Lista de doces	2	18	36
Lista de itens da festa junina	3	18	54
Escrita de memória de música	6	18	108
Escrita de memória de música	3	18	54
Escrita de memória de trava-língua	9	18	162
Escrita de memória de música	3	18	54
Escrita de palavras a partir de imagens	1	17	17
Escrita de palavras a partir de imagens	1	18	18
Escrita de memória de trava-língua	5	16	80
Escrita de memória de parlenda	3	18	54
Lista de ingredientes	1	17	17
Escrita de memória de música	13	17	221
Lista de ingredientes	1	18	18
Total	55	-	960

Para a definição do córpus de investigação, observaram-se critérios para seleção, exclusão e interpretação dos dados. Após a coleta do registro escrito das palavras, os dados foram organizados de acordo com: (i) Um grafema para representar sílabas CVC; (ii) Dois grafemas para representar sílabas CVC; (iii) Três grafemas para representar sílabas CVC com

uma das codas <S, L, R>; (iv) Três grafemas para representar sílabas não-convencionais CV/N/[5], (v) Três grafemas para representar sílabas CV/N/ convencionais. A seguir, exemplificam-se cada um dos tipos de grafias.

Quadro 5. Tipos de registros e exemplos de grafias com coda

Tipos de registro	**Exemplos**
Um grafema para representar sílabas CVC	"a**pt**o" (a**pon**ta**dor**)
Dois grafemas para representar sílabas CVC	"a**ve**ca" (a**ven**ca), "**so**vete" (**sor**vete)
Três grafemas para representar sílabas CVC com coda <S, L, R>	"lá**pis"**, "**sol**dado", "**car**ne"
Três e/ou dois grafemas para representar sílabas não-convencionais CV/N/	"**xi**tili" (**chan**tili), "es**com**dido" (es**con**dido)
Três grafemas para representar sílabas convencionais CV/N/	"**man**teiga", "**um**", "**bran**co"

Consideram-se como um mesmo conjunto os registros de sílabas com ataque simples (CV) ou ramificado (CCV) ou ainda sem ataque preenchido (VC), pois assumimos a premissa de que o registro do ataque silábico não afeta o registro da coda silábica. Também agrupamos os dados nos quais há os registros com <R>, <S>, <L> em coda[6] a fim de identificar em qual momento os sujeitos começam a grafar um segmento consonantal[7] em coda em comparação com o segmental nasal nessa mesma posição silábica (mesmo que ainda não-convencional o registro da nasal). O não registro de coda nasal em contraste com o registro de outras codas consonantais permite mapear o percurso que os sujeitos fazem até iniciarem a grafia (convencionalmente ou não) desse segmento. Por meio desses critérios agrupam-se os dados em que há o registro de um grafema para representar sílaba com coda. A identificação do registro não-convencional de rima com coda nasal possibilita caracterizar o registro não-convencional do núcleo silábico e/ou da coda nasal silábica ou de toda a rima, revelando-se hipóteses dos escreventes quanto ao nó silábico da rima, supondo-se que o registro da coda nasal mobiliza conhecimento/reflexão do sujeito sobre esse nó silábico. Por fim, consideram-se como um tipo os registros convencionais de coda nasal em que a nasalidade é grafada convencionalmente na posição de coda silábica de acordo com as convenções ortográficas. O

[5] Representação da coda nasal.

[6] Observamos que não há registros ortográficos com <Z> no conjunto de dados coletados.

[7] Observamos que na variedade falada pelos sujeitos a lateral em coda é realizada como semivogal alta posterior.

que se pretendeu com a proposta de cada tipo de registro foi o mapeamento de possíveis regularidades dos sujeitos no processo de aquisição de escrita de sílabas com coda nasal em direção às convenções ortográficas, tendo por base a configuração não-linear da sílaba como unidade linguística basilar, relevante para as hipóteses dos escreventes sobre as representações ortográficas de palavras do português.

Por fim, quando considerados os não registros de sílabas com coda nasal e os registros não-convencionais da posição de coda representada graficamente pelos grafemas <M, N>, fez-se necessário estabelecer subcategorizações[8] para melhor descrição dos registros não-convencionais que envolvem a rima.

A seguir, elencamos todos os tipos de registros propostos para análise:

1. Registro de um grafema para sílabas CVC (“a**o**a**k**” para a**pon**ta**dor**)
2. Registro de dois grafemas para sílabas CVC (“a**ve**ca” para a**ven**ca, “**so**vete” para **sor**vete)
3. Registro de dois e/ou três grafemas para sílabas não-convencionais CV/N/:
   3.1. Registro de CV para CV/N/: não-convencional do núcleo e não registro da coda (“**xi**tili” para **chan**tili)
   3.2. Registro de CV para CV/N/: convencional do núcleo e não registro da coda (“refrige**ra**te” para refrige**ran**te)
   3.3. Registro de CV/N/: não-convencional do núcleo e da coda (“**bão**derinha” para **ban**deirinha)
   3.4. Registro de CV/N/: convencional do núcleo e não-convencional da coda (“**quen**” para **quem**)
   3.5. Registro de CV/N/: não-convencional do núcleo e convencional da coda (“me**lên**sia” para me**lan**cia).

Considera-se para a interpretação e agrupamento dos dados da pesquisa que os sujeitos no início do processo de aquisição da escrita podem registrar um grafema, uma consoante ou uma vogal, para representar sílabas V, CV, CVC (objeto de análise), ou ainda, pode-se afirmar que para esses sujeitos o grafema escolhido possui o valor de uma sílaba V, CV, CVC. Exemplo: “a**o**t**o**” para representar a**pon**ta**dor**. Podem, ainda, registrar dois grafemas, uma

[8] A sequência que as categorias e subcategorias são apresentadas se deve à ordem em que vão sendo escritas pelos sujeitos.

consoante e uma vogal, para representar sílabas CV e CVC (objeto de análise). Exemplo: “a**po**ta**do**” para representar a**pon**ta**dor**. E, por último, passam a registrar três grafemas, uma consoante, uma vogal e uma consoante ou vogal (quando utilizada se torna uma grafia não-convencional, como “**bei**gala” para **ben**gala), para representar sílabas CVC (objeto de análise). Exemplo: a**pon**ta**dor.**

Observa-se nesse percurso traçado pelos sujeitos que as grafias aparecem de acordo com a complexidade da estrutura silábica, ou seja, aparece em um primeiro momento um grafema que pode ser consoante ou vogal para representar a sílaba com a posição de núcleo preenchido, em seguida, os sujeitos preenchem a posição de ataque e núcleo e, por fim, preenchem as posições de ataque e rima que é constituída de núcleo e coda. Desse modo, percebe-se que a complexidade da estrutura silábica guia as grafias representadas.

4. Análise e Discussão dos Resultados

Neste capítulo, é feita a descrição e análise dos dados. Em 4.1. faremos uma descrição geral das grafias de coda nasal. Em 4.2. analisaremos a relevância dos fatores linguísticos para a descrição de como se dá os registros de coda nasal. Serão analisados os seguintes fatores: em 4.2.1. Vogal no núcleo silábico; em 4.2.2. Posição da sílaba dentro da palavra; em 4.2.3. Tonicidade; 4.2.4. Número de sílabas da palavra e, em 4.2.5. Registro ortográfico no processo de construção da noção de sílaba pelo escrevente.

4.1. Descrição geral das grafias de coda nasal

Faremos análise de 1.081 codas produzidas por catorze dos dezoito sujeitos considerados na pesquisa. Das 1.081 sílabas com codas analisadas, 640 são de codas nasais e 441 são das demais codas consonantais.

Quadro 6. Tipos de registros de coda consonantal ao longo do 1º ano do EF I

Produção (nº, mês)	<R, S, L> Convencionais	<M, N> Não-convencional	<M, N> Convencional
01. Fevereiro	5	0	1
02. Março	6	4	0
03. Abril	4	2	1
04. Abril	15	5	2
05. Maio	7	11	9
06. Agosto	11	16	22
07. Setembro	26	18	51
08. Setembro	11	19	22
09. Setembro	-	18	86
10. Outubro	57	3	36
11. Outubro	-	3	11
12. Outubro	21	4	9
13. Outubro	47	15	47
14. Outubro	12	10	32
15. Outubro	95	5	8
16. Novembro	97	58	98
17. Novembro	27	4	10
Total	441	195	445

É possível identificar a tendência de os sujeitos registrarem apenas um grafema nas primeiras produções de sílabas com coda, como por exemplo, “a**o**to” (a**pon**tador), em seguida, passarem a registrar dois grafemas, sendo uma consoante e uma vogal, como “**ca**kica” (**can**jica). Posteriormente passam a grafar as codas <R, S, L>, como “**sor**vete”, “lá**pis**”, “giras**sol**”, e mais tarde grafar a coda nasal, como “**ben**gala”. Quando iniciam a grafia de coda nasal, os registros flutuam entre não-convencionais e registros convencionais, como respectivamente, “refrige**ra**te” e “refrige**ran**te”.

Observam-se que os registros das codas <R, S, L> aparecem em fevereiro, primeiro mês letivo, e o registro de coda nasal aparece somente em uma produção nesse mesmo mês, a saber “a**pon**tador”. A maior parte dos registros de coda nasal até o mês de abril não é grafada para alguns dos catorze sujeitos da pesquisa. De modo geral, os registros de coda nasal são os últimos a aparecerem na escrita da maioria dos sujeitos em relação aos registros das demais codas consonantais. A flutuação entre o não-registro de coda nasal, como “a**po**tado” (a**pon**tador), e o seu registro não-convencional, como “**ca**gica” (**can**jica), ocorre no primeiro semestre do ano letivo, mas a flutuação entre registro não-convencional, como “a**vem**ca”, e convencional de coda nasal, como “a**ven**ca”, permanece até o final do primeiro ano do EF I.

No percurso que os sujeitos fazem até grafarem as sílabas com coda nasal (CVC, VC, CCVC) convencionalmente, observa-se que, nos meses fevereiro e março, a maioria dos sujeitos não registra sílabas com coda nasal, pois não são registradas as posições de ataque e núcleo silábicos, sendo a coda uma dentre outras posições não registradas. Exemplo de registro de apenas um grafema para grafia não-convencional de sílaba CV, incluídas as sílabas CVC: “a**o**to” (a**pon**tador). Nesse exemplo, nenhuma sílaba CV, nem as CVC, é registrada convencionalmente. Em seguida, na primeira quinzena do mês abril, há grafias em que são registradas as posições de ataque e núcleo silábicos, mas ainda não há registro da coda. Exemplo de registro de dois grafemas para grafia convencional da sílaba CV, consideradas palavras com sílabas CVC: “a**po**ta**do**” (a**pon**ta**dor**). Nessa grafia, apenas não é registrada a posição de coda, seja ela preenchida ou não por nasal. Posteriormente, na segunda quinzena do mês abril até o mês maio, há grafias em que são registradas as posições de ataque, núcleos e codas consonantais diferentes das nasais. Exemplos de registros convencionais das posições de ataque e núcleo silábicos e não registro apenas da coda nasal: “**sor**vete”; “a**ve**ca” (a**ven**ca). Esses registros

mostram que as demais posições de codas consonantais já são registradas, surgindo, assim, o registro da sílaba CVC, mas não é registrada a coda nasal, o que nos leva à interpretar que o registro da nasal em coda oferece uma maior dificuldade aos sujeitos. Esses resultados sugerem, ainda, que a sílaba é uma unidade fonológica constituída de hierarquia interna que guia as grafias observadas.

Em seguida, observamos tendências gerais, para todos os sujeitos, em produzir grafias que oscilam entre o registro não-convencional de rima com coda nasal, como também o registro convencional da coda nasal, como respectivamente, "refrige**ra**te" e "**can**jica". Quanto ao registro não-convencional de rima com coda nasal, como em "refrige**rão**te", há combinação de possibilidades de grafias sobre as quais passamos a tratar nas subseções a seguir.

4.1.1. Registro de CV para CV/N/ - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)

Uma possibilidade de grafia não-convencional da rima com coda nasal compreende o registro não-convencional do núcleo e não registro da coda, como em "r**le**sia" (me**lan**cia), "**xi**tili" (**chan**tili) e "**bo**derinha" (**ban**deirinha). Nesses exemplos, as trocas dos fonemas /a/ em contexto de nasalização pelos fonemas /e, i, o/, respectivamente tem possível motivação na tentativa de registro da qualidade fonética da vogal nasal [ɐ̃]. A grafia da vogal nasal [ɐ̃] passa a ser de uma vogal mais alta em relação à realização oral de [a], como nos ensina Cagliari (2009). Das letras de que dispõe, a criança registra a realização fonética da vogal seguida por nasal por uma das letras <e, i, o>. Nota-se não ser aleatória a escolha dessas vogais. Em "r**le**sia", a grafia "e" pode decorrer do fato de haver essa vogal na sílaba "me", portanto, uma potencial motivação de natureza gráfica, um registro de "e" na sílaba "le", seguinte à "me". Esse registro poderia ser uma pista de que a criança teria uma ancoragem em informações de natureza ortográfica. No entanto, há também características articulatórias dos fonemas consonantais adjacentes à vogal que podem também servir de ancoragem para o registro "le" para "lan": a lateral "l" (que ocupa posição de ataque silábico da sílaba alvo da análise) e a fricativa "s" (que ocupa o ataque da sílaba adjacente à silába alvo) têm em comum o traço [anterior]. Uma hipótese explicativa seria que esse traço [anterior] das consoantes favoreceria a escolha da letra "e" por esta representar uma vogal anterior média. Desse modo, o registro "le" também pode

ser tentativa do registro da qualidade fonética da altura da vogal nasal [ɐ] somada ao traço anterior das consoantes adjacentes a essa vogal. Essa confluência de aspectos ortográficos e fonético-fonológicos parece também motivar a grafia "**xi**tili". Em "**chan**tili", há duas vogais "i", o que pode motivar a criança, na dúvida, grafar "i" também a primeira sílaba dessa palavra. Mas também aspectos fonético-fonológicos podem favorecer a grafia "xi", na medida em que a consoante fricativa palatal que ocupa o ataque silábico tem o traço [alto], semelhante ao da vogal alta [i]. Dessa perspectiva, a grafia "xi" para "chan" é ancorada tanto em aspectos gráficos, quanto fonético-fonológicos da consoante [ʃ] e da vogal [i]. No terceiro exemplo, "**bo**derinha", o emprego da vogal "o" em "bo" tem, em parte, motivação no fato de a consoante [b] ser labial, traço também característico da vogal [o], mas não da vogal [a]. Mais uma vez, identificam-se possíveis ancoragens em aspectos fonético-fonológicos, particularmente, aqueles relativos a traços articulatórios das vogais e consoantes das sílabas registradas não-convencionais.

Berti, Chacon e Pagliuso (2010), estuda a escrita do fonema /a/ em contexto de nasalização por pré-escolares, e faz referência a dados similares ao desta pesquisa, como "morego" para ("morango"), e observa o fato de as substituições ocorrerem no interior da classe de fonemas vocálicos. Para eles, a criança não faz uma troca aleatória, mas apenas vogal por vogal. Essa troca se deve às características acústico-auditivas, mais especificamente, segundo eles, à padrão formântico bem definido, maior duração e maior intensidade das vogais, quando comparadas às consoantes. Os autores também observam as substituições serem preferencialmente por vogais médias, já que o grafema "a" foi substituido pelos grafemas "e, o" em seus dados, característica semelhante aos dados desta pesquisa. Esse tipo de substituição leva os autores supor uma ancoragem por parte do sujeito em características acústico-auditivas, como ocorre na grafia que encontramos em "boderinha", mas também em características gráficas, como o exemplo "xitili", descrito anteriormente.

Ainda no que diz respeito aos aspectos acústicos, os autores citados anteriormente esclarecem que a recorrência de registros não-convencionais do grafema "a", se deve à semelhança de padrões formânticos entre a vogal nasalizada e sua correspondente oral, como em grafias como "morago" para ("morango"), os quais serão analisados nesta pesquisa na próxima subseção (Registro de CV para CV/N/ - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)). Do ponto de vista acústico, as vogais nasalizadas seriam vogais orais com efeitos de nasalização adicionados,

então, o fonema /a/ oral e seu correspondente nasal teriam valores formânticos muito próximos. Mas, os padrões formânticos dos fonemas “e, o” não são parecidos com os do fonema “a”, portanto, somente características fonético-acústicas não justificaria tais substituições. O que justificaria tais substituições seria a não-correspondência linear entre o fenômeno físico (acústico) e a percepção auditiva desse fenômeno “a unidade de mensuração da percepção do fenômeno acústico seria distinta daquela utilizada na mensuração da produção desse fenômeno” (Berti, Chacon e Pagliuso, p.211). Em termos físicos a frequência é dada em Hertz (Hz), já a sensação da frequência é dada pela escala Bark (Z). Sendo assim, em termos de produção as frequências entre “a, e, o” quando nasais são distantes, mas na percepção auditiva as diferenças se minimizam, o que explicaria a possível ancoragem de registros não-convencionais de vogal nasal [ɐ] serem substituídos por “e, o”, letras que representam vogais médias.

Possivelmente, nos registros “r**le**sia”, “**xi**tili” e “**bo**derinha” o não registro da coda nasal se deve também ao fato de os sujeitos representarem vogais nasais ao invés de vogais orais seguidas de coda nasal, na medida em que são grafias não-convencionais de vogais cujos registros se mostram motivados pela qualidade fonética dessas vogais.

4.1.2. Registro de CV para CV/N/ - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)

Um conjunto de grafias pode ser caracterizado pelo registro convencional do núcleo e não registro da coda como em “refrige**ra**te” (refrige**rant**e), “**be**gala” (**ben**gala), “**li**pa” (**lim**pa), “es**co**dido” (es**con**dido). Nesses exemplos, o não registro da coda nasal, tem possível motivação em registrar a qualidade das “vogais nasais” ao invés de registrar vogais orais seguidas de segmento nasal, como previsto pela convenção ortográfica. Do ponto de vista acústico, segundo Berti, Chacon e Pagliuso (2010), as vogais nasalizadas seriam vogais orais com efeitos de nasalização adicionados. Desse modo, o fonema /a/ oral e seu correspondente nasal [ɐ] teriam valores formânticos muito próximos.

Além dos valores formânticos dos fonemas orais serem muito próximos de seus correspondentes nasais o que favorecia, por hipótese, somente ao registro de fonemas orais, é também, de acordo com Abaurre (1988), evidente para os sujeitos em fase inicial de uso da escrita alfabética (no chamado processo de alfabetização) representar a nasalidade distintiva

como uma sequência de dois segmentos, uma vogal oral seguida de segmento nasal. Nos textos observados pela autora, frequentemente, os sujeitos optam por não marcar na escrita a nasalidade distintiva. Esses dados podem indicar, segundo Abaurre (1988), que os sujeitos trabalham com a hipótese de que a língua portuguesa teria uma série de vogais nasais fonologicamente distintas e, portanto, se oporiam as vogais orais, como se atesta no par “mata” :”manta”.

Ao considerar que os sujeitos já sabem que na escrita do português uma letra pode representar fonemas vocálicos diferentes, como a letra “o” pode representar vogais médias abertas, como em “porca”, ou fechadas, como em “porco”, a omissão de qualquer referência à nasalidade distintiva na escrita pode ser vista como possibilidade de representação escrita. É “como se as letras que já usam para representar as qualidades vocálicas orais pudessem também representar as vogais nasais, deixando ao contexto do próprio texto a tarefa de indicar a pronúncia correta, para fins de leitura.” (Abaurre, p. 422).

A hipótese da autora é de que quando os sujeitos entram em contato com a escrita eles ainda estão operando com representações fonológicas abstratas que contêm vogais orais e vogais nasais e levam algum tempo para aceitar a nasalidade distintiva implicada pela escrita do português, ou seja, uma sequência de vogal oral seguida de consoante nasal. Acrescenta-se que há contextos em que a nasalidade da vogal não é registrada pela convenção ortográfica, como nas duas primeiras vogais de “banana”. O fato relevante a ser aprendido diz respeito à representação da nasalidade quando distintiva, como em “cato” : “canto”. Estão em jogo não apenas aspectos de representação escrita que relativos à posição da coda silábica, mas também do funcionamento da nasalidade no sistema fonológico do português de modo mais amplo.

4.1.3. Registro de CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)

Uma outra possibilidade de grafia não-convencional da rima com coda nasal compreende o registro não-convencional do núcleo e da coda nasal, como em “me**laão**a” (me**lan**cia) e “pa**ssão**do” (pa**ssan**do). Nesses exemplos, identifica-se a grafia do ditongo nasal “ão”, de modo que, no lugar da consoante nasal, há o registro da vogal <o> e a nasalidade é

grafada com <~> sobre a vogal <a>. Esses registros predominam em sílabas em que a rima é preenchida por "a" seguida de coda nasal. Interpretamos como indício da busca da criança por registrar a qualidade fonética da vogal nasal [ɐ̃]. Essas grafias também podem ter motivação ortográfica, uma vez que, em práticas pedagógicas escolares a que a criança possa ter sido exposta, são disponibilizadas (em cartazes afixados em sala de aula) famílias silábicas que incluem sílabas com "ão", como "ba, be, bi, bo, bu, bão". Desse modo, a memória (ou o acesso visual da grafia "ão") de um ditongo nasal pode ser tomado, pela criança, como sendo esse registro mais próximo daquele de que a criança está a grafar.

4.1.4. Registro de CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)

Agrupamos em um quarto tipo de grafias em que a coda nasal é grafada não-convencionalmente os registros como "**lei**sinho" (**len**cinho), "**dein**te" (**den**te), "**benh**gala" (**ben**gala), "**chã**tili" (**chan**tili), "**quen**" (**quem**), "es**com**dido" (es**con**dido). Observa-se que em "**lei**sinho" (**len**cinho) o registro da vogal <i> sem registro da consoante nasal é motivado no registro da vogal fonética [i] para as palavras em que a vogal silábica é [e]. Em "**dein**te" (**den**te), o sujeito grafa a qualidade fonética e ortográfica com o registro da vogal fonética [i] e com a consoante <n>, respectivamente. Tanto em "leisinho" como em "deinte" ocorre a inserção do sujeito em práticas de oralidade uma vez que percebe uma ditongação na variedade falada. No registro com dígrafo <nh> em "**benh**gala" (**ben**gala), há também uma tentativa de grafia da qualidade fonética e ortográfica para representar a coda nasal, pois o registro de <nh> que representa uma nasal palatal que tem o traço [alto] – é possível supor que o dígrafo represente tanto a nasalidade quanto o traço [alto] da vogal [i]. Mostra, ainda, a complexidade na posição de coda silábica pois em "benhgala" a tentativa do registro de nasalidade com <nh>, que representa uma nasal palatal, só pode ser empregada em ataque silábico, evidencia, assim, fortes restrições quanto ao preenchimento dessa posição. E em "**chã**tili" (**cha**ntili), "**quen**" (**quem**), "es**com**dido" (es**con**dido), o registro com consoantes <m, n, ~>, mostra que o sujeito não domina a regra contextual de emprego de <m>, <n> e <~>, mas já sabe que a nasalidade é representada por consoante nasal ou diacrítico em um vasto conjunto de palavras e, desse modo, confirma a complexidade ortográfica para o emprego da nasalidade na posição de coda silábica.

4.1.5. Registro de CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)

O quinto subgrupo de grafias que envolvem a rima com coda nasal consiste em registros não-convencional do núcleo e convencional da coda, como em "refrege**ren**te" (refrige**ran**te) e "me**leln**si" (me**lan**cia). Neste tipo de grafia, a coda nasal é grafada convencionalmente. No entanto, há uma tentativa de registro da qualidade fonética de vogal nasal [ɐ̃], por meio do registro da vogal <e> no lugar de <a>. Observa-se na grafia "me**leln**si" que a vogal é seguida de um segundo registro da consoante do ataque <l> ao lado do registro da nasalidade por meio de <n>. É forte o indício nesses registros de a criança estar trabalhando com hipóteses sobre possibilidades de registro da vogal e da coda nasal, tanto fonético quanto ortográfico. Considera-se, ainda, que as substituições das vogais <e> no lugar da vogal <a> em ambas as palavras podem ser cópia da vogal precedente "e", presente nessas palavras.

Concluimos esta seção observando que, de modo geral, os registros não-convencionais analisados dão indícios de haver ancoragem da criança na realização fonética da vogal da sílaba com coda nasal (registros como "**lei**sinho"), em informações ortográficas sobre a representação da nasalidade em fim de sílaba (registros como "**quen**", "es**com**dido"), e em ambos os tipos de informação (fonética e ortográfica) para representar a nasalidade (registros como "**dein**te", "**benh**gala", "refrege**ren**te").

Portanto, observa-se uma ancoragem dos sujeitos nos aspectos fonético-fonológicos e ortográficos que são possíveis no sistema linguístico do português e são considerados como indícios do trânsito pelo qual passam os sujeitos em processo de aquisição da língua escrita. Possivelmente, o não registro da coda nasal em "Registro de CV para CV/N/ - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda" e "Registro de CV para CV/N/ - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda", a partir de Abaurre (1988), se deve ao fato de os sujeitos representarem vogais nasais ao invés de vogais orais seguidas de coda nasal.

Os registros não-convencionais se devem também à complexidade silábica da posição de coda, que de acordo com Selkirk (1982), teoria já citada nesse trabalho, na fundamentação teórica, por não ser um constituinte imediato, mas uma ramificação de um constituinte, assim,

essa posição apresenta fortes restrições fonotáticas, de combinações de sons, em diversas línguas inclusive em português brasileiro, o que levaria a um aparecimento tardio na escrita dos sujeitos. De uma perspectiva fonética, Cagliari (2009), afirma estar a coda em uma posição de declive silábico, a energia produzida nesta posição é inferior à energia produzida no núcleo silábico, sendo assim, menos audível o que justificaria os registros não-convencionais. Acrescenta-se, ainda, a perda de energia ocasionada pela bifurcação no sistema de ressonância, o que faz com que o tubo principal (cavidade oral) perca energia para a cavidade nasal.

Explica-se, ainda, esses registros em termo à complexidade fonético-fonologica e ortográfica da nasalidade distintiva, de acordo com Wetzels (1997), as consoantes nasais em posição de coda silábica são segmentos incompletos das quais faltam o nó de ponto de articulação. Desse modo, esses segmentos recebem o traço da consoante seguinte, o que lhes permitem virem à superfície como segmento, e segundo Cagliari (2009), com diferentes possibilidades de manifestação fonética, o que os tornam mais complexos em relação aos demais segmentos que podem ocupar essa posição e, consequentemente, justificaria uma maior dificuldade por parte dos sujeitos em grafá-los. Assim essa manifestação fonética levaria a complexidade ortográfica com três possíveis formas de registro, <m, n, ~>.

Passamos, a seguir, a analisar os registros identificados à luz de critérios linguísticos que possam atuar no processo de registros de sílabas com coda nasal.

4.2. Análise de critérios linguísticos

Nesta seção, serão analisados os grupos de registros de sílabas com coda nasal ora descritos a partir dos seguintes critérios linguísticos:

1. Vogal no núcleo silábico;
2. Posição da sílaba dentro da palavra;
3. Tonicidade da sílaba;
4. Número de sílabas da palavra;
5. Registro ortográfico.

4.2.1. Vogal no núcleo silábico

Nesta seção, observa-se o quanto o critério linguístico "Vogal no núcleo silábico" influencia ou não no processo de construção de sílaba pelo sujeito escrevente. Nossa hipótese é de que a não-correspondência linear entre os fenômenos físicos e a percepção auditiva desses fenômenos entre a vogal <A> e sua correspondente nasal tornaria essa grafia mais complexa para o sujeito em processo de aquisição da escrita. Nas tabelas observamos apenas a vogal que compõe as sílabas alvo CV/N/. Descreveremos como se dão os registros de coda nasal a partir dos grupos de registros descritos na seção anterior.

Tabela 1. Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal

Vogal no núcleo silábico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Um grafema para representar sílaba com coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<A>	15	24,59	21	34,42	36	59,01
<E>	07	11,47	07	11,47	14	22,95
<I>	-	-	-	-	-	-
<O>	01	01,63	10	16,39	11	18,03
<U>	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	37,70	38	62,29	61	100,00

Nos registros da categoria "Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal", observa-se que do total desses registros, a maioria, com 62,29%, é grafada não-convencionalmente, como "a**o**ak" para (a**pon**tador), e quanto ao tipo de vogal no núcleo silábico, há maior quantidade de vogais <A>, com 59,01% dos dados, sendo a maioria delas, 34,43%, grafada não-convencionalmente, como "**c**gica" para (**can**jica). A proporção de grafias convencionais em relação às não-convencionais aumenta, no entanto, entre as sílabas com vogal <E> no núcleo. Resultado semelhante ao que se observa para os registros descritos a partir da tabela 2.

Tabela 2. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal

Vogal no núcleo silábico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Dois grafemas para representar sílaba com coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<A>	04	16,66	04	16,66	08	33,33
<E>	08	33,33	04	16,66	12	50,00
<I>	-	-	-	-	-	-
<O>	01	04,16	03	12,50	04	16,66
<U>	-	-	-	-	-	-
TOTAL	13	54,16	11	45,83	24	100,00

Observa-se nos registros da categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal" que a quantidade de registros convencionais, 54,16%, como (**ben**gala), é ligeiramente maior do que a quantidade de registros não-convencionais, 45,83%, como "a**po**tado" (a**pon**tador). Em relação ao tipo de vogal no núcleo silábico desses registros, há maior quantidade de vogais <E> grafadas convencionalmente, 33,33%, como "**ben**gala" e, para as vogais <A>, os registros se dividem igualmente em convencionais, como "**can**gica" (**can**jica), e não-convencionais, como "**ca**kica" (**can**jica). Características semelhantes se verificam quando considerados registros de consoante e vogal (CV) para sílabas com coda nasal, na tabela 3.

Tabela 3. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)

Vogal no núcleo silábico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e não registro da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<A>	33	64,70	07	13,72	40	78,43
<E>	10	19,60	01	01,96	11	21,56
<I>	-	-	-	-	-	-
<O>	-	-	-	-	-	-
<U>	-	-	-	-	-	-
TOTAL	43	84,31	08	15,68	51	100,00

Do total de registros da categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)", a maioria são convencionais, 84,31%, como "**ben**gala". É maior a quantidade desses

registros, 78,43%, grafada com vogais <A>, como “**ban**deirinha”, e são predominantemente grafadas convencionalmente, com 64,70% dos dados, havendo apenas 13,72% grafias não-convencionais, como “**chi**tili” (**chan**tili). No entanto, é maior a proporção de grafias convencionais em relação às não-convencionais para as sílabas com vogal <E> para a amostra de registro que coletamos.

Tabela 4. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)

Vogal no núcleo silábico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não registro da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<A>	82	26,62	17	05,51	99	32,14
<E>	116	37,66	36	11,68	152	49,35
<I>	-	-	03	0,97	03	0,97
<O>	49	15,90	05	01,62	54	17,53
<U>	-	-	-	-	-	-
TOTAL	247	80,19	61	19,80	308	100,00

Em “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)”, a porcentagem de registros convencionais, 80,19%, como “**len**sinho”, é quatro vezes superior aos registros não-convencionais, 19,80%, como “refrige**ra**te”. A maioria desses registros são de vogais <E>, 49,35%, sendo a maior parte deles grafadas convencionalmente, 37,66% dos dados, como “**ben**gala”. O segundo conjunto de registros são de sílabas com vogal <A>, 32,14% dos registros, e a maior parte deles grafada convencionalmente, 26,62%, como “**man**teiga”. Sobre essa distribuição, cabe observar que as grafias convencionais com <E> são 3,22 vezes mais do que as não-convencionais, enquanto que as grafias convencionais com <A> são 4,82 vezes mais do que as não-convencionais. Essa proporção chega a ser de 9,8 vezes quando considerada a relação entre convencional e não-convencional no caso das grafias com <I>. Outro cenário é o verificado para as grafias com vogal <I>: todas são não-convencionais. Portanto, embora seja maior o número absoluto de grafias convencionais com <E>, no conjunto da amostra analisada, a proporção de grafias convencionais é menor em relação à proporção entre as demais vogais. Constata-se, pois, que sílabas com vogais anteriores <E, I> são, predominantemente, grafadas não-convencionalmente. Esse resultado leva-nos a pontar a necessidade de ampliação da investigação desse aspecto das sílabas com codas nasais, a fim de identificar motivação.

Tabela 5. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)

Vogal no núcleo silábico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<A>	72	60,00	15	12,50	87	72,50
<E>	-	-	-	-	-	-
<I>	-	-	-	-	-	-
<O>	30	25,00	03	02,50	33	27,50
<U>	-	-	-	-	-	-
TOTAL	102	85,00	18	15,00	120	100,00

Ao observar a categoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)", os registros convencionais é de 85,00%, sendo cinco vezes superior aos registros não-convencionais. Esses registros se distribuem entre 72,50% de vogais <A> no núcleo silábico, como "**man**teiga", e 27,50% com vogais <O>, como "**com**", sendo a maioria deles grafados convencionalmente, portanto, 12,50% são de registros não-convencionais de vogais <A> no núcleo silábico, como "**cão**ta" (**can**ta), e 02,05% são de registros não-convencionais de vogais <O> no núcleo silábico, como "**cão**" (**com**). Observa-se, no entanto, que é menor a proporção de grafias convencionais entre as sílabas com vogais <A> (4,8 vezes) em relação a proporção de grafias convencionais de sílabas com a vogal <O> (10 vezes).

Tabela 6. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)

Vogal no núcleo silábico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não-convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<A>	66	19,87	14	04,21	80	24,09
<E>	115	34,63	45	13,55	160	48,19
<I>	-	-	10	03,01	10	03,01
<O>	58	17,46	24	07,22	82	24,69
<U>	-	-	-	-	-	-
TOTAL	239	71,98	93	28,01	332	100,00

Na categoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)", observa-se que, do total

dos registros, a maioria, 71,98%, são grafados convencionalmente e, nesse grupo, quanto ao tipo de vogal no núcleo silábico, a maior quantidade, 48,19%, é de vogais <E> grafadas convencionalmente, 34,63%, como "pre**ten**de". Já os dados com registros de vogais <I> no núcleo silábico são todos não-convencionais os registros da coda nasal, com 03,01%, como "**lin**pa" (**lim**pa).

Tabela 7. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)

Vogal no núcleo silábico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<A>	27	52,94	07	13,72	34	66,66
<E>	02	03,92	01	01,96	03	05,88
<I>	-	-	-	-	-	-
<O>	13	25,49	01	01,96	14	27,45
<U>	-	-	-	-	-	-
TOTAL	42	82,35	09	17,64	51	100,00

Em "Em "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)", o número de registros convencionais é de 82,35%, sendo superior aos registros não-convencionais. A maior parte desses registros, 66,66%, são de vogais <A>, sendo 13,72% de registros não-convencionais, como "refrege**ren**te" (refrige**ran**te) e, portanto, sendo predominante o registro convencional, como "**man**dei". Quando consideradas as relações entre grafias convencionais e não-convencionais para cada vogal, observa-se que é maior a proporção de grafias convencionais entre as sílabas com <O>. Novamente, observamos que se faz necessário ampliar quantitativamente os dados que levem em conta esse aspecto das grafias com coda nasal a fim de confirmar ou refutar os resultados obtidos a partir de nossa amostra de textos do primeiro ano do EF I.

Feitas considerações sobre a porcentagem de ocorrência de dados em função do critério "Vogal no núcleo silábico" para cada subconjunto de dados, passamos a traçar relações entre esses resultados. Observa-se que, na categoria "Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal", os dados não-convencionais, como "a**v**k" ("a**ven**ca"), são superiores aos dados convencionais, com 60,65% do total de registros, e a maioria das sílabas

com coda nasal do córpus investigado tem vogal <A> no núcleo silábico com 59,01%. O que vale afirmar que, quando os registros de sílabas forem com apenas um grafema para representar a sílaba com coda nasal, o sujeito escreve não-convencionalmente a maioria das sílabas com coda nasal, independentemente do tipo de vogal, a saber: <A>, <E>, <O>. Podemos afirmar, então, que nessa categoria grande parte dos registros é feita por sujeitos que ainda não possuem a estrutura fonológica de sílabas CV e portanto, não representam em sua escrita a nasalidade distintiva, sendo independente do tipo de vogal no núcleo silábico.

O mesmo ocorre na categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal" em que parte dos sujeitos não possuem a estrutura fonológica de sílabas com coda nasal, desse modo, não a representam em suas escritas. Verifica-se que do total de registros, 54,16% são convencionais, quantidade aproximada dos registros não-convencionais de 45,83%. Há maioria das sílabas com vogal <E> no núcleo silábico, 50,00% no córpus analisado, sendo maior o registro convencional. Por outro lado, o número de registros não-convencionais de sílabas com vogal <A> no núcleo silábico é igual ao número de registros não-convencionais de vogal <E> no núcleo silábico, com 16,66%, mas representa metade do total de registros identificados no córpus, o que mostra que os sujeitos têm maior dificuldade em grafar convencionalmente a vogal <A> em sílaba com coda nasal.

No terceiro conjunto de registros não-convencionais que envolve rima com coda nasal, temos cinco possibilidades de registros: (1) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)"; (2) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)"; (3) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)"; (4) " Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)" e (5) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)". Nesses casos, podemos observar que, do total de registros, a maioria são convencionais, como "fer**men**to".

Em "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)", observa-se que as sílabas cujos núcleos possuem a vogal <A> foram as mais grafadas não-convencionalmente, dentre todas as

sílabas com coda nasal. Esse dado nos revela que os sujeitos grafam mais não-convencionalmente a vogal <A> no núcleo silábico pela tentativa de grafar a qualidade fonética da vogal nasal [ɐ̃], que no triângulo vocálico se aproximaria mais de realizações fonéticas das vogais médias, as quais são grafadas com “e” e “o”.

Nos “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda” e “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)”, verifica-se que são registros não-convencionais pelo fato de a coda nasal não ser registrada ou ser não-convencional, mas a vogal do núcleo é convencional em ambos os tipos de registro. Assim, apesar de nesses dados observarmos mais registros não-convencionais da vogal <E> no núcleo silábico, todos os registros não-convencionais dessas categorias possuem núcleo silábico convencional. Nota-se o trânsito do sujeito em práticas orais na tentativa de grafar a qualidade fonética da vogal nasal [ɐ̃], e também em práticas letradas ao grafar, nessa última categoria, grafemas consonantais que representam a coda nasal.

E, por fim, nas categorias “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)” e “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)”, nota-se também o trânsito do sujeito por práticas orais, ao tentar grafar a qualidade fonética da vogal nasal [ɐ̃], e por práticas letradas, ao grafar a nasalidade com diacrítico e com as letras <M, N>. Nesses registros, a maior quantidade de grafias não-convencionais é de vogais <A>, o que mostra maior dificuldade do sujeito em grafar convencionalmente sílabas com coda nasal em que a vogal seja <A>.

Observa-se, portanto, que em todas as categorias, a maior dificuldade dos sujeitos flutua entre sílabas com vogal <A> e vogal <E> no núcleo silábico. As vogais nasalizadas apresentam semelhança dos padrões formânticos de suas correspondentes orais; no entanto, a não-correspondência linear entre os fenômenos físicos e a percepção auditiva desses fenômenos levaria a uma maior dificuldade de representação das sílabas com codas nasais. No caso das sílabas com vogal <A>, acredita-se que tal dificuldade se deva ao fato de a vogal nasal [ɐ̃] ser mais alta em relação a sua correspondente oral [a], além de essa vogal baixa ser ligeiramente anterior. Dessa confluência acústico-articulatória, haveria preferência pela grafia de <E> para representar a vogal nasal [ɐ̃]. Entretanto, observamos que apesar de os sujeitos apresentarem

maior dificuldade na grafia de sílabas com a vogal <A> e <E>, devido à sua complexidade fonética e fonológica, ao considerar o fator "Vogal no núcleo silábico" e relacioná-lo à estrutura fonológica da sílaba observamos que a posição dos segmentos vocálicos, de acordo com a teoria de Selkirk (1982), aparecem primeiro que a posição dos segmentos de coda na escrita dos sujeitos em fase de aquisição da escrita.

As categorias de registros nos mostra o quanto é tardio o aparecimento da estrutura silábica CVC na escrita dos sujeitos em processo de aquisição da escrita, sendo ainda mais tardio quando a posição de coda é ocupada por segmento nasal. Interpretamos esse resultado recorrendo às considerações de Abaurre (2001) ao afirmar que:

> "Não se trata, aqui, de 'problemas ortográficos' como aqueles envolvidos com a correta escolha de uma dentre algumas letras que podem, na escrita, representar determinado fonema; trata-se, isso sim, de decidir sobre o número de segmentos que devem ser representados, bem como a posição que devem ocupar na estrutura das sílabas". (ABAURRE, 2001, p.75)

Na categoria "Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal" em que observa-se apenas um grafema para representar a sílaba com coda nasal, como "a**o**ao" ("a**pon**tador). Nesses dados, há também registros de consoantes, como "a**p**to" ("a**pon**tador). Entretanto, em sua maioria, os sujeitos registram o que é mais perceptível e, de acordo com Cagliari (2009) em uma perspectiva fonética, a sílaba possui três momentos de força muscular que se intensifica e se reduz, sendo a vogal a posição de núcleo silábico o ápice dessa força. Portanto, a vogal corresponde ao elemento de maior sonoridade da sílaba, o que justificaria os sujeitos representarem as sílabas por meio de vogais apenas. Junto a essa perspectiva os sujeitos teriam que lidar, ainda, com a estrutura interna da sílaba, que segundo Selkirk (1982), na sílaba CVC a posição de coda seria uma ramificação de um constituinte imediato, o que a tornaria mais complexa e justificaria o aparecimento tardio.

As considerações feitas acima explicariam também a categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal", como "a**po**tado" (a**pon**tador), e as subcategorias "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)" e "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro

da coda)", respectivamente, "**xi**tili" (**cha**ntili) e "**ca**gica" (**can**jica), nesses dados são registrados segmentos de consoantes e vogais. A diferença em relação à categoria anterior é que, além do registro de núcleo silábico (vogais), há também o registro do segmento de posição de ataque silábico, que foneticamente seria uma intensificação da força muscular e fonologicamente um constituinte imediato da sílaba. Portanto, observamos novamente o não registro da posição de coda, sendo que nessas subcategorias os sujeitos representam a nasalidade por meio de "vogais nasais".

Quanto à subcategoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)" no registro "refrige**rão**te" (refrige**ran**te), verifica-se que ainda não há o registro da posição de coda e novamente ocorrem os registros de ataque e núcleo silábicos, ocupado por vogais e diacrítico, o que leva a uma ditongação.

Por fim, em "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)", como em "**quen**" **(quem)**, e em "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)", "refrige**ren**te" (refrige**ran**te), mesmo que tardia a posição de coda silábica é registrada pelos sujeitos. Essas categorias em função do critério "Vogal no núcleo silábico" indicam que, além de os sujeitos mostrarem dificuldades de ordem fonética e fonológica para registrar o segmento nasal quando a vogal é <A> ou <E>, indicam que os sujeitos passam por dificuldades com relação ao reconhecimento da estrutura interna da sílaba.

4.2.2. Posição da sílaba dentro da palavra

Na presente seção, observa-se se o critério linguístico "Posição da sílaba dentro da palavra" é relevante no processo de construção de sílaba pelo sujeito escrevente e, por meio da análise desse critério, descreve-se como se dão os registros de coda nasal. Partimos da hipótese de que a depender da posição que a sílaba ocupa na palavra pode ou não favorecer a sua identificação e representação pelos sujeitos. Nas tabelas, consideramos a posição que as sílabas alvo CVC, VC e CCVC com coda nasal ocupam dentro da palavra.

Tabela 8. Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal

Posição da sílaba dentro da palavra	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Um grafema para representar sílaba com coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
INÍCIO DE PALAVRA	21	34,42	14	22,95	35	57,37
MEIO DE PALAVRA	03	04,91	23	37,70	26	42,62
FIM DE PALAVRA	-	-	-	-	-	-
TOTAL	24	39,34	37	60,65	61	100,00

Nos registros da categoria "Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal", observa-se que, do total desses registros, a maioria, com 60,65%, é registrada com apenas um grafema, como "**c**gica" (**can**jica) e "a**v**ka" (a**ven**ca) e, quanto à posição da sílaba com coda nasal no domínio da palavra, observa-se que 42,62% do total são de sílabas no meio da palavra, sendo 37,70% delas não-convencionais, como "a**v**ka" (a**ven**ca), e apenas 04,91% dos registros são convencionais, como "a**ven**ca". Chama-se a atenção que, do total de sílabas iniciais com coda nasal, que corresponde a 57,57% dos dados, são predominantes grafias convencionais, com 34,42%, como "**ben**gala", resultado que indica que sílabas em fronteira inicial de palavra favorece a grafia convencional para o conjunto de dados ora analisados. Em resumo, mesmo que, para essa categoria, grande parte dos dados seja grafada não-convencionalmente, observa-se que em início de palavra a maioria dos registros de sílabas com coda nasal é convencional, o que mostra que essa posição de fronteira inicial de palavra privilegia tais registros.

Tabela 9. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal

Posição da sílaba dentro da palavra	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Dois grafemas para representar sílaba com coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
INÍCIO DE PALAVRA	10	41,66	06	25,00	16	66,66
MEIO DE PALAVRA	03	12,50	05	20,83	08	33,33
FIM DE PALAVRA	-	-	-	-	-	-
TOTAL	13	54,16	11	45,83	24	100,00

Observa-se na categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal" que a quantidade de grafias de sílaba com coda nasal, 54,16%, como "**ben**gala", é maior do que a quantidade de grafias com dois grafemas para representar a sílaba

com coda nasal, 45,83%, como "**be**gala" (**ben**gala). Em relação à posição da sílaba desses registros, há maior quantidade de registros de palavras com sílaba no início, 66,66%, no conjunto de dados analisados. Nesse conjunto, a quantidade de registros convencionais de sílaba com coda nasal é 1,6 vez superior aos não-convencionais: 41,66%, como "**ben**gala", em relação aos registros não-convencionais, como "**be**gala" (**ben**gala), com 25,00% dos dados. Já na posição da sílaba no meio da palavra, do total de oito registros, 33,33%, cinco são não-convencionais, 20,83%, como "a**po**tado" (a**pon**tador), e apenas três são convencionais, 12,50%, como "a**pon**tador", ou seja, as grafias não-convencionais são 1,6 vez superior às convencionais. Portanto, obtivemos resultados inversos quanto à convencionalidade do registro quando considerada a posição da sílaba-alvo em relação ao início ou meio de palavra. Mais uma vez, nota-se que as sílabas em início de palavra favorecem o registro convencional e nossa hipótese é de que essa ocorrência se deve ao fato de esta posição inicial de palavra favorecer a percepção verbo-visual da primeira sílaba e, consequentemente, seu registro convencional.

Tabela 10. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)

Posição da sílaba dentro da palavra	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e não registro da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
INÍCIO DE PALAVRA	33	64,70	06	11,76	39	76,47
MEIO DE PALAVRA	10	19,60	02	03,92	12	23,52
FIM DE PALAVRA	-	-	-	-	-	-
TOTAL	43	84,31	08	15,68	51	100,00

Do total de registros da categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)", a maioria é convencional, 84,31%, sendo a maior quantidade desses registros, 76,47%, de palavras com sílabas com coda nasal no início da palavra. Dentre esses registros, predominam com 64,70% dos dados, as grafias convencionais, como "**chan**tili", sendo 11,76% os registros não-convencionais, como "**chi**tili" (**chan**tili). Observa-se, ainda, que nos registros de sílabas com coda nasal no meio da palavra a maior quantidade é também grafada convencionalmente, 19,60%, como "la**van**do", sendo apenas 03,92% os registros não-convencionais, como "la**ve**do" (la**van**do). Para a categoria de dados ora descritos, a posição da sílaba inicial ainda se mostra como aspecto linguístico que favorece o registro convencional, sendo 5,5 vezes registros

convencionais em relação aos não-convencionais. Nessa categoria, a posição da sílaba no meio da palavra é também grafada convencionalmente em sua maioria, havendo cinco vezes de registros convencionais em relação aos não-convencionais, portanto, uma proporção praticamente semelhante àquela observada para registros de sílaba em início de palavra.

Tabela 11. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)

Posição da sílaba dentro da palavra	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não registro da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
INÍCIO DE PALAVRA	160	51,94	36	11,68	196	63,63
MEIO DE PALAVRA	87	28,24	25	08,11	112	36,36
FIM DE PALAVRA	-	-	-	-	-	-
TOTAL	247	80,19	61	19,80	308	100,00

Em “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)”, a porcentagem de registros convencionais, 80,19%, é quatro vezes superior aos registros não-convencionais, 19,80%. A maioria desses registros são de sílabas iniciais com coda nasal , 63,63%, sendo a maior parte deles grafada convencionalmente, 51,94% dos dados, como “**chan**tili”, sendo, portanto, o total de 11,68% referente aos dados de grafia convencional do núcleo e não registro da coda nasal, como “**ca**gica” (**can**jica) . O segundo conjunto de registros é formado por sílabas com coda nasal no meio da palavra, 36,36% dos registros e a maior parte deles também grafada convencionalmente, 28,24%, como “refrige**ran**te”, sendo 08,11% dos registros não-convencionais, como “refrige**ra**te” (refrige**ran**te). Nesta categoria de dados, repete-se o cenário observado na categoria analisada anteriormente de que há mais registros convencionais de sílabas com coda nasal seja no ínicio, seja no meio de sílaba. Diferentemente, porém, é a proporção de registros convencionais em relação aos não-convencionais: no início de sílaba, 4,4 vezes são de grafias convencionais; no meio de sílaba, 3,4 vezes são de grafias convencionais. Constata-se que, para os dados analisados, o início de palavra favorece o registro convencional de sílabas com coda nasal.

Tabela 12. . Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)

Posição da sílaba dentro da palavra	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
INÍCIO DE PALAVRA	89	74,16	13	10,83	102	85,00
MEIO DE PALAVRA	13	10,83	05	04,16	18	15,00
FIM DE PALAVRA	-	-	-	-	-	-
TOTAL	102	85,00	18	15,00	120	100,00

Na categoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)", os registros convencionais são 85,00%. Esses registros, quanto à posição de sílabas com coda nasal no domínio da palavra, são sílabas iniciais, na sua maioria, com 85,00%. Nesse conjunto, são grafados convencionalmente a maioria deles, com 74,16%, como "**can**ta", e, portanto, 10,83% são de grafia não-convencional do núcleo e da coda nasal, como "**cão**ta" (**can**ta). A posição de sílaba com coda nasal no meio da palavra apresenta total de 15,00%, sendo 10,83% convencional, como "pa**ssan**do", e 04,16% de registros não-convencionais, como "pa**ssão**do" (pa**ssan**do). Mais uma vez, repete-se o quadro geral de maior registro convencional de sílabas com coda nasal, quer no ínicio, quer no meio de palavra. Nessa categoria de registros, entretanto, se altera a proporção de registros convencionais em relação aos não-convencionais: são 6,8 vezes de grafias convencionais em início de palavra contra 2,6 vezes de grafias convencionais em meio de palavra. Esse resultado reforça os anteriormente descritos para demais categorias de registros: início de palavra favorece o registro convencional de sílabas com coda nasal.

Tabela 13. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)

Posição da sílaba dentro da palavra	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não-convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
INÍCIO DE PALAVRA	164	49,39	58	17,46	222	66,86
MEIO DE PALAVRA	75	22,59	26	07,83	101	30,42
FIM DE PALAVRA	-	-	09	02,71	09	02,71
TOTAL	239	71,98	93	28,01	332	100,00

Na categoria “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)”, observa-se que, do total dos registros, a maioria, 71,98%, é grafada convencionalmente. Obseva-se que embora se mantenha a tendência ao registro convencional, visto nas três categorias anteriores, a porcentagem de grafias convencionais decresce em quase 15 pontos. Nesse grupo em análise, quanto à posição de sílaba com coda nasal no domínio da palavra, a maior quantidade, 66,86%, é de sílaba inicial, grafados convencionalmente em sua maioria, 49,39%, como “**fan**tasma”, sendo 17,46% de registros não-convencionais, como “**fam**tasma” (**fan**tasma). Quanto aos registros em que a posição de sílaba com coda nasal é no meio da palavra, observa-se 22,59% de registros convencionais, como “es**con**dido”, e 07,83% de registros não-convencionais, como “es**com**dido” (es**con**dido). Nessa categoria, observa-se o registro de sílabas no fim da palavra, 02,71%, sendo todas as grafias registradas não-convencionalmente, como “ho**men**” (ho**mem**). Novamente, calculamos a relação entre grafias convencionais e não-convencionais para cada fator linguísticos e cenário distinto dos anteriores se verifica: 2,8 vezes são grafias convencionais em relação às não-convencionais de sílaba com coda nasal no início de palavra e, mesmo índice, para sílabas no meio de palavra. Portanto, para a categoria ora em análise, é observado que há mais registros convencionais de sílabas com coda nasal tanto no ínicio, quanto no meio de sílaba.

Tabela 14. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)

Posição da sílaba dentro da palavra	Grafia convencionais de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
INÍCIO DE PALAVRA	39	76,47	04	07,84	43	84,31
MEIO DE PALAVRA	03	05,88	05	09,80	08	15,68
FIM DE PALAVRA	-	-	-	-	-	-
TOTAL	42	82,35	09	17,64	51	100,00

Em “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)”, o número de registros de grafia de sílaba com coda nasal é de 82,35%, sendo superior aos registros de grafia não-convencional do núcleo e convencional da coda nasal. Volta a haver porcentagem de registros convencionais acima de 80,00%, como em três categorias anterioremente analisadas. A maior parte desses registros, 84,31% é de sílaba inicial, sendo predominante o registro convencional, 76,47%,

como “**bran**co”, e 07,84% são de registros não-convencionais, como “**bren**co” (**bran**co). Já para os registros com coda nasal no meio da palavra, a maioria dos registros são de dados não-convencionais, com 09,80%, como “refrige**ren**te” (refrige**ran**te), do total de 15,68% dos dados. Vale observar que essa porcentagem de maior número de registros não-convencionais de sílabas em meio de palavra difere do que foi verificado para as categorias anteriores, exceto para as categorias “Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal” e “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal” que compreendem registros produzidos no ínicio do ano letivo. A consideração da relação entre grafias convencional e não-convencional permite dimensionar a distribuição dos dados: as grafias convencionais são 9,7 vezes as grafias não-convencionais de sílaba em início de palavra, enquanto que essa relação é de 0,6 vez para grafias convencionais de sílaba com coda nasal em meio de palavra.

Ao retomarmos todos os resultados descritos, observamos que na categoria “Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal”, os dados não-convencionais são superiores aos dados convencionais, com 60,65% do total de registros, e a maioria das palavras do córpus investigado é de sílabas iniciais com coda nasal, 57,37%. O sujeito escreve não-convencionalmente a maioria das palavras, sendo os registros de sílabas com apenas um grafema para representar a sílaba com coda nasal. A maioria dos dados é de sílaba inicial, sendo 34,42% convencional, do total de 57,37%. Observa-se que, com 42,62% do total de sílabas no meio da palavra, 37,70% são não-convencionais e apenas 04,91% dos registros são convencionais, o que mostra que os sujeitos apresentam maior dificuldade em grafar os registros em que as sílabas se localizam no meio da palavra.

Em “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal”, encontramos que, do total de registros, 54,16% são convencionais, quantidade aproximada dos registros não-convencionais 45,83%. No córpus analisado nessa categoria, é maior o registro não-convencional de sílabas iniciais com coda nasal 25,00%, em relação às sílabas com coda nasal no meio da palavra 20,83%. Mas, na posição da sílaba com coda nasal no meio da palavra, do total de oito registros, 33,33%, apenas três são convencionais, 12,50%, sendo que nas sílabas iniciais com coda nasal, do total 66,66%, 41,66% são convencionais. Esse resultado mostra uma inversão de resultados dos registros de sílabas no início da palavra em relação aos registros de sílabas no meio da palavra e sinaliza, novamente, maior dificuldade dos escreventes em registrar sílaba com coda nasal no meio da palavra.

No terceiro conjunto de registros não-convencionais que envolve rima com coda nasal, nas cinco possibilidades de registros, podemos observar que, mais uma vez, do total de registros, a maioria são convencionais. Nesses registros, já explicitados anteriormente, com relação ao critério posição de sílabas com coda nasal no domínio da palavra, apesar dos sujeitos grafarem a maioria dos dados convencionalmente nas duas posições de sílaba com coda nasal, no início e no meio da palavra, vale observar que proporcionalmente os dados convencionais de sílabas iniciais é maior que os dados convencionais de sílaba no meio da palavra. Esse resultado mostra que, nas grafias de sílaba com coda nasal no meio da palavra, os sujeitos mostram ter mais dificuldade em as grafar.

Já em "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda", nota-se que a maioria dos registros é convencional, com 82,35% dos dados, e a maior parte desses registros é de sílaba inicial com coda nasal, com 84,31%, sendo 76,47% de registros convencionais. Por outro lado, quando a grafia é de sílaba com coda nasal no meio da palavra, a maioria dos registros é não-convencional: do total de oito registros, cinco são não-convencionais. Observa-se, que nessa categoria, os registros de sílaba com coda nasal no meio da palavra também oferecem maior dificuldade ao escrevente.

Na categoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda", os sujeitos também apresentaram maior dificuldade em grafias de sílaba com coda nasal no meio da palavra, e somente nessa categoria observam-se dados de sílaba com coda nasal no fim da palavra. Esses dados nos mostram que os sujeitos também apresentaram dificuldade em grafias de sílaba com coda nasal em posição de final de palavra, sendo que do total de nove registros, todos foram grafados não-convencionalmente, sendo assim, registros de sílaba com coda nasal em meio e fim de palavra não favorecem no processo de registro gráfico de sílabas por parte dos sujeitos.

Portanto, os registros de sílaba inicial com coda nasal tendem a serem grafados convencionalmente na maioria das categorias de registros analisados. A informação verbo-visual de início de palavra favorece as crianças a identificarem e representarem a sílaba complexa com coda nasal. Interpretamos que esse resultado possa decorrer da importância da fronteira inicial de palavra, mas também de a criança enfrentar dificuldades em se lembrar de

todas as sílabas da palavra, observação que fazemos com base em nossa experiência como docente responsável pela condução do chamado processo de alfabetização.

4.2.3. Tonicidade da sílaba

Nesta seção 4.2.3., observa-se o critério linguístico "Tonicidade da sílaba" mostra-se relevante no processo de construção de sílaba pelo sujeito escrevente e descreve-se como se dão os registros de coda nasal em relação à tonicidade da sílaba. Espera-se que quando as sílabas forem tônicas, de um ponto de vista fonético, em termos acústicos, como afirma Cagliari (2009), elas serão mais perceptíveis visto que possuem maior duração, frequência e intensidade, o que favoreceria a percepção da sílaba com coda nasal e o seu registro.

Tabela 15. Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal

Tonicidade da sílaba	Grafia convencional da sílaba com coda nasal		Um grafema para representar sílaba com coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TÔNICA	02	03,27	05	08,19	07	11,47
ÁTONA	22	36,06	32	52,45	54	88,52
TOTAL	24	39,34	37	60,65	61	100,00

Nos registros da categoria "Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal", observa-se que a maioria, com 60,65%, é grafada não-convencionalmente, como "a**o**ak" (a**pon**tador), portanto, 39,34% dos registros são convencionais, como "a**pon**tador". Quanto à tonicidade da sílaba, há maior quantidade de sílabas átonas, com 88,52% dos dados, sendo 52,45% não-convencionais, como "a**o**ak" (a**pon**tador). Quanto às sílabas tônicas, do total de 11,47% dos registros, a maioria, com 08,19%, é de registros não-convencionais, como "avk" (a**ven**ca). Podemos afirmar que, nessa categoria, a tonicidade da sílaba não é relevante no processo de construção da sílaba com coda nasal por parte dos sujeitos, pelo fato de que, independemente de a sílaba ser átona ou tônica, os sujeitos as registram grande parte delas não-convencionalmente. Supomos que, no início do processo de produção escrita, as crianças enfretam dificuldades para registrar a sílaba complexa independemente de sua tonicidade.

Tabela 16. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal

Tonicidade da sílaba	Grafia convencional da sílaba com coda nasal		Dois grafemas para representar sílaba com coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TÔNICA	02	08,33	01	04,16	03	12,50
ÁTONA	11	45,83	10	41,66	21	87,50
TOTAL	13	54,16	11	45,83	24	100,00

Na categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal", a quantidade de registros convencionais, 54,16%, como "a**pon**tador", se aproxima da quantidade de registros não-convencionais, com 45,83%, como "a**po**tado" (a**pon**tador), sendo ligeiramente maior o número de registros convencionais. Em relação à tonicidade, há maior quantidade de sílabas átonas, 87,50%, sendo 45,83% delas grafadas convencionalmente, como "a**pon**tador"; dentre as tônicas, 12,50% do total, encontram-se apenas três registros sendo dois deles, 8,33% convencionais, como "a**ven**ca". Assim como na categoria anterior, nessa categoria a grafia convencional ou não independe de os registros serem de sílabas átonas ou tônicas. Supomos que a tonicidade da sílaba não seja fator linguístico relevante para o registro de sílabas com coda nasal quando as crianças estão em processo inicial de alfabetização, sendo as posições silábicas aspecto mais relevante.

Tabela 17. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)

Tonicidade da sílaba	Grafia convencional da sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e não registro da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TÔNICA	10	19,60	01	01,96	11	21,56
ÁTONA	33	64,70	07	13,52	40	78,43
TOTAL	43	84,31	08	15,68	51	100,00

Do total de registros da categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)", a maioria é de grafias convencionais, 84,31%, sendo a maior quantidade de registros, 78,43% de sílabas átonas. Dentre as sílabas átonas, 64,70% são de registros convencionais, como "**chan**tili", portanto, 13,52% são de registros não-convencionais, como "**chi**tili" (**chan**tili). Os registros de sílabas tônicas apresentam um total de 21,56%, sendo a maioria, 19,60% de registros convencionais, como "la**van**do", e apenas 01,96% de registros não-convencionais, como

"la**ve**do" (la**van**do). Diferentemente do que observado anteriormente, a relação entre grafias convencionais e não-convencionais revela, para esse conjunto de registros, a atuação da tonicidade como favorecedora dos registros de coda nasal: as grafias convencionais são 10 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for tônica; e grafias convencionais são 4,7 mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for átona. Portanto, embora a maioria das grafias sejam convencionais, para dados classificados nesse categoria, há predominância de as sílabas tônicas serem grafadas convencionalmente.

Tabela 18. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)

Tonicidade da sílaba	Grafia convencional da sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não registro da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TÔNICA	153	49,67	44	14,28	197	63,96
ÁTONA	94	30,51	17	05,51	111	36,03
TOTAL	247	80,19	61	19,80	308	100,00

Em "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)", a porcentagem de registros convencionais, 80,19%, é quatro vezes superior aos registros não-convencionais, 19,80%, resultado semelhante ao observado na categoria anterior. A maioria desses registros é de sílabas tônicas, 63,96%, resultado distinto do anterior, sendo 49,67% deles de registros convencionais, como "refrige**ran**te", e 14,28% registros não-convencionais, como "refrige**ra**te" (refrige**ran**te). Os registros de sílabas átonas totalizam 36,03%, sendo 30,51% de registros convencionais, como "**chan**tili", e 05,51% registros não-convencionais, como "**xi**tili" (**chan**tili). Se considerada a relação entre grafias convencionais e não-convencionais para esse conjunto de registros, a atuação da tonicidade não se confirma como favorecedora dos registros de coda nasal: as grafias convencionais são 3,4 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for tônica; e grafias convencionais são 5,5 mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for átona. Na comparação entre as duas categorias, houve forte decréscimo de grafias convencionais quando sílabas tônicas.

Tabela 19. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)

Tonicidade da sílaba	Grafia convencional da sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TÔNICA	52	43,33	10	8,33	62	51,66
ÁTONA	50	41,66	08	6,66	58	48,33
TOTAL	102	85,00	18	15,00	120	100,00

A categoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)" apresenta, como visto nas categorias anteriores, maior porcentagem de registros convencionais, com 85,00% dos dados, 5,6 vezes maiores do que os não-convencionais. Esses registros se distribuem em 43,33% de sílabas tônicas convencionais, como "pa**ssan**do", 8,33% de sílabas tônicas não-convencionais, como "pa**ssão**do" (pa**ssan**do); 41, 66% de sílabas átonas convencionais, como "**can**jica", e 6,66% de sílabas átonas não-convencionais, como "**cão**gica" (**can**jica). Se considerada a relação entre grafias convencionais e não-convencionais para esse conjunto de registros, a atuação da tonicidade novamente não se confirma como favorecedora dos registros de coda nasal: as grafias convencionais são 5,2 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for tônica; e grafias convencionais são 6,2 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for átona. Na comparação entre as duas últimas categorias, houve pequeno aumento de grafias convencionais quando sílabas tônicas, mantendo-se – porém – o fato de a tonicidade não ser fator linguístico favorecedor ao registro convencional.

Tabela 20. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)

Tonicidade da Sílaba	Grafia convencional da sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não-convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TÔNICA	150	45,18	49	14,75	199	59,93
ÁTONA	89	26,80	44	13,25	133	40,06
TOTAL	239	71,98	93	28,02	332	100,00

Na categoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)", observa-se que, do total dos registros, a maioria, 71,98%, é grafada convencionalmente e, quanto à tonicidade da sílaba,

a maior quantidade, 45,18%, é de sílabas tônicas, como "fa**zen**do", sendo 14,75% de registros não-convencionais, como "fa**sem**do" (fa**zen**do). Quanto aos registros de sílabas átonas, 26,80% são de registros convencionais, como "**chan**tili", sendo 13,25% de registros não-convencionais, como "**chã**tili" (**chan**tili). Mais uma vez, contabilizamos a relação entre grafias convencionais e não-convencionais para esse conjunto de registros e constamos que os resultados são distintos dos apresentados para as duas últimas categorias: as grafias convencionais são 3,0 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for tônica; e grafias convencionais são 2,0 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for átona. Na comparação entre essa relação, constata-se diferença de um ponto favorecendo as grafias convencionais de sílabas tônicas nesta categoria. Esse resultado nos leva a interpretar que a tonicidade não atua favorecendo, como esperado, o registro de sílabas com coda nasal.

Tabela 21. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)

Tonicidade da sílaba	Grafia convencional da sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TÔNICA	25	49,01	06	11,76	31	60,78
ÁTONA	17	33,33	03	05,88	20	39,21
TOTAL	42	82,35	09	17,64	51	100,00

Em "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)", o número de registros convencionais é de 82,35%, sendo 4,6 vezes superior aos registros não-convencionais. A maior parte desses registros, 49,01%, é de sílabas tônicas convencionais, como "refrige**ran**te", e 11,76% são de registros de sílabas tônicas não-convencionais, como "refrige**ren**te" (refrige**ran**te). Já os registros de sílabas átonas são 33,33% convencionais, como "me**lan**cia", e 05,88% registros não-convencionais, como "me**len**sia" (me**lan**cia). Verificamos a relação entre grafias convencionais e não-convencionais para esse conjunto de registros e constamos que grafias convencionais voltam a ser maiores dentre as sílabas átonas: as grafias convencionais são 4,1 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for tônica; e grafias convencionais são 5,6 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for átona. Na comparação entre essa relação, constata-se diferença de um ponto e meio favorecendo as grafias convencionais de sílabas átonas nesta categoria.

Feita a descrição quantitativa dos resultados, passamos às considerações sobre o papel do critério linguístico "tonicidade da sílaba" no processo de construção de sílabas pelos sujeitos escreventes. Observa-se que, na categoria "Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal", os dados não-convencionais, como "a**o**to" (a**pon**tador), são superiores aos dados convencionais, com 60,65% do total de registros, e a maioria das sílabas é átonas, com 88,52%. Tanto nos dados de sílabas tônicas quanto nos de sílabas átonas a maioria das grafias são não-convencionais, o que vale afirmar que, quando os registros de sílabas forem com apenas um grafema para representar a sílaba com coda nasal, o critério tonicidade da sílaba não é relevante para análise dos dados.

Quando considerados os registros de grafemas consonantais e vocálicos para representar as sílabas com coda nasal, verifica-se que, do total de registros, 54,16% são convencionais, quantidade aproximada dos registros não-convencionais, com 45,83%. Assim como os dados da categoria anterior, a maioria das sílabas é átona, 87,50%, e, desse total, 45,83% são registros convencionais. Os registros de sílabas tônicas são proporcionais aos de sílabas átonas, de um total de 12,50%, 08,33% são de registros convencionais e 04,16% são de registros não-convencionais, o que mostra que o critério tonicidade da sílaba ainda não é um fator que se mostra relevante para a grafia de sílaba com coda nasal, mesmo já havendo maior quantidade de registros convencionais.

No terceiro conjunto de registros não-convencionais que envolve rima com coda nasal, temos cinco possibilidades de registros, a saber: (1) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)"; (2) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)"; (3) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)"; (4) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)"; (5) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)". De modo geral, predominam registros convencionais da sílaba com coda nasal quando átonas.

Na categoria (1) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)", os dados com sílabas

tônicas são minoria, com 21,56%, mas a maioria desses registros são convencionais, 19,60%. Portanto, nesses registros, a tonicidade parece favorecer a grafia de sílabas convencionais. Já na categoria (2) “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)”, os dados de sílabas tônicas mostram que o fator tonicidade da sílaba não é relevante, já que são em maior número as grafias convencionais quando a sílaba é átona. Esse tipo de dado compreende grafias em que o escrevente ainda está operando com a estrutura silábica e apresenta dificuldade em representar núcleo e coda silábicos.

Nas categorias (3) “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)” e (5) “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)” apesar de a quantidade de registros de sílabas tônicas não-convencionais, 8,33% e 11,76% respectivamente, ser superior em relação às átonas não-convencionais, 6,66% e 5,88% respectivamente, os registros convencionais são também proporcionalmente superiores, com 43,33% e 49,01% de sílabas tônicas e 41,66% e 33,33% de sílabas átonas, respectivamente.

Já na categoria (4) “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)”, a quantidade de registros não-convencionais de sílabas tônicas também é superior em relação às sílabas átonas, mas nessa categoria a quantidade de sílabas átonas convencionais é bem menor se comparada com a quantidade de sílabas tônicas convencionais. Como observado anteriormente, as grafias convencionais quando a sílaba for tônica é superior de apenas um ponto em relação às grafias convencionais quando a sílaba for átona, resultado que não sustenta afirmação de que a tonicidade efetivamente favoreça o registro convencional da sílaba com coda nasal.

Na categoria (5) “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)”, a maioria é de grafias convencionais seja a sílaba tônica ou átona, porém, grafias convencionais são 5,6 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for átona e as grafias convencionais são 4,1 vezes mais do que as não-convencionais, quando a sílaba for tônica. Em suma, a tonicidade não favorece o registro convencional da sílaba com coda nasal.

Portanto, do terceiro conjunto de registros que envolvem rima com coda nasal nos permitem interpretar que a partir do momento em que o sujeito passa a grafar as sílabas com coda nasal, ainda que alguns registros sejam não-convencionais, o critério tonicidade da sílaba não se mostra relevante, embora a hipótese fosse a de que a tonicidade levaria a uma maior percepção da nasalidade da sílaba e, por conseguinte, ao registro da nasalidade, convencionalmente na maioria dos registros.

Os resultados apresentados nesta seção não apoiam a hipótese inicial e revelam que a tonicidade não é fator que favorece as grafias de sílaba com coda nasal para a amostra analisada de textos produzidos ao longo do primeiro ano do EF I.

4.2.4. Número de sílabas da palavra

Nesta seção, observa-se de que modo o critério linguístico "Número de sílabas da palavra" mostra-se relevante no processo de construção de sílaba pelo sujeito escrevente e descreve-se como se dão os registros de coda nasal. Partimos da hipótese de que quanto mais sílabas tiverem as palavras, maior a dificuldade dos sujeitos em registrá-las de modo que teriam que lidar com as sílabas e ainda relacionar umas às outras.

Tabela 22. Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal

Número de sílaba	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Um grafema para representar sílaba com coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MONOSSÍLABO	-	-	-	-	-	-
DISSÍLABO	-	-	-	-	-	-
TRISSÍLABO	23	37,70	19	31,14	42	68,85
POLISSÍLABO	01	01,63	18	29,50	19	31,14
TOTAL	24	39,34	37	60,65	61	100,00

Nos registros da categoria "Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal", observa-se que, do total desses registros, a maioria, com 60,65%, é grafada não-convencionalmente e, quanto ao número de sílabas, há maior quantidade de trissílabos, com 68,85% dos dados, sendo a maioria deles, 37,70%, grafada convencionalmente, como "**can**jica", e 31,14% dos registros grafados não-convencionalmente, como "**n**gik" (**can**jica). Já

os polissílabos compreendem 31,14% dos dados, sendo 29,50% de registros não-convencionais, como “a**o**aoi” (a**pon**tador) e 01,63% de registros convencionais, como “a**pon**tador”. Entre os trissílabos, há 1,2 vez grafias convencionais em relação às não-convencionais, enquanto entre os polissílabos há 0,05 vez grafias convencionais, quando observado o registro de sílaba com coda nasal. Cabe explicitar que nessa categoria, constam os registros das atividades iniciais, portanto, as atividades são listas de objetos, de frutas, de doces, dentre outros, produções se catacterizam pela não-ocorrência de dados monossilábicos e dissilábicos, sendo que os dados dessa categoria também não ocorrem em atividades de pequenos textos que passam a ser produzidos no primeiro semestre do ano letivo.

Tabela 23. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal

Número de sílaba	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Dois grafemas para representar sílaba com coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MONOSSÍLABO	-	-	-	-	-	-
DISSÍLABO	-	-	-	-	-	-
TRISSÍLABO	12	50,00	07	29,16	19	79,16
POLISSÍLABO	01	04,16	04	16,66	05	20,83
TOTAL	13	54,16	11	45,83	24	100,00

Nos registros da categoria “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal”, a quantidade de registros convencionais, 54,16%, é maior do que a quantidade de registros não-convencionais, 45,83%. Em relação ao número de sílabas desses registros, há maior quantidade de trissílabos, grafados convencionalmente, 50,00%, como “**ben**gala”, e não-convencionalmente, 29,16% dos registros, como “**be**gala” (**ben**gala). Já os polissílabos são majoritariamente não-convencionais: quatro de um total de cinco registros, 16,66% são não-convencionais, como “a**po**tado” (a**pon**tador). Nessa categoria, estão agrupados os registros das atividades iniciais do ano letivo: listas de objetos, de frutas, de doces, dentre outros. Esse tipo de produção escrita levou à não-ocorrência de monossílabos e dissílabos.

Tabela 24. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)

Número de sílaba	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e não registro da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MONOSSÍLABO	-	-	-	-	-	-
DISSÍLABO	-	-	-	-	-	-
TRISSÍLABO	34	66,66	06	11,76	40	78,43
POLISSÍLABO	09	17,64	02	03,92	11	21,56
TOTAL	43	84,31	08	15,68	51	100,00

Em “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)”, a porcentagem de registros convencionais de 84,31% é 5,3 vezes superior aos registros não-convencionais, com 15,68%. A maioria desses registros são de trissílabos, 78,43%, sendo a maior parte deles grafada convencionalmente, 66,66%, como “**chan**tili”, e 11,76% não-convencionalmente, como “**chi**tili” (**chan**tili). Os polissílabos compreendem 21,56% dos dados. A maior parte desses dados também são grafados convencionalmente, 17,64%, como “**ban**deirinha”, sendo apenas 03,92% de registros não-convencionais, como “**bo**derinha” (**ban**deirinha). Nota-se que os trissílabos são 5,6 vezes mais grafados convencionalmente, enquanto os polissílabos são 4,5 vezes mais grafados convencionalmente. Cabe esclarecer que nessa categoria, assim como nas anteriores, também constam os registros das atividades iniciais, portanto, as atividades compreendem registro de listas, de objetos, frutas, doces, dentre outros, característica que justifica a não-ocorrência de dados monossilábicos e dissilábicos.

Tabela 25. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)

Número de sílaba	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não registro da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MONOSSÍLABO	31	10,06	06	01,94	37	12,01
DISSÍLABO	79	25,64	18	05,84	97	31,49
TRISSÍLABO	96	31,16	29	09,41	125	40,58
POLISSÍLABO	41	13,31	08	02,59	49	15,90
TOTAL	247	80,19	61	19,80	308	100,00

Do total de registros da categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)", a maioria é formada de dados convencionais, com 80,19%, como "a**ven**ca", sendo, portanto, 19,80% o total de registros não-convencionais, como "a**ve**ca". A maior quantidade desses registros, 40,58%, é de grafias de trissílabos e, predominantemente, grafadas convencionalmente, com 31,16% dos dados, como "a**ven**ca", sendo 09,41% grafados não-convencionalmente, como "a**ve**ca" (a**ven**ca). Observa-se, ainda, que nos demais registros a maior quantidade é grafada convencionalmente, portanto, os monossílabos apresentam um total de 12,01%, sendo 10,06% de registros convencionais, como "**quem**", e 01,94% de registros não-convencionais, como "**que**" (**quem**); os dissílabos apresentam 25,64% de registros convencionais, como "**lim**pa", e 05,84 de registros não-convencionais, como "**li**pa" (**lim**pa), totalizando 31,49% dos dados; e os polissílabos apresentam 13,31% dos registros convencionais, como "refrige**ran**te", e 02,59% dos registros não-convencionais, como "refrige**ra**te" (refrige**ran**te), totalizando 15,90% dos dados.

Tabela 26. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)

Número de sílaba	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MONOSSÍLABO	30	25,00	03	02,50	33	27,51
DISSÍLABO	09	07,50	03	02,50	12	10,00
TRISSÍLABO	51	42,50	07	05,83	58	48,33
POLISSÍLABO	12	10,00	05	04,16	17	14,16
TOTAL	102	85,00	18	15,00	120	100,00

Ao observar a categoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)", os registros convencionais são de 85,00%, sendo aproximadamente seis vezes superior aos registros não-convencionais, com 15,00%. Quanto ao número de sílabas, a maioria é de trissílabos, com 48,33%, sendo grafados convencionalmente a maioria desses registros, 42,50%, como "**fan**tasma", e grafados não-convencionalmente apenas 05,83%, como "**fão**tasma" (**fan**tasma). Do total de registros de monossílabos, 27,51%, 25,00% são de registros convencionais, como "**com"**, e 02,50% são de registros não-convencionais, como "**cão**" (**com**); 10,00% totalizam os registros de dissílabos,

sendo 07,50% os registros convencionais, como “**can**ta”, e 02,50% os registros não-convencionais, como “**cão**ta” (**can**ta); os polissílabos totalizam 14,16% dos registros, sendo 10,00% de registros convencionais, como “**ban**deirinha”, e 04,16% de registros não-convencionais, como “**bão**derinha” (**ban**deirinha).

Tabela 27. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)

Número de Sílaba	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não-convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MONOSSÍLABO	31	09,33	13	03,91	44	13,25
DISSÍLABO	96	28,91	42	12,65	138	41,50
TRISSÍLABO	83	25,00	23	06,92	106	31,92
POLISSÍLABO	29	08,73	15	04,51	44	13,25
TOTAL	239	71,98	93	28,01	332	100,00

Na categoria “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)”, observa-se que, do total dos registros, a maioria, 71,98%, é grafada convencionalmente, sendo 28,01% o total de registros não-convencionais. Quanto ao número de sílabas, a maior quantidade, 41,50%, é de dissílabos, grafados convencionalmente na maior parte dos registros, 28,91%, como “**den**te”, sendo 12,65% os registros não-convencionais, como “**dem**te” (**den**te); os registros de monossílabos totalizam 13,25%, sendo 09,33% de registros convencionais, “**com**” e, 03,91% de registros não-convencionais, “**con**” (**com**); 31,92% são os registros de trissílabos, sendo 25,00% de registros convencionais, como “a**ven**ca”, e 06,92% a quantidade de registros não-convencionais, como “a**vem**ca” (a**ven**ca); e por fim, os polissílabos totalizam 13,25% dos registros, sendo 08,73% de registros convencionais, como “es**con**dido”, e 04,51% de registros não-convencionais, como “es**com**dido” (es**con**dido).

Tabela 28. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)

Número de sílaba	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
MONOSSÍLABO	15	29,41	02	03,92	17	33,33
DISSÍLABO	24	47,05	02	03,92	26	50,98
TRISSÍLABO	-	-	-	-	-	-
POLISSÍLABO	03	05,88	05	09,80	08	15,68
TOTAL	42	82,35	09	17,64	51	100,00

Em “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)”, o número de registros convencionais é de 82,35%, sendo, portanto, superior aos registros não-convencionais, 17,64%. A maior parte desses registros, 50,98%, é de dissílabos, sendo predominante o registro convencional, 47,05%, como “**man**dei”, e 03,92% são de registros não-convencionais, como “**men**dei” (**man**dei). Já para os polissílabos, a maioria dos registros são de dados não-convencionais, com 09,80%, como “refrige**ren**te” (refrige**ran**te), do total de 15,68%, sendo, portanto, 05,88% os registros convencionais, como “refrige**ran**te”; e por fim, os monossílabos apresentam um total de 33,33% dos registros, sendo 29,41% de registros convencionais, como “**com**”, e 03,92% de registros não-convencionais, como “**cum**” (**com**).

Passamos a sistematizar os resultados quantitativos quanto ao critério linguístico número de sílabas no domínio da palavra no processo de construção de sílabas pelos sujeitos escreventes. Observamos que, na categoria “Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal”, os dados não-convencionais, como “a**v**k” (“a**ven**ca”), são superiores aos dados convencionais, com 60,65% do total de registros, e a maioria das palavras do córpus investigado é de trissílabos com 68,85%. Quando os registros de sílabas são com apenas um grafema para representar a sílaba com coda nasal, o sujeito escreve não-convencionalmente a maioria das palavras. Entretanto, os dados de trissílabos, 37,70% são convencionais, sendo 31,14% os dados não-convencionais, já os registros de polissílabos a maioria dos dados são não-convencionais, 29,50%, sendo apenas 01,63% os dados convencionais. Portanto, nessa categoria conforme o número de sílabas no domínio da palavra aumenta, aumenta também a dificuldade em as grafar, ou seja, quando grande parte dos sujeitos ainda não registram a estrutura silábica simples (CV) ou complexa (CVC), de acordo com o modelo de Selkirk (1982),

a quantidade de sílabas (foneticamente ou visualmente) torna esse processo de registro ainda mais difícil para eles. É possível supor, como base na experiência de alfabetizadora, que as crianças, ao lidarem com produções de palavras menores, especialmente monossílabos (como: "com", "vem", "bom") ou dissílabos ("conta", "lambe"), possivelmente são chamadas a lidar com mais atenção a sílaba com coda nasal (objeto desta pesquisa).

Considerados os registros de grafemas consonantais e vocálicos para representar as sílabas com coda nasal em "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal", verificamos que, do total de registros, 54,16% são convencionais, quantidade aproximada dos registros não-convencionais, 45,83%. Assim como na categoria anterior, é maior o registro convencional de trissílabos, uma vez que do total de 79,16%, 50,00% é convencional. Por outro lado, o número de registros não-convencionais de polissílabos é maior quando comparados aos registros convencionais, o que mostra que, nessa categoria, os sujeitos têm também dificuldade em grafar convencionalmente as palavras com maior quantidade de sílabas.

No terceiro conjunto de registros não-convencionais que envolve rima com coda nasal, nas cinco possibilidades de registros, podemos observar que, do total de registros, a maioria é grafada convencionalmente. Nesses registros, a saber: (1) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)"; (2) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)"; (3) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)", (4) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)", quanto ao critério número de sílabas no domínio da palavra, não parece ser o fator que interfere na grafia convencional ou não-convencional de sílabas com coda nasal, pois independentemente do número de sílabas, os sujeitos as grafam em sua maioria convencionalmente. Podemos afirmar que para esses registros os sujeitos já conseguem lidar melhor com as estruturas silábicas das palavras, portanto, a quantidade de sílabas não se mostrou crucial nesse momento do processo de aquisição da escrita.

Já na categoria (5) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)", nota-se que a

maioria dos registros é convencional 82,35%, e a maior parte desses registros é de dissílabos com 50,98%. Por outro lado, quando a grafia é de polissílabos, a maioria dos registros é não-convencional, do total de oito registros, cinco são não-convencionais. Observa-se, portanto, que na categoria em que a coda silábica é grafada convencionalmente, atesta-se que os polissílabos oferecem dificuldade ao escrevente.

4.2.5. Registro Ortográfico

Na presente seção, observa-se o quanto o critério linguístico "Registro Ortográfico" mostra-se relevante no processo de construção de sílaba pelo sujeito escrevente e descreve-se como se dão os registros de coda nasal. Quanto a esse critério, por haver três possibilidades de registro ortográfico para representar a nasalidade em posição de coda <M, N, ~>, espera-se que o sujeito tenha dificuldade em dominar as regras de uso já que os grafemas não se distinguem quanto ao ponto de articulação, assimilando o ponto de articulação da consoante seguinte.

Para as três primeiras categorias de análise, foram encontrados apenas registros de sílabas com <N> em coda. Por essa razão, optou-se por não apresentar em tabelas os resultados dessas categorias.

Nos registros da categoria "Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal", observa-se que a maioria, com 60,65%, é grafada não-convencionalmente, como "a**o**to" (a**pon**tador) e, quanto ao tipo de registro ortográfico, só há registros de grafias do tipo <N> para representar a coda nasal, sendo a maioria, 60,65% não-convencionais, como "a**o**to" (a**pon**tador). Portanto, 39,35% dos registros são convencionais e com grafias do tipo <N>, como "a**pon**tador".

Nos registros da categoria "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal" observa-se que a quantidade de registros convencionais, 54,16%, como "**can**jica", é um pouco maior do que a quantidade de registros não-convencionais, 45,83%, como "**ca**kica" (**can**jica). Em relação ao tipo de registro ortográfico, só há grafias do tipo ortográfico <N> para representar o segmento nasal na posição de coda, sendo grafados convencionalmente em sua maioria, com 54,16%, como "**can**jica" e, portanto, 45,83% são não-convencionais, como "**ca**kica" (**can**jica).

Em “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)”, a porcentagem de registros convencionais, 84,31%, é superior aos registros não-convencionais, 15,68%. Todos os registros são grafados com o tipo ortográfico <N> para representar o segmento nasal na posição de coda. Desse modo, tem-se 84,31% de registros convencionais, como “a**ven**ca” e, 15,68% de registros não-convencionais, como “a**va**ca”’ (a**ven**ca).

Tabela 29. Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)

Registro ortográfico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não registro da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<M>	31	10,06	09	02,92	40	12,98
<N>	216	70,12	52	16,88	268	87,01
TOTAL	247	80,19	61	19,80	308	100,00

Do total de registros da categoria “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda)”, a maioria são convencionais, com 80,19%, sendo a maior quantidade desses registros, com 87,01%, grafada com <N> para representar o segmento nasal na posição de coda. Dentre esses registros, a maior parte são convencionais, com 70,12%, como “refrige**ran**te” e, portanto, 16,88% são registros não-convencionais, como “refrige**ra**te” (refrige**ran**te). Os registros do tipo ortográfico <M> totalizam 12,98% dos dados, sendo 10,06% grafados convencionalmente, como “**lim**pa”, que corresponde a 77,50% dentre o conjunto de grafias com <M>, e 02,92% grafados não-convencionalmente, como “**li**pa” (**lim**pa).

Tabela 30. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)

Registro ortográfico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<M>	30	25,00	03	02,50	33	27,50
<N>	72	60,00	15	12,50	87	72,50
TOTAL	102	85,00	18	15,00	120	100,00

Ao considerar a categoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)", os registros convencionais são de 85,00%, sendo aproximadamente seis vezes maior que os registros não-convencionais, 15,00%. Quanto ao tipo de registro ortográfico para representar o segmento nasal na posição de coda, a maioria é com <N> com 72,50%, sendo 60,00% deles grafados convencionalmente, como "**man**teiga", e 12,50% grafados não-convencionalmente, como "**mão**tega" (**man**teiga), enquanto grafias com <M> alcançam índice de 27,50% dos registros, sendo 25,00% convencionais, como "**com**", e apenas 02,50% registros não-convencionais, como "**cão**" (**com**).

Tabela 31. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)

Registro ortográfico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia convencional do núcleo e não-convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<M>	40	12,04	36	10,84	76	22,89
<N>	199	59,93	57	17,16	256	77,10
TOTAL	239	71,98	93	28,01	332	100,00

Na categoria "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)", observa-se que, do total dos registros, a maioria, 71,98%, é grafada convencionalmente, sendo 28,01 total de registros não-convencionais. Nesse grupo, quanto ao registro ortográfico para representar o segmento nasal na posição de coda, a maior quantidade, 77,10%, é de tipo de registro <N>, grafados convencionalmente na maior parte dos registros, alcançando 59,93%, como "fa**zen**do", e há 17,16% de registros não-convencionais, como "fa**zer**do" (fa**zen**do).

O registro ortográfico <M> apresenta um total de 22,89% dos registros, sendo 12,04% o percentual de registros convencionais, como "**lim**pa", e 10,84% o percentual de registros não-convencionais, como "**lin**pa" (**lim**pa). Ao comparar o percentual do registro ortográfico <M> grafado convencionalmente com o percentual de grafias não-convencionais, verifica-se que quase metade, 10,84% de 22,89%, é registros não-convencionais, resultado que sugere que esse tipo de registro ortográfico oferece maior dificuldade ao escrevente.

Tabela 32. Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)

Registro ortográfico	Grafia convencional de sílaba com coda nasal		Grafia não-convencional do núcleo e convencional da coda nasal		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<M>	15	29,41	02	03,92	17	33,33
<N>	27	52,94	07	13,72	34	66,66
TOTAL	42	82,35	09	17,64	51	100,00

Em “Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)”, o número de registros convencionais é de 82,35%, sendo, portanto, superior aos registros não-convencionais, cuja porcentagem é de 17,64%. A maior parte desses registros, 66,66%, é com a consoante <N> para representar o segmento nasal na posição de coda, sendo predominante o registro convencional, 52,94%, como “**bran**co”, e 13,72% de registros não-convencionais, como “**bren**co” (**branc**o). Para o registro ortográfico com <M>, a maioria dos registros é também de dados convencionais, com 29,41%, como “**com**”, e apenas 03,92% de registros são não-convencionais, como “**cum**” (**com**), do total de 33,33% de grafias com <M>. Observa-se que nessa categoria os registros ortográficos com <M> não se mostraram muito complexos para os sujeitos. A hipótese é de que tais sujeitos inseridos em práticas de letramento em ambiente escolar e, também, em ambiente externo à sala de aula, estejam familiarizados com as palavras cuja ortografia seja <M> em posição de coda silábica.

Feita a descrição quantitativa das grafias em relação ao critério linguístico registro ortográfico para representar o segmento nasal na posição de coda, passamos à tecer relações entre os resultados das categorias de análise. Primeiramente, observa-se que, na categoria “Registro V ou C - Uso de grafema para representar sílaba com coda nasal”, os dados não-convencionais são superiores aos dados convencionais, com 60,65% do total de registros, e nessa categoria só há palavras com coda nasal cujo registro ortográfico é <N>. Quando os registros de sílabas são com apenas um grafema para representar a sílaba com coda nasal, como em “a**v**k” (“a**ven**ca”), observamos que apenas ocorrem registros não-convencionais, independentemente de a grafia ser <N> ou <M>, pois não há a representação do segmento nasal na posição de coda.

Considerados os registros de grafemas consonantais e vocálicos para representar as sílabas com coda nasal em “Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com

coda nasal", do total de registros, 54,16% são convencionais, quantidade aproximada dos registros não-convencionais, 45,83%. No córpus analisado, assim como na categoria anterior, só há palavras com coda nasal cujo registro ortográfico é <N>. E, quando os registros de sílabas são com grafemas consonantais e vocálicos para representar a sílaba com coda nasal, como em "**be**gala" ("**ben**gala"), podemos considerar, assim como para a categoria anterior, que nos registros não-convencionais não há a representação do segmento nasal, portanto, o tipo de registro ortográfico não é fator relevante para essa categoria nesse córpus.

No terceiro conjunto de registros não-convencionais que envolve rima com coda nasal, nas cinco possibilidades de registros, podemos observar que, do total de registros, a maioria são convencionais, (1) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)"; (2) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não regsitro da coda); (3) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)"; (4) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)" e (5) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)".

Em (1) e (2), o tipo de registro ortográfico para representar o segmento nasal na posição de coda não se mostra relevante para o córpus, assim como nos registros das categorias anteriores, pelo mesmo motivo, pois não são representados os segmentos consonantais por coda nasal. Em (1) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda)", só há palavras com registro ortográfico do tipo <N> para representar o segmento nasal na posição de coda. Já em (2) "Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não regsitro da coda)", há palavras com os dois tipos de registro ortográfico <N, M>, e observa-se que, há muito mais registros ortográficos com <N> 87,01%, sendo somente 12,98% o total de registro ortográfico com <M>. Isso se dá pelo fato do registro ortográfico com <M> ter emprego muito mais restrito para representar o segmento nasal na posição de coda em relação ao registro ortográfico <N>.

Observam-se em (3) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda)" e em (5) "Registro CV/N/ -

Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda)", palavras com os dois tipos de registro ortográfico <N, M> para representar o segmento nasal na posição de coda. Nesses registros, observa-se, ainda, muito mais registro do tipo ortográfico <N> com 72,50% e 66,66%, para cada uma das categorias, sendo a maioria desses registros convencionais. Os registros ortográficos do tipo <M> são também, para as duas categorias, convencionais. Acredita-se que a maioria desses registros são convencionais pelo fato dos sujeitos já terem tido contato com as palavras de uso frequente, mesmo sendo uma escrita sem intervenção da professora.

Por fim, em (4) "Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda)", a maioria dos registros são convencionais, com 71,98%. Quanto ao tipo de registro ortográfico para representar o segmento nasal na posição de coda, a maioria dos registros é do tipo <N>, com 77,10% dos dados. Observa-se, ainda, que a maioria dos registros do tipo <N, M> é convencional, porém, proporcionalmente, há muito mais registros convencionais do tipo <N>, se comparado com o tipo <M>. Esses dados se justificam pelo fato de haver mais sílabas com coda nasal no português brasileiro grafadas com o grafema <N> em relação ao grafema <M>.

5. Considerações Finais

Nesta pesquisa, enfatizamos a análise de grafias de sílabas com coda nasal produzidas por sujeitos em processo de aquisição da escrita no primeiro ano do Ensino Fundamental I. O objetivo foi identificar regularidades que poderiam ser típicos desse processo. Retomamos, então, os objetivos específicos descritos no início do trabalho:

(i) observar, dentre os segmentos consonantais em coda, o momento em que surge o registro do segmento nasal para verificar possíveis regularidades e classificar esse registro como convencional ou não-convencional.

No caso de registros não-convencionais, pretendeu-se:

(ii) identificar se a marca gráfica que representa a nasalidade distintiva se dá na coda, na vogal ou em toda a rima silábica;

(iii) analisar diferentes possibilidades de registros gráficos da nasalidade em Português que se mostrariam relevantes para a grafia de sílabas com coda nasal na fase inicial de aquisição da escrita.

Observamos, após a análise dos dados, a tendência de os sujeitos não registrarem todas as posições silábicas nas primeiras produções e, no caso de sílabas com coda, é registrado somente um elemento consonantal ou vocálico para representá-las, como "a**o**t**o**" (a**pon**ta**dor**). Posteriormente, passam a grafar convencionalmente as posições de ataque e núcleo silábicos, mas ainda não registram a posição de coda silábica, como "a**po**ta**do**" (a**pon**ta**dor**). Em seguida, foram observadas grafias de sílaba com coda, sendo grafadas as codas <R, S, L> convencionalmente e, eventualmente, há registros de coda nasal, como "**mar**garida", "colhe**res**", "giras**sol**" e "**can**gica" (**can**jica) em uma mesma produção escrita. Quando há sílabas com coda nasal, os registros flutuam entre grafias não-convencionais e convencionais, como "**can**jica" e "**quen**".

Constatamos possíveis regularidades que não seguem um crescente linear para cada sujeito em função do aumento do tempo transcorrido no ano letivo, mas constatamos contínuo avanço dos sujeitos no que diz respeito aos dados de escrita analisados, em direção à escrita convencional, de acordo com as normas ortográficas. Esses registros evidenciam mudanças na relação do sujeito com a linguagem e, portanto, mostram possíveis soluções dadas pelos sujeitos

na tentativa de registrar as grafias convencionalmente, assim como suas hipóteses quanto ao sistema linguístico, ao representar a escrita. De modo mais amplo, as grafias não-convencionais indicam as soluções dadas pelos sujeitos ao lidar com a complexidade de representação das estrutruras silábicas, ou seja, de quais segmentos ocupam determinadas posições na estrutura da sílaba. A tendência a que nos referimos dos sujeitos não registrarem todas as posições silábicas no início do processo de aquisição da escrita, já foi relatada nos estudos de Abaurre (2001) na medida em que a autora evidenciou maior dificuldade dos sujeitos para representar sílabas complexas, como CCV e CVC. Aqui demonstramos como essa dificuldade com a sílaba se instaura em uma turma de primeiro ano do EF I e as soluções alternativas que os alunos apresentam.

Verificamos, portanto, que os registros de sílabas com coda nasal são os últimos a aparecerem na escrita dos sujeitos em relação às demais codas consonantais, sendo que entre esses registros de sílabas com coda nasal ocorre flutuação de registros convencionais e não-convencionais até o final do primeiro ano do Ensino Fundamental I. O aparecimento tardio, na escrita, dos registros de sílabas com coda nasal se deve ao fato de serem segmentos não especificados quanto ao ponto articulatório, quando ocupam a posição de coda silábica, como demonstrado por Battisti e Vieira (2005). Desse modo interpretada a nasal em coda, os registros gráficos da nasal se tornam ainda mais complexos em relação aos demais segmentos que podem ocupar essa mesma posição silábica. Essa complexidade fonético-fonológica e ortográfica do segmento nasal em posição de coda é responsável também pela flutuação de registros convencionais e não-convencionais.

Classificamos os registros não-convencionais de rima silábica com coda nasal em: 1) Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e não registro da coda), como "**bo**derinha" (**ban**deirinha); 2) Registro CV - Uso de dois grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não registro da coda), como "a**ve**ca" (a**ven**ca); 3) Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e da coda), como "refrige**rão**te" (refrige**ran**te); 4) Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro convencional do núcleo e não-convencional da coda), como "**quen**" (**quem**) e 5) Registro CV/N/ - Uso de três grafemas para representar sílaba com coda nasal (registro não-convencional do núcleo e convencional da coda), como "refrege**ren**te" (refrige**ran**te). Por meio dessa classificação, procuramos delinear como a

competência linguística sobre a complexidade da sílaba é ancoragem para hipóteses de escrita dos alunos em início do processo de aquisição da escrita. Confirma-se, por meio dessa organização dos registros não-convencionais, o argumento de Abaurre (1988) de que os sujeitos no processo inicial de aquisição da escrita grafam vogais nasais ao invés de vogais orais seguidas de consoantes nasais. Para a autora tal estrutura só ocorrerá devido à inserção do sujeito em práticas de letramento e, sendo assim, ocorrerá um processo de reestruturação do seu sistema linguístico. Nesta dissertação, delineamos como características fonético-fonológicas da sílaba estão subjacentes aos registros escritos de crianças no primeiro ano do EF I em ambiente escolar.

Nos propomos a analisar o quanto critérios linguísticos, a saber: 1) Vogal no núcleo silábico; 2) Posição da sílaba dentro da palavra; 3) Tonicidade da sílaba; 4) Número de sílabas da palavra e 5) Registro ortográfico, são relevantes no processo de construção de sílaba com coda nasal pelo sujeito escrevente, ou seja, investigamos como características linguísticas internas da sílaba e da palavra atuam nos registros de coda nasal. Em resumo, podemos afirmar que todos os fatores linguísticos observados influenciam nos registros de sílabas com coda nasal no processo de aquisição da escrita. Portanto, esta dissertação – ao eleger o registro de coda nasal seu objeto de investigação – acabou por ampliar esse objeto para a sílaba, considerando relevante sua complexidade estrutural para interpretação das grafias analisadas.

O critério linguístico “Vogal no núcleo silábico” mostra que os sujeitos apresentaram maior dificuldade em grafar convencionalmente sílabas com as vogais <A> e <E>. Esse resultado revela que os sujeitos grafam não-convencionalmente a vogal <A> no núcleo silábico em maior quantidade pela tentativa de grafarem a qualidade fonética da vogal nasal [ɐ̃]. Para interpretação desse resultado foi considerado que, no triângulo vocálico, a realização de vogal [a] em contexto de coda nasal se aproximaria mais de realizações fonéticas das vogais médias, as quais são grafadas com “e” e “o”. É a única vogal mais baixa do sistema vocálico que terá sua qualidade alterada em função da alteração do trato vocal quando da configuração do modo nasal. Na produção das demais vogais do português não há alterações de altura tão acentuadas como ocorre com a vogal [a]. Esse resultado se aproxima aos resultados de Berti, Chacon e Pagliuso (2010) que também verificaram um grande percentual de registros não-convencionais quando a vogal no núcleo silábico em processo de nasalização é /a/ em textos de crianças de Educação Infantil na cidade de Marília. Já a vogal <E>, não é comum a alteração da grafia dessa vogal, mas há tendência de registros não-convencionais da nasal em coda.

Por meio do critério “Tonicidade da sílaba”, foi possível constatar que a presença de tonicidade da sílaba não favorece registros de sílaba com coda nasal convencionais. Esse resultado não era esperado, já que sílabas tônicas – apresentam maior duração e intensidade (e, predominantemente, maior variação de F0) – favorecendo a percepção das crianças, e, por conseguinte, seu registro gráfico. Mas nesses registros de sílabas com coda nasal, no início do processo de aquisição da escrita, em que os sujeitos estão em processo de construção da estrutura silábica, e, também em muitos outros registros de palavras, ainda não há sequer grafia de sílabas simples e a tonicidade não parece favorecer o registro de tais grafias. Nessa etapa inicial, muitos sujeitos se perdem ao grafar as sílabas quanto à sua estrutura interna e também na ordem das sílabas no domínio da palavra.

Já o critério “Número de sílabas da palavra” pareceu ser relevante para descrever o processo de aquisição da escrita de sílaba com coda nasal. Mesmo, no momento do processo de aquisição, que os sujeitos ainda não registram estruturas silábicas ainda que simples, a quantidade de sílabas influencia na grafia desses registros, de modo que quanto mais sílabas, maior a probabilidade de haver dúvidas e conflitos possíveis do sistema linguístico e maiores as chances dos sujeitos não grafarem as sílabas com coda nasal (objeto desta pesquisa) a depender da posição em que a sílaba com coda nasal se encontra no domínio da palavra.

O critério “Posição da sílaba dentro da palavra” se mostrou relevante como o critério anterior “Número de sílabas da palavra”. Ao observarmos que os sujeitos apresentam maior dificuldade em grafar sílabas que se localizam no meio da palavra, interpretamos que os registros de sílaba inicial com coda nasal apresentam informação linguística, por estarem em fronteira de palavra, e informação visual, por estarem em início de palavra. Fatores que justificam a maior parte desses registros serem convencionais e, desse modo, favorecer a grafia convencional mesmo no início do processo de aquisição de escrita, em que os sujeitos ainda estão resolvendo questões de ordem da estrutura silábica, dentre questões de ordem silábica, por isso que, como vimos, nesse momento, o critério “Tonicidade” não se mostra relevante, e quanto maior a palavra e mais longe do início de escrita da palavra pelo sujeito, maior será o seu desafio.

E, por fim, o critério “Registro ortográfico” nos levou a observar que a maioria dos registros do tipo <M, N> é convencional. Mas, proporcionalmente, há muito mais registros convencionais do tipo <N>, se comparado com o tipo <M>. Esse resultado se justifica pelo fato

de a maioria das palavras serem grafadas ortograficamente com coda nasal <N>, sendo mais restrito os contextos de grafia com <M>, o que aumenta a dificuldade para os alunos grafarem essas sílabas com coda nasal. Esse resultado aponta para a importância da ser explicitado o contexto fonético-fonológico que motiva o emprego de <M> em sílabas internas de palavra, particularmente para crianças em processo formal de escolarização.

Ao analisarmos os diversos registros gráficos não-convencionais de sílabas com coda nasal ao longo do primeiro ano, concluímos que esses registros evidenciam a ancoragem da criança na realização fonética da sílaba com coda nasal ou na realização ortográfica e ou, ainda, em ambos os tipos de informação. Essa ancoragem da criança em ambos os tipos de informação revela, de modo mais evidente, seu trânsito por características dos enunciados falados e também por características ortográficas, portanto, dos enunciados escritos, para representar a coda nasal.

Esses registros em posição de coda evidenciam também, de uma perspectiva fonológica, uma maior dificuldade por parte dos escreventes em grafá-los convencionalmente pelo fato de esta posição ser mais complexa quanto ao seu preenchimento, pois nessa posição há fortes restrições fonotáticas (Selkirk, 1982). Quanto à perspectiva fonética, essa posição também oferece maior dificuldade aos escreventes pelo fato de que duas caixas de ressonância são ativadas na produção da porção final da sílaba nasal e também, de acordo com Cagliari (2009), nesta posição os segmentos se tornam menos audíveis. Observamos, ainda, que os aspectos fonético-fonológicos do segmento nasal, aliados às diferentes possibilidades de grafia (<m>, <n> e <~>), parecem contribuir, também, com a complexidade de representação desse segmento em posição de coda silábica.

Sobre às contribuições que este trabalho pode oferecer às práticas pedagógicas, se faz importante considerar, no processo de aquisição da escrita, mais especificamente para os registros não-convencionais, que não são meros erros, mas são indícios de reflexões deixadas pelos alunos enquanto sujeitos da linguagem que são chamados a refletir sobre a própria língua, particularmente, sobre a estrutura silábica e de registro dessa estrutura quando escrevem palavras, textos. Assumimos a perspectiva de Corrêa (2001) ao afirmar ser importante que os profissionais da educação, que lidam com a produção escrita na escola, abandonem o ideal de pureza que atribuem à escrita como código e comecem a "enxergá-la" como um modo de enunciação marcado pela diversidade linguístico-histórica dos alunos, vistos como sujeitos

escreventes. Desse modo, é de extrema importância que não tratem os registros não-convencionais, como erros, mas sim como registros de reflexões do sujeito sobre a linguagem.

Acreditamos, portanto, que esta pesquisa poderá contribuir com o processo de formação de professores alfabetizadores e também com a prática pedagógica dos que lidam com o processo de aquisição da escrita, particularmente aqueles que proporcionam aos seus alunos experienciar a escrita enquanto sujeito da linguagem, propondo-lhes produções espontâneas como as que subsidiaram esta pesquisa, exemplificadas no anexo desta dissertação.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. (1988) The interplay between spontaneous writing and underlying linguistic representations. *European Journal Of Psychology Of Education*, Portugal, v. III, n. 4, pp. 415-430.

_____. Língua oral, língua escrita: interessam, à lingüística, os dados da aquisição da representação escrita da linguagem? In: IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina, 1993, Campinas. Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina. Campinas: IEL/UNICAMP, 1990, v. 1, p. 361-381.

_____. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (Org.) A concepção da escrita pela criança. Campinas: Pontes Editores, 1992, p. 135-42.

_____. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (Org.) O método e o dado no estudo da linguagem. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 111-78.

_____. Investigando a singularidade dos sujeitos no processo de aquisição da escrita. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 31, 2000, p. 135-151.

_____. Dados da escrita inicial: indícios de construção da hierarquia de constituintes silábicos? In: C. L. M. Hernandorena. (Org.). *Aquisição de língua materna e de língua estrangeira: aspectos fonético-fonológicos.* 1. ed. Pelotas: EDUCAT/ALAB, 2001, v. 1, p. 63-85.

ADAMOLI, M. A. Um estudo sobre o estatuto fonológico dos ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB a partir de dados orais e ortográficos produzidos por crianças de séries iniciais. 2013. Tese (Doutorado em Educação), UFPel, Pelotas, 2013.

AHLBERG, A. *O carteiro chegou.* 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do Português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.* 4ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 171-204.

BERTI, L. C.; CHACON, L.; PAGLIUSO, A. A escrita de /an/ por pré-escolares: pistas acústico-auditivas. *Cadernos de Educação.* Pelotas, 35, p. 195-219, Jan/Abr, 2010.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Falado.* Campinas: Editora da Unicamp, 1999, v. 7, p. 701-742.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, L. C. Um pouco da história da nasalidade: da ortografia para a fonética e fonologia. In: X Congresso da AIL: Lusofonia tempo de reciprocidades, 2008. Resumos. Funchal: Funchal 500 Anos, E. E. M., v. 1, p. 1-16, 2008.

_____. *Elementos de fonética do Português Brasileiro.* São Paulo: Paulistana, 2009.

CAMARA JR, J. M. *Problemas de lingüística descritiva.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1970. 117

CAMPOS, Priscila Barbosa Borduqui. *Grafias não-convencionais da coda silábica nasal em dados de escrita de jovens e adultos em processo de alfabetização.* Dissertação (mestrado). 2011. 123

CAPRISTANO, C. C. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita.* 253f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007a.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.* 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-129.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.* Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 135-166.

_____. *O modo heterogêneo de constituição da escrita.* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização.São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

LINARES, B. *Meio-dia macaco assobia.* São Paulo: Formato Editorial, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. In: ___ *Da fala para a escrita:* atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-43.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.* 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 11-73.

MEZZOMO, C. L. Sobre a aquisição da coda. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.). *Aquisição fonológica do português.* Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 129-150.

MIRANDA, A. R. M. A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças. In: PINHO, S. Z. (Org.*). Formação de Educadores:* o papel do educador e sua formação. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009, v. 1, p. 409-426.

MORAES, J. A.; WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. *Caderno de Estudos Lingüísticos.* Campinas, 23, p.153-166, Jul/Dez, 1992.

SELKIRK, E. O. The Syllable. In: Van der Hulst & N. Smith (eds). *The Structure of Phonological Representations* (Part II). Dordrecht: Foris Publication, 1982.

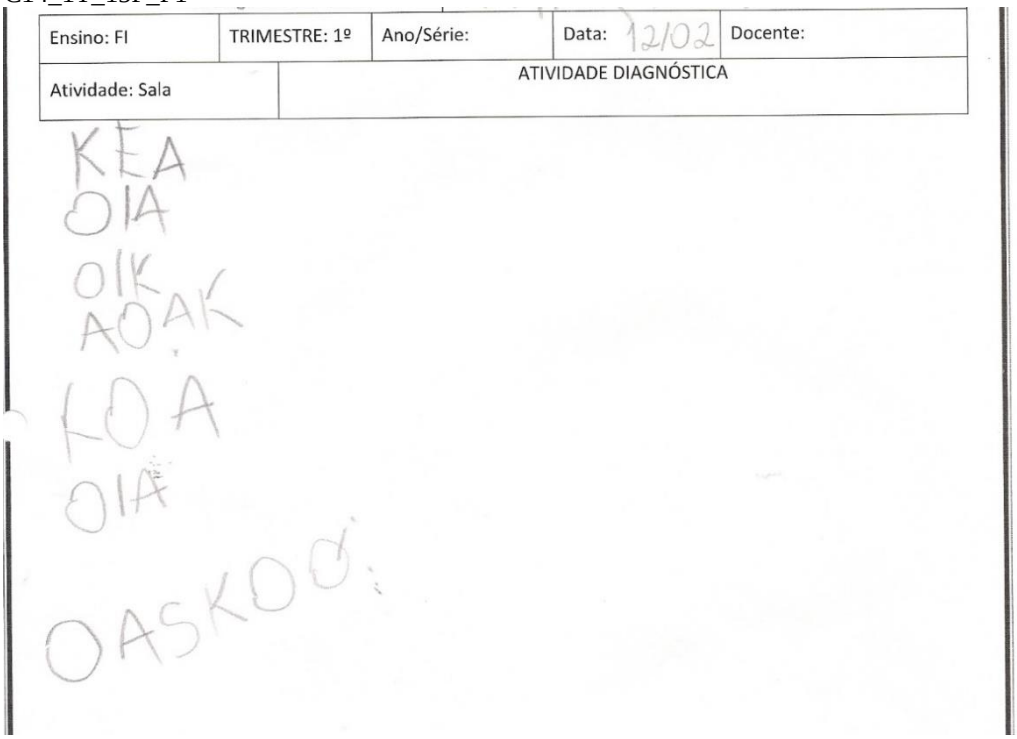
TFOUNI, L. Escrita, alfabetização e letramento. *Letramento e alfabetização.* 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002 [1995], p. 9-28.

WETZELS, W. L. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, The Netherlands, n. 9, p. 203-232, 1997.

ZATZ, L. *Era uma vez uma bruxa.* 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

ANEXO 1 – Exemplos de produções analisadas

C14_1T_15F_P1[9][10]



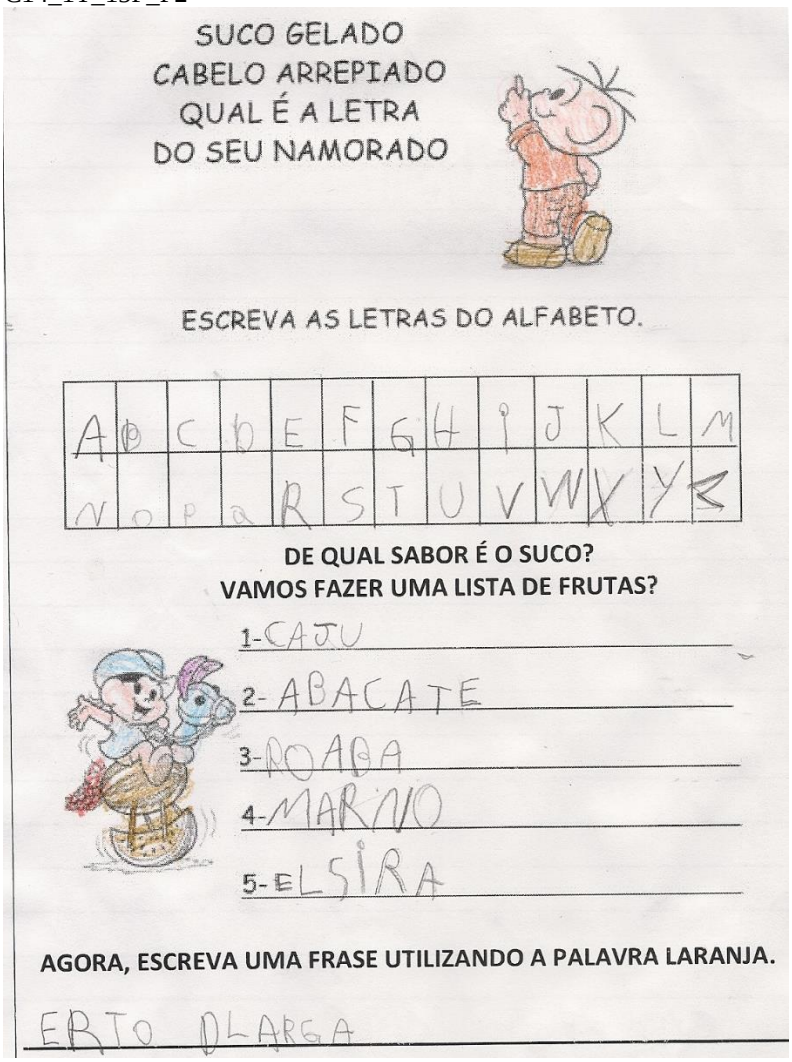
Ensino: FI	TRIMESTRE: 1º	Ano/Série:	Data: 12/02	Docente:
Atividade: Sala	ATIVIDADE DIAGNÓSTICA			

KEA
OIA
OIK
AOAK
KOA
OIA
OASKOO

[9] Em C14_1T_15F_P1, C se refere ao nome da escola (COOPEC), 14 se refere ao ano, 1 ao ano em que o aluno está cursando, T ao período (tarde), 15 se refere ao número do aluno (lista), F ao sexo (feminino), P à proposta de produção textual da qual decorre o enunciado e 1 se refere ao número da proposta. Na seqüência, o leitor encontrará o mesmo tipo de abreviação referindo-se aos outros enunciados produzidos.

[10] Leitura possível: *caneta, mochila, borracha, apontador, caderno, lápis, tesoura. Hoje fui comprar o material escolar.*

C14_1T_15F_P2[11]



[11] Leitura possível: *caju, abacate, goiaba, marmelo, melancia. Eu gosto de laranja.*

C14_1T_15F_P4[12]

Ensino: FI / 1º TRIMESTRE	Ano/Série: 1º ano	Data: 10 04 2014	Docente: SIMONE
Atividade:	PROJETO CHEGOU CARTA PARA VOCÊ		

CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO - CESTA DE DOCES

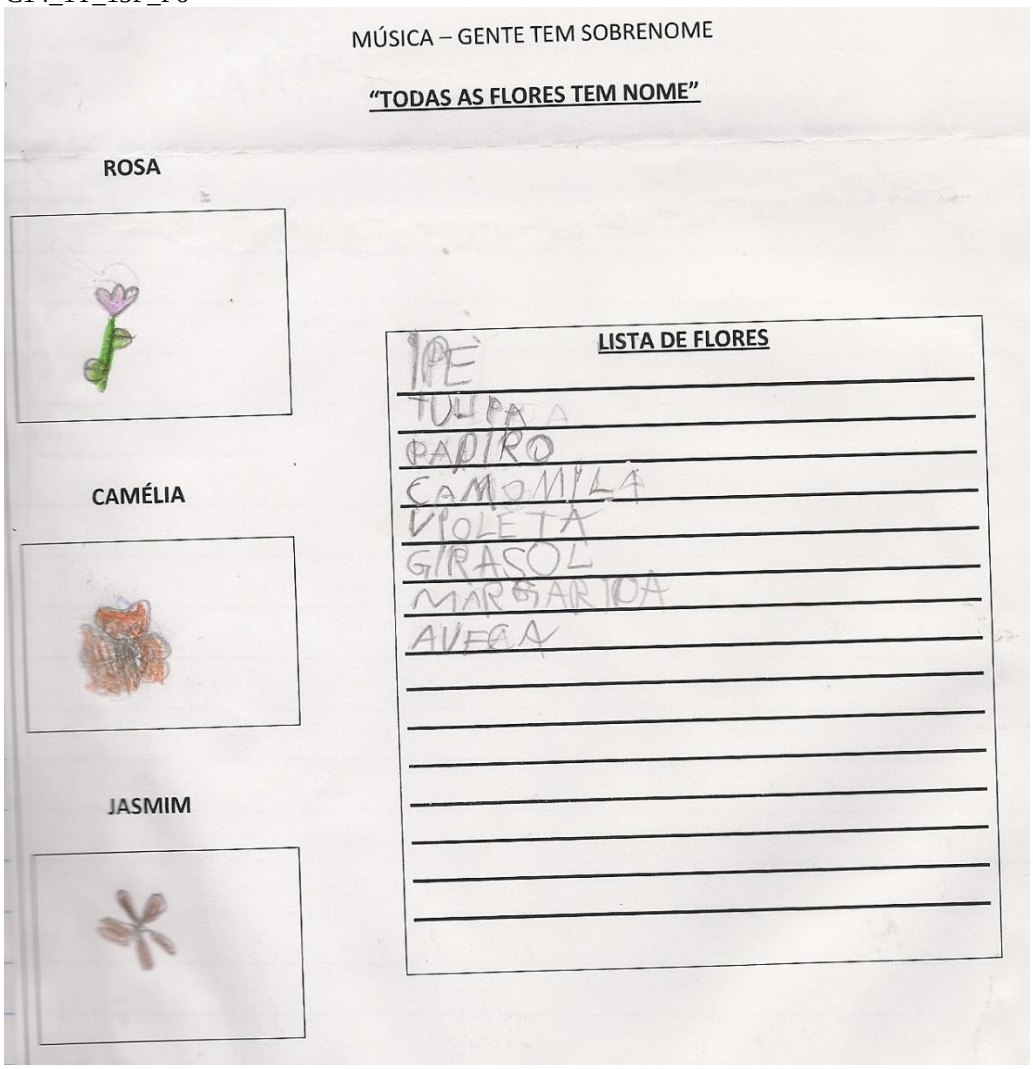
1. NA HISTÓRIA "CHAPEUZINHO VERMELHO", CHAPEUZINHO LEVAVA DOCES PARA A SUA AVÓ. E VOCÊ, QUAIS DOCES LEVARIA? FAÇA UM DESENHO PARA REPRESENTAR OS DOCES QUE VOCÊ GOSTARIA DE LEVAR.

2. AGORA, ESCREVA OS NOMES DOS DOCES QUE VOCÊ DESENHOU:

BALA
GOMINA
BOLACHA
PIRULITO
CHOCOLATE
SORVETE
CANJICA

[12] Leitura possível: *bala, gominha, bolacha, pirulito, chocolate, sorvete, canjica.*

C14_1T_15F_P6[13]



[13] Leitura possível: *ipê, tulipa, papiro, camomila, violeta, girassol, margarida, avenca.*

C14_1T_15F_P9[14]

Ensino: FI / 1º TRIMESTRE	Ano/Série:1ºano	Data: 26-5-2014	Docente: SIMONE
Atividade:	PROJETO CHEGOU CARTA PARA VOCÊ		

ATIVIDADE JOÃO E MARIA

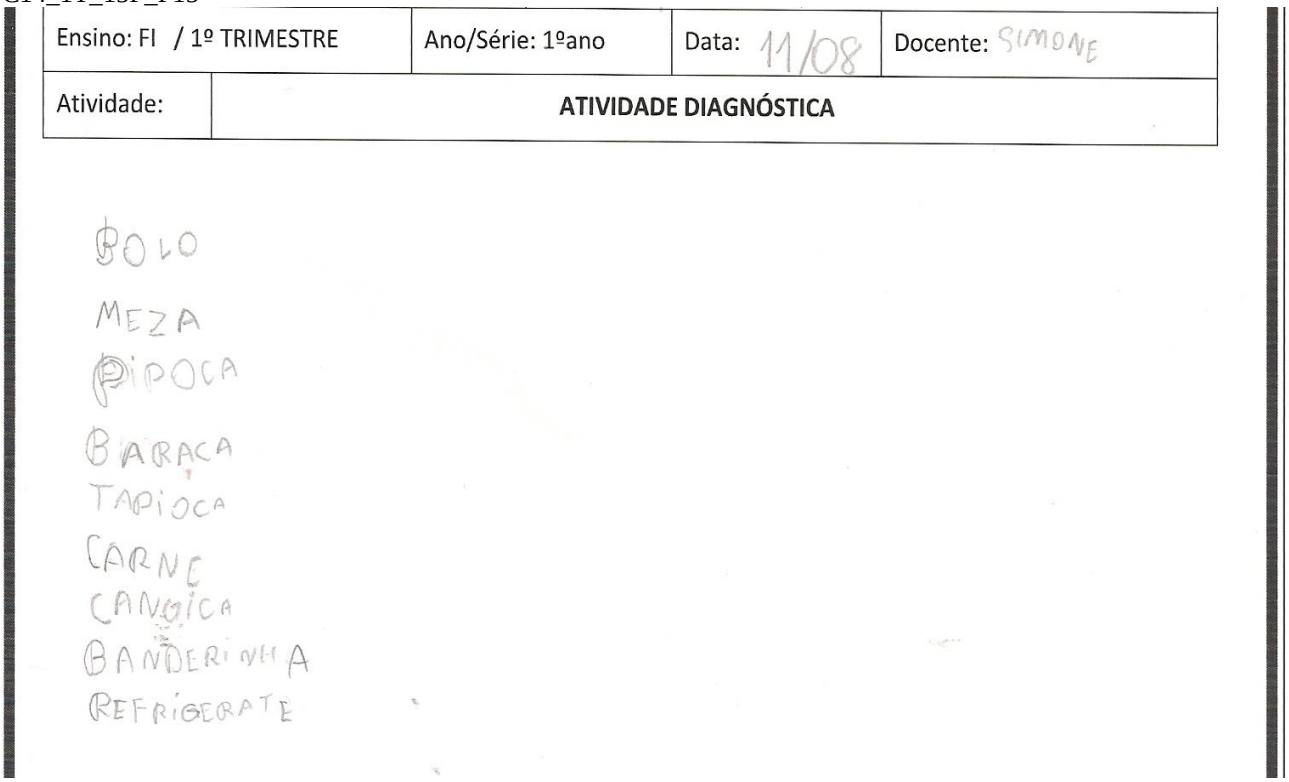
A CASA DA BRUXA ERA FEITA DE DOCES. VAMOS FAZER UMA LISTA DE DOCES!

1. BOLO
2. GOMA
3. PAVE
4. CAROLINA
5. GOIABADA
6. CHOLATA
7. SORVETE
8. BÉNGALA
9. CHÁ TILI

[14] Leitura possível: *bolo, goma, pavê, carolina, goiabada, chocolate, sorvete, bengala, chantili*

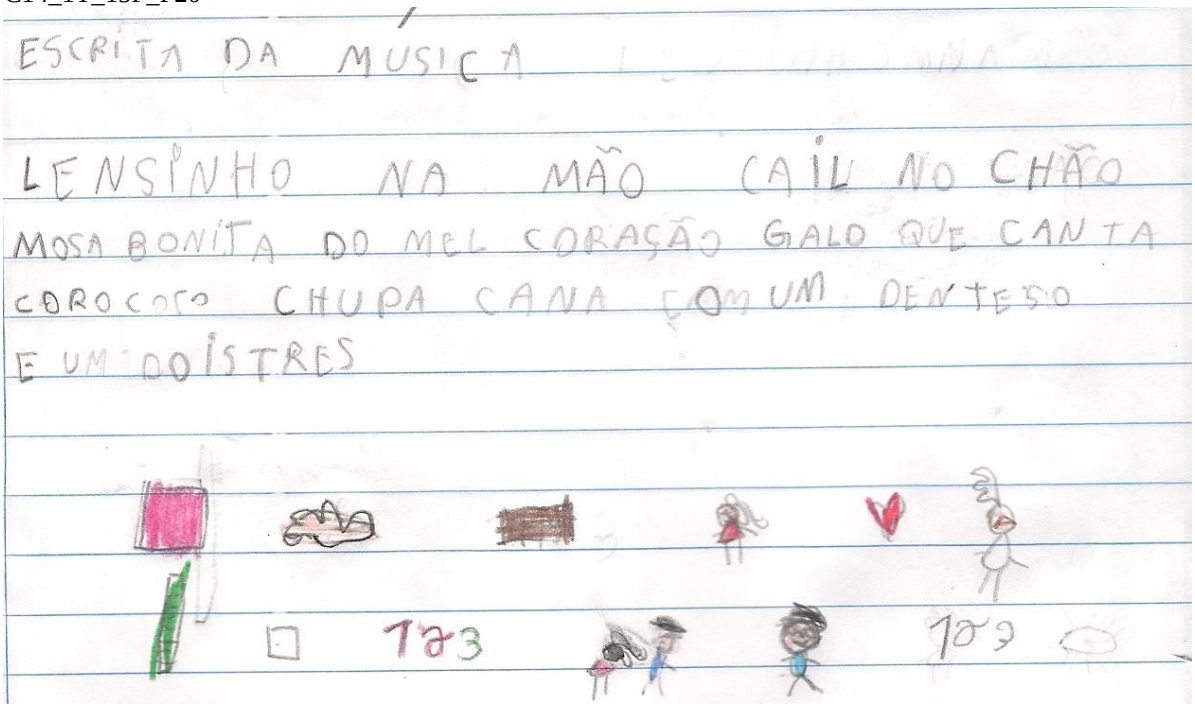
C14_1T_15F_P15[15]

Ensino: FI / 1º TRIMESTRE	Ano/Série: 1ºano	Data: 11/08	Docente: SIMONE
Atividade:	**ATIVIDADE DIAGNÓSTICA**		



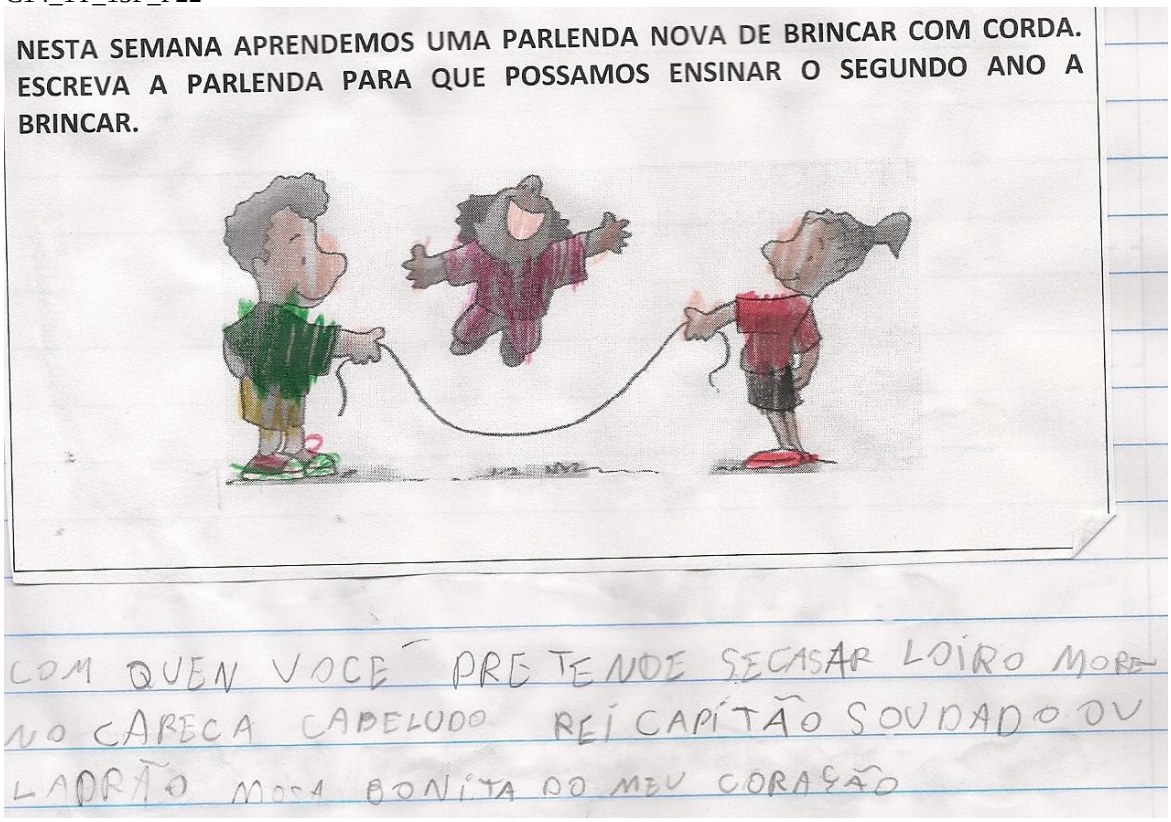
[15] Leitura possível: *bolo, mesa, pipoca, barraca, tapioca, carne, canjica, bandeirinha, refrigerante.*

C14_1T_15F_P20[16]



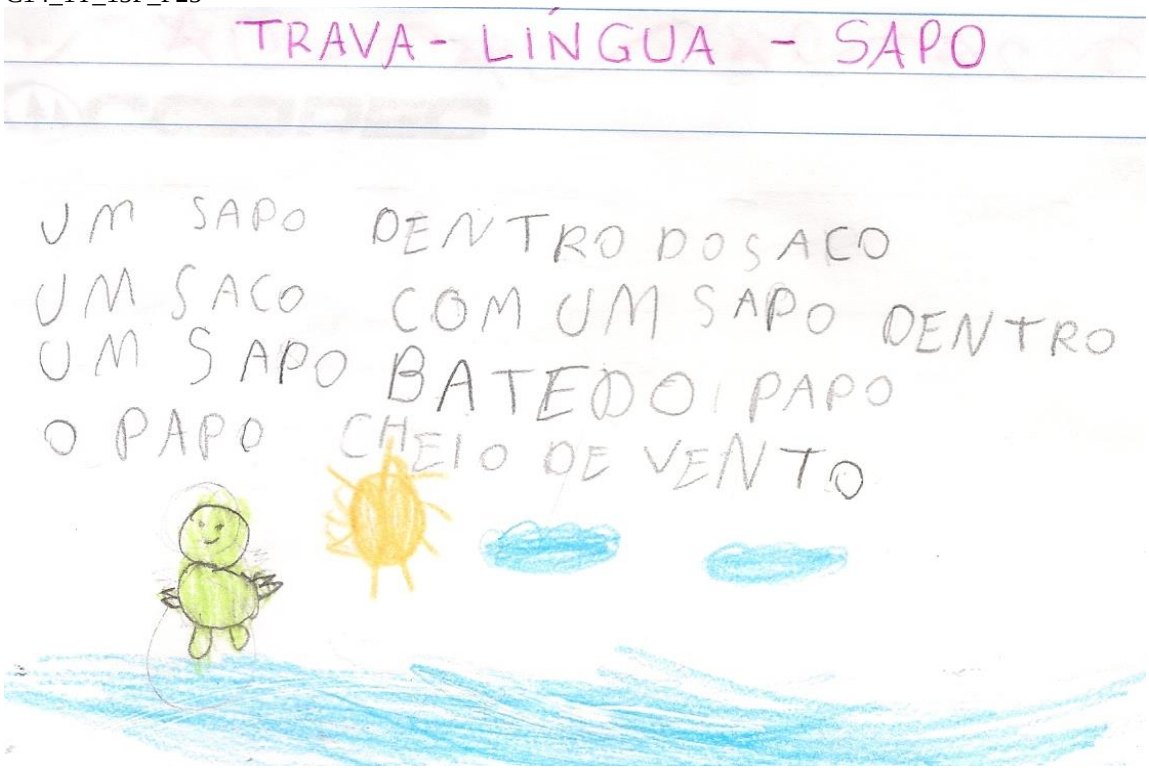
[16] Leitura possível: *Lencinho na mão caiu no chão moça bonita do meu coração galo que canta corococó chupa cana com um dente só é um é dois é três.*

C14_1T_15F_P22[17]

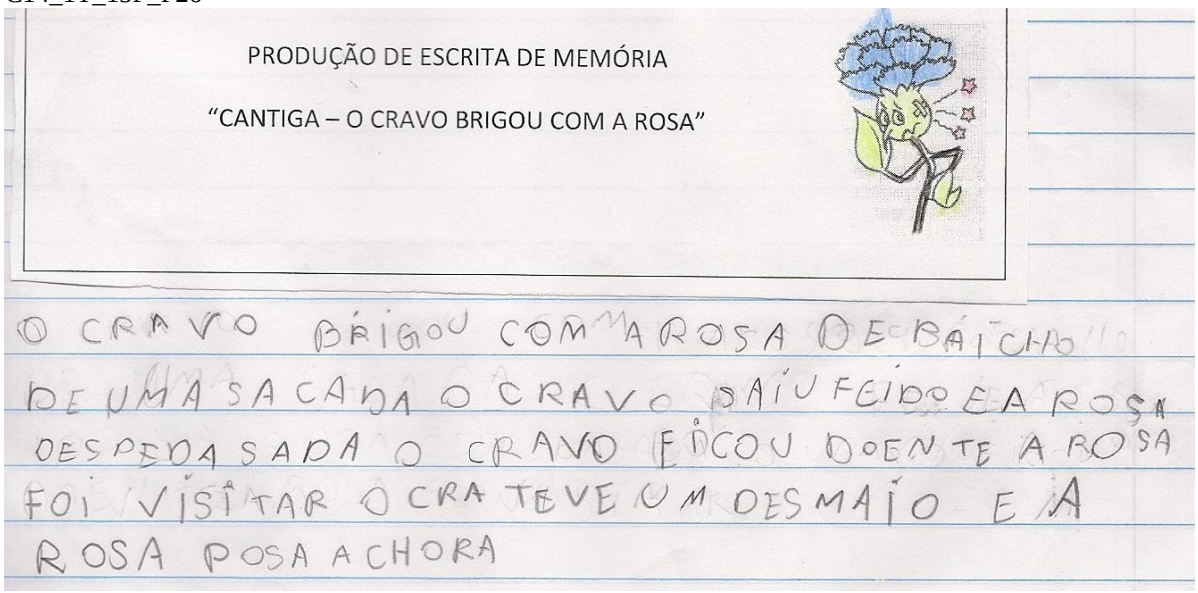


[17] Leitura possível: *Com quem você pretende se casar loiro moreno careca cabeludo rei capitão soldado ou ladrão moça bonita do meu coração.*

C14_1T_15F_P25[18]



C14_1T_15F_P26[19]



[18] Leitura possível: *Um sapo dentro do saco um saco com um sapo dentro um sapo batendo bapo o papo cheio de vento.*

[19] Leitura possível: *O cravo brigou com a rosa debaixo de uma sacada o cravo saiu ferido e a rosa despedaçada o cravo ficou doente a rosa foi visitar o cravo teve um desmaio e a rosa pôs-se a chorar.*

C14_1T_15F_P27[20]

Ensino: FI / 3º TRIMESTRE	Ano/Série:1ºano	Data: 3/10/2019	Docente: Simone
Atividade:			

PARLENDA – MEIA NOITE

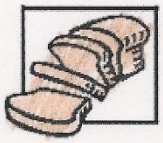
ESCREVA OS NOMES DOS DESENHOS E, EM SEGUIDA, PALAVRAS QUE RIMAM COM CADA UM.

→ BRUXA

RIMA COM: BUXA

→ MANTEIGA

RIMA COM: CHUTEIRA



→ PÃO

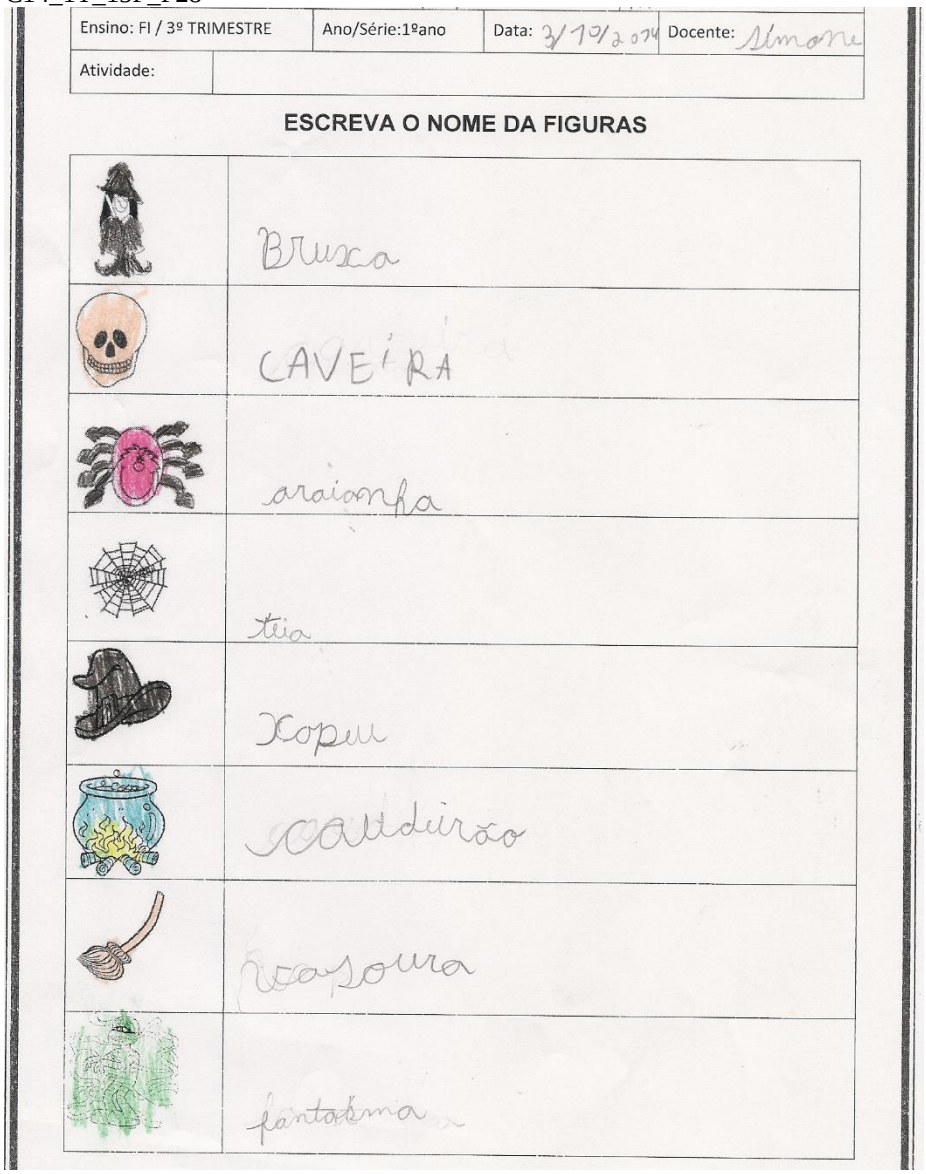
RIMA COM: JOÃO

→ FACA

RIMA COM: GATA

[20] Leitura possível: *bruxa, bucha, manteiga, chuteira, pão, João, faca, gata.*

C14_1T_15F_P28[21]



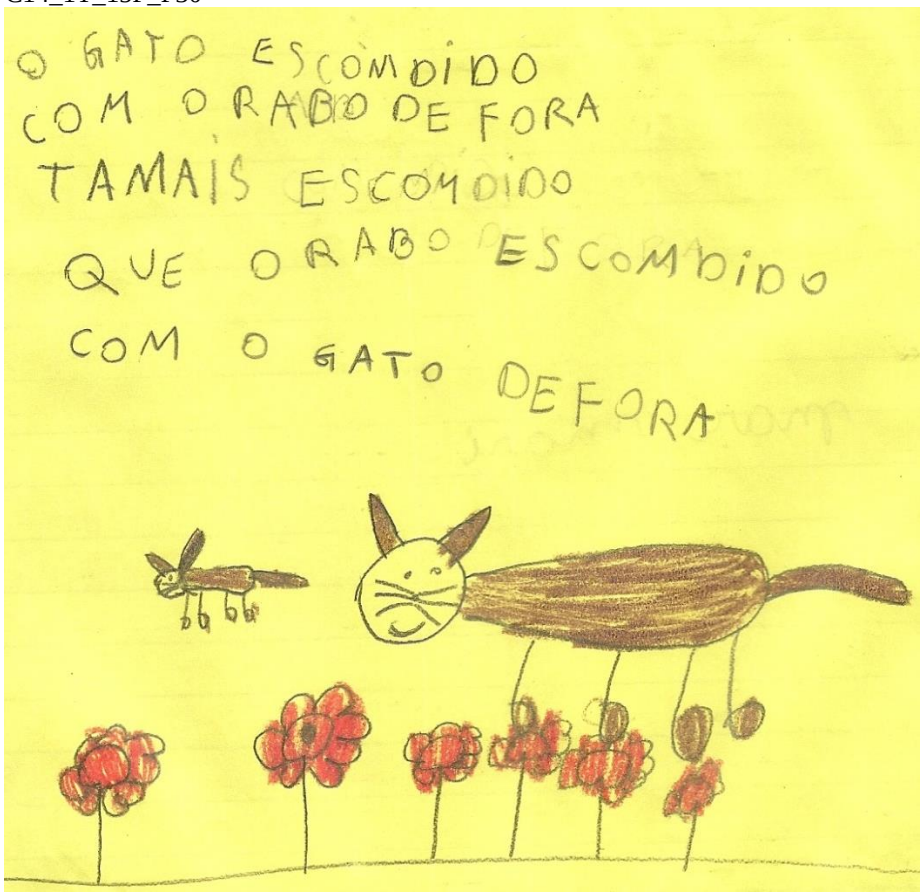
Ensino: FI / 3º TRIMESTRE	Ano/Série:1ºano	Data: 3/10/2024	Docente: Simone
Atividade:			

ESCREVA O NOME DA FIGURAS

	Bruxa
	CAVEIRA
	araionha
	tiia
	xopeu
	xalldirão
	xassoura
	fantasma

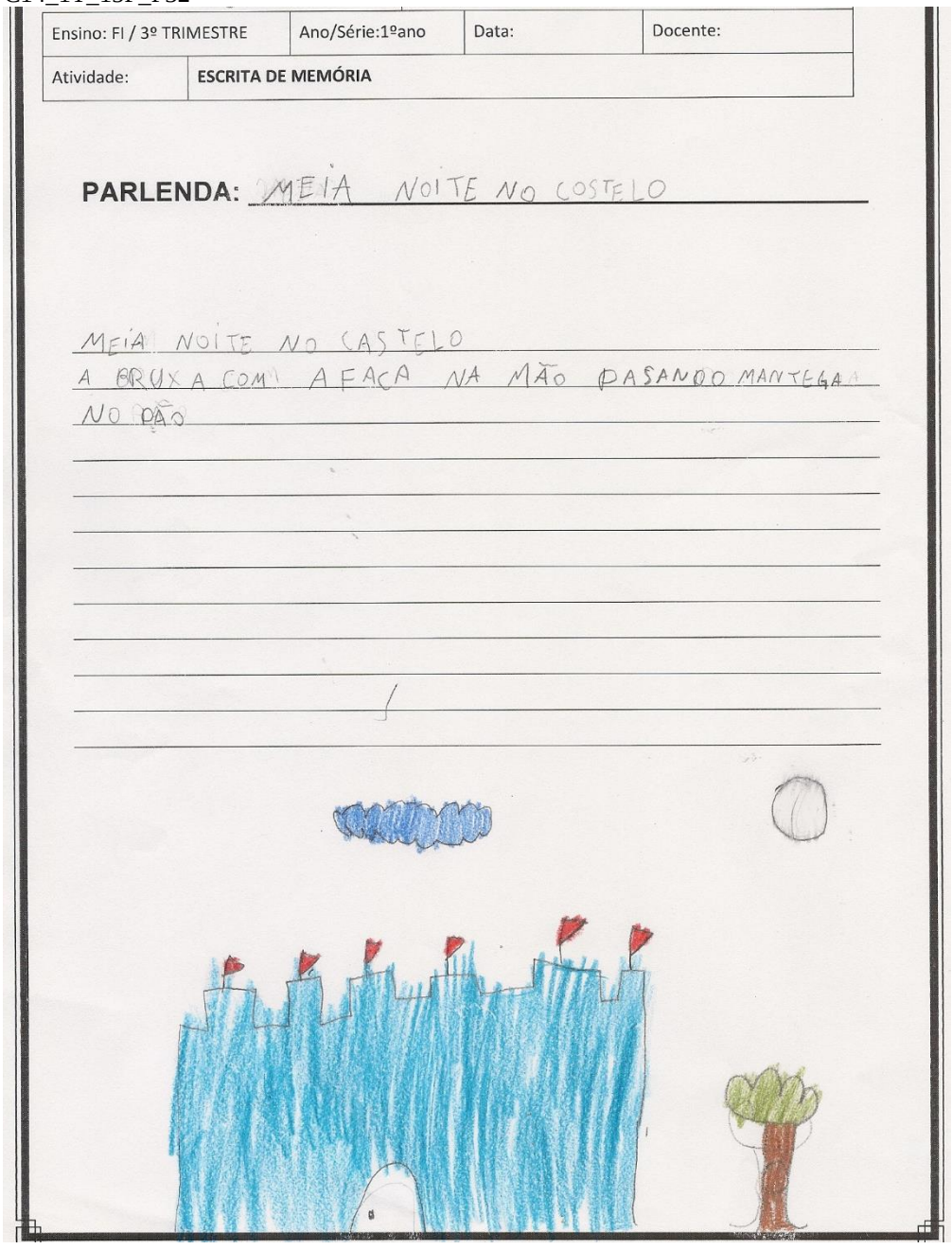
[21] Leitura possível: *bruxa, caveira, arainha, teia, chapéu, caldeirão, vassoura, fantasma.*

C14_1T_15F_P30[22]



[22] Leitura possível: *O gato escondido com o rabo de fora tá mais escondido que o rabo escondido com o gato de fora.*

C14_1T_15F_P32[23]



Ensino: FI / 3º TRIMESTRE	Ano/Série:1ºano	Data:	Docente:
Atividade:	**ESCRITA DE MEMÓRIA**		

PARLENDA: MEIA NOITE NO COSTELO

MEIA NOITE NO CASTELO
A BRUXA COM A FACA NA MÃO PASANDO MANTEGA
NO PÃO

[23] Leitura possível: *Meia noite no castelo – Meia noite no castelo a bruxa com a faca na mão passando manteiga no pão.*

C14_1T_15F_P33[24]

Ensino: FI / 3º TRIMESTRE	Ano/Série:1ºano	Data: 27/12/2024	Docente: Simone
Atividade:	CULINÁRIA		

Bolo formigueiro

INGREDIENTES:

3- OVOS
4- COLHERES (SOPA) DE MARGARINA
1- XÍCARA DE COCO RALADO
1- VIDRO DE LEITE DE COCO
3- XÍCARAS DE AÇÚCAR
4- XÍCARAS DE FARINHA
1- COPO DE LEITE
1- COLHER (SOPA) DE FERMENTO
1- XÍCARA DE CHOCOLATE GRANULADO

INGREDIENTES DA COBERTURA:

5 colheres (de sopa) de açúcar refinado
5 colheres (de sopa) de leite integral
3 colheres (de sopa) de chocolate em pó
1 colher (de sopa) de margarina sem sal

MODO DE PREPARO:

BATER MUITO BEM OS OVOS COM O AÇÚCAR E A MARGARINA. ACRESCENTAR OS DEMAIS INGREDIENTES AOS POUCOS.

COLOQUE A MASSA EM ASSADEIRA UNTADA COM ÓLEO E FARINHA DE TRIGO.

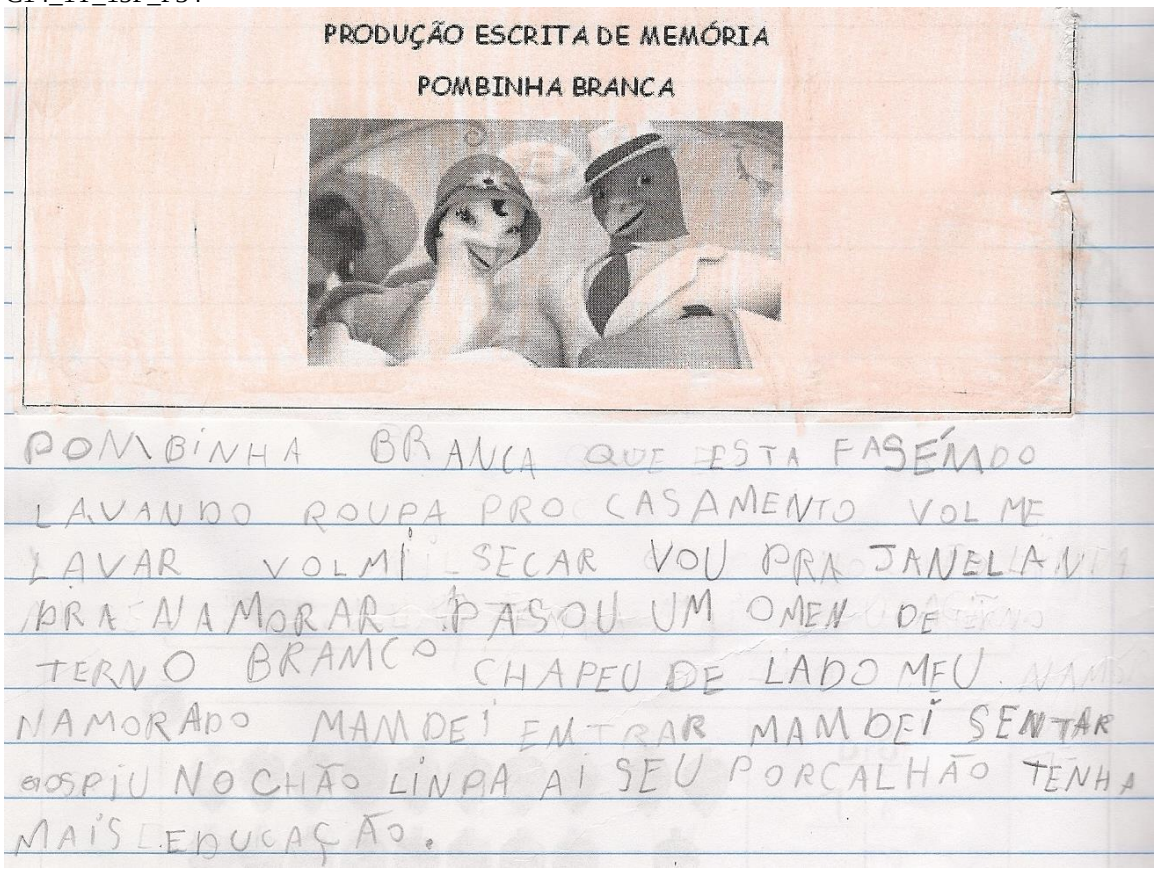
ASSAR POR 35 MINUTOS OU ATÉ QUE ESPETANDO UM PALITO NA MASSA SAIA SECO.

MODO DE PREPARO DA COBERTURA:

ENGROSSE TODOS OS INGREDIENTES EM FOGO BAIXO E EMPREGUE.

[24] Leitura possível: *Bolo formigueiro – 3 ovos, 4 colheres (sopa) de margarina, 1 xícara de coco ralado, 1 vidro de leite de coco, 3 xícaras de açúcar, 4 xícaras de farinha, 1 copo de leite, 1 colher (sopa) de fermento, 1 xícara de chocolate granulado.*

C14_1T_15F_P34[25]



[25] Leitura possível: *Pombinha branca que está fazendo lavando roupa pro casamento vou me lavar vou me secar vou pra janela pra namorar passou um homem de terno branco chapéu de lado meu namorado mandei entrar mandei sentar cuspiu no chão limpa aí seu porcalhão tenha mais educação*.

C14_1T_15F_P35[26]

Ensino: FI / 3º TRIMESTRE	Ano/Série:1ºano	Data:	Docente:
Atividade:			

CALDEIRÃO

ANOTE ALGUNS INGREDIENTES QUE VOCÊ GOSTARIA QUE A BRUXA COLOCASSE EM SEU CALDEIRÃO.

[26] Leitura possível: *Olho de barata, rabo de lagartixa, pé de aranha, lesma, dente de jacaré, bigode de bode.*